



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

ADRIANO RODRIGUES BIAJONE

A DIFERENÇA FAZ DIFERENÇA? PERSPECTIVAS DE JOVENS ESTUDANTES  
SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Marília  
2023

ADRIANO RODRIGUES BIAJONE

A DIFERENÇA FAZ DIFERENÇA? PERSPECTIVAS DE JOVENS ESTUDANTES  
SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional, da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, como requisito para a Obtenção do título de Mestre em Sociologia. Linha: Juventude e questões contemporâneas.

Orientador: Luís Antônio Francisco de Souza

Marília  
2023

B576d      Biajone, Adriano Rodrigues  
A diferença faz diferença? : Perspectivas de jovens  
estudantes sobre a diversidade sexual e de gênero / Adriano  
Rodrigues Biajone. -- Marília, 2023  
179 p. + objeto educacional

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual  
Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília  
Orientadora: Luis Antônio Francisco de Souza

1. Sociologia. 2. Ensino Secundário. 3. Juventude. 4.  
Identidade de gênero na educação. 5. Identidade sexual na  
educação. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ADRIANO RODRIGUES BIAJONE

A DIFERENÇA FAZ DIFERENÇA? PERSPECTIVAS DE JOVENS ESTUDANTES  
SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional, da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, como requisito para a Obtenção do título de Mestre em Sociologia. Linha: Juventude e questões contemporâneas.

APROVADA EM 26/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador Prof. Dr. Luis Antônio Francisco de Souza  
Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

---

Profa. Dra. Maria Valéria Barbosa  
Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

---

Prof. Dr. Djalma Thürler  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dedico essa dissertação a todas, todes e todos estudantes da educação básica pública, que com suas existências, seus questionamentos, quebram tabus na escola e provocam "desaprendizagens" de profissionais da educação, contribuindo assim, com a *"trans\_ formação continuada"* na direção de uma sociedade humanamente diferente e totalmente livre.

Dedicação especial à memória de Marcelo, Camilo, Camila e Mateus, estudantes que em suas breves existências, deixaram um brilho que continua a inspirar-nos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os afetos recebidos, durante esse período do curso, em especial...

Aos afetos e orações da minha mãe Vilma, mulher tão dedicada, generosa, compromissada, que transforma a vida das pessoas à sua volta, e faz da sua presença o meu melhor lugar do mundo para se estar.

Aos afetos do meu pai, Anélio, que na sua simplicidade e sabedoria quilombola, me inspiram a conectar com a natureza, com meus antepassados, com as pessoas mais vulnerabilizadas, e a levar a vida com leveza e alegria.

Aos afetos do meu irmão Alison, que na sua sensibilidade, idealismo e otimismo sempre me dão força, seja para novas jornadas ou para as jornadas já existentes.

Aos afetos diários, intensos e cheios de amor, do meu companheiro, amigo, amante, namorado, marido, Weslen, que fez da minha última década, e promete para as próximas sete, momentos especiais, felizes, plenos, intensos, sendo meu apoio, me tornando mais corajoso para ser a minha melhor versão nessa vida.

Aos afetos recebidos pelo meu "filhote bichológico" Simba, que na presença constante trouxe uma sensação de conforto e alegria. Além disso, as caminhadas matinais proporcionaram momentos de descontração e clareza mental que foram fundamentais para minha criatividade e produtividade.

Aos afetos recebidos de pessoas tão especiais, que com suas existências, posicionamento no mundo, e especialmente, no apoio para a realização desse trabalho, tornaram esse período menos difícil: Ana, Andréia, Beatriz, Cassiana, Cecília, Chico, Clarissa, Denise, Diego, Elon, Fernanda, Glauco, Herivelto, Jane, João Pedro, Jessé, Joaquina, Kelly, Laís, Leandro, Ligia, Luana, Lúcia, Ilza, Julinha, Maria da Luz, Maria do Carmo, Marco, Mariana, Nida, Neide, Pâmela Carla, Pâmela Francelino, Rodrigo, Sara, Silvana, Selma, Simone, Tiago, Vanderleia e Vergínia.

Aos afetos das colegas, que com suas experiências trouxeram discussões que aumentaram o nível do curso. Foram exemplos de dedicação à excelência acadêmica,

e compromisso social que nos mostraram que a educação não é apenas sobre livros e teorias, mas também sobre tornar o mundo um lugar melhor. Meus agradecimentos a Camilla, Daniele, Débora, Beth, Gisele, Juliana, Maiara, Priscila, Simone, Vanessa e Tamires.

Aos afetos de professoras/es, do ProfSocio que contribuíram com minha formação acadêmica nos últimos dois anos, em especial para as professoras, incríveis pela trajetória de vida, que inspira, e pela produção intelectual que tanto revoluciona: Sueli Mendonça, Valéria Barbosa, Angélica Lovatto, Rosângela Viera, Ana Paula Cordeiro.

Aos afetos generosos, com observações estruturantes sobre esse trabalho realizadas na qualificação, à professora Camila Rodrigues Silva e ao Professor Ricardo Desidério da Silva. Espero que nossas leituras de mundo continuem se encontrando.

Aos afetos da professora Valéria Barbosa, que apareceu na minha história e ofereceu as melhores possibilidades de fazer ciência. Trouxe o rigor científico a partir de uma ciência afetiva, possível, no alcance da sala de aula. Ela esteve comigo. Ela está comigo. Ela estará comigo. Muita gratidão professora!

Aos afetos do professor Luís Antônio, que me orientou no sentido de mostrar que eu tinha a capacidade para estar onde estava, encorajou a continuar e me ensinou a enxergar alegria em todo o processo de formação. Por me acolher e acreditar nas minhas possibilidades de desenvolvimento, muita gratidão professor!

Agradecimentos especiais às/aos trabalhadoras que compõem o Centro de Inclusão Educacional, a Coordenadoria de Políticas para a Diversidade Sexual da SJC, a Diretoria Regional de Ensino de Apiaí, e a ONG Vote LGBT, que oportunizaram condições materiais que contribuíram com o alcance desse trabalho.

Muito obrigado a todas e todos vocês, por me tornar, ainda mais, uma pessoa AFETADA!

Nem todas as pessoas falam do mesmo lugar social e possuem as mesmas relações como as estruturas de opressão. Não se pode negar a existência de “lugar de fala”, mas precisamente se deve frisar que “lugares de fala” ou ainda “sujeitos de discurso” são expressões que se pronunciam sempre no plural. Nesse sentido, falta ainda aprendermos a valorizar a fala e a escuta de todos. A busca por todas as distintas experiências deve ser incessante e, ainda que não seja fácil de ser atingida (se é que pode ser plenamente atingida), serve como um referencial para a busca de um novo universalismo mais aberto, diverso e democrático. (Renan Quinalha)

## RESUMO

A presente pesquisa parte do interesse em conhecimentos didáticos que promovam o entendimento da temática da diversidade sexual e de gênero nas escolas. Para a realização dessa pesquisa foi adotada a pesquisa-ação, pois esse método visa elucidar problemas sociais relevantes por meio da participação de grupos interessados na sua resolução. Pretende-se contribuir para o entendimento das necessidades de jovens estudantes em relação à temática e buscar soluções didáticas para transformar a situação atual. A dissertação aborda os tabus no ambiente escolar, enfatizando a importância de tornar a escola um espaço propício para reflexões e debates sobre diversidade e liberdade de expressão. O grupo focal realizado com estudantes do ensino médio revelou a falta de abordagem da diversidade sexual e gênero na escola e a necessidade de materiais adequados, bem como da adoção de novas posturas e necessidades de aprendizagens por parte do corpo docente. A partir disso, foi realizada uma formação para as equipes gestoras das escolas estaduais da Regional de Apiaí - SP, sendo destacadas a importância do diálogo e da abordagem lúdica, e manifestaram interesse no tema e na necessidade de implementar estratégias eficazes na abordagem sobre a diversidade sexual e de gênero, resultando no que chamamos de "Trans\_ formação Continuada". A experiência pedagógica promoveu o respeito às diferenças e combate a opressão por meio de práticas educativas adequadas à realidade, reforçando a importância de abordar essas questões na escola, como estratégia de inclusão e de promoção de uma educação livre de preconceitos. Como resultado desta experiência, são apresentados dois recursos pedagógicos para professores e professoras desenvolverem atividades relacionadas à diversidade sexual e de gênero. O primeiro recurso, um roteiro detalhado para realização de grupo focal, que permite conhecer as perspectivas de jovens estudantes e identificar ações necessárias a ser desenvolvidas na escola e o segundo recurso, a apresentação de Estudos de Casos, que utilizados em formação de professoras e professores, podem contribuir com o enfrentamento da LGBTIfobia na escola.

**Palavras-chave:** Gênero e diversidade sexual. Jovens estudantes. Ensino médio. Pesquisa-ação.

## ABSTRACT

The present research is motivated by an interest in didactic knowledge that promotes understanding of the theme of sexual and gender diversity in schools. To carry out this research, action research was adopted, as this method aims to elucidate relevant social problems through the participation of groups interested in their resolution. The intention is to contribute to understanding the needs of young students regarding the theme and to seek didactic solutions to transform the current situation. The dissertation addresses taboos in the school environment, emphasizing the importance of making the school a conducive space for reflections and debates on diversity and freedom of expression. The focus group conducted with high school students revealed the lack of an approach to sexual and gender diversity in schools and the need for appropriate materials, as well as the adoption of new attitudes and learning needs on the part of the teaching staff. Based on this, a training session was conducted for the management teams of state schools in the Apiaí region of São Paulo, highlighting the importance of dialogue and a playful approach. They expressed interest in the topic and the need to implement effective strategies for addressing sexual and gender diversity, resulting in what we call "Continuous Trans\_formation." The pedagogical experience promoted respect for differences and the fight against oppression through educational practices suitable for the reality, reinforcing the importance of addressing these issues in schools as a strategy for inclusion and the promotion of prejudice-free education. As a result of this experience, two pedagogical resources are presented for teachers to develop activities related to sexual and gender diversity. The first resource is a detailed guide for conducting focus groups, which allows for understanding the perspectives of young students and identifying necessary actions to be developed in the school. The second resource is the presentation of case studies, which, when used in teacher training, can contribute to combating LGBTIphobia in schools.

**Keywords:** Gender and sexual diversity. Young students. High school. Action research.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1 — Identificação - Jovens Estudantes participantes do grupo focal ..... | 63  |
| Quadro 1 — Dúvidas e sugestões relacionadas à Diversidade Sexual e Gênero....   | 78  |
| Gráfico 1 — Escolhas individuais sobre temas a ser trabalhado na escola .....   | 83  |
| Retrato 1 — Os cinco temas prioritários para o grupo .....                      | 86  |
| Imagem 1 — Nuvem de palavras: Referências LGBTQIA+ .....                        | 87  |
| Quadro 2 — Referências LGBTQIA+ listadas pelo grupo .....                       | 87  |
| Diagrama 1 — Perspectivas e necessidades coletivas .....                        | 94  |
| Quadro 3 — Dúvidas sobre a Diversidade Sexual e de Gênero .....                 | 96  |
| Tabela 2 — Pesquisas relacionadas a violência nas escolas .....                 | 112 |
| Quadro 4 — Legislações que subsidiam o trabalho com a temática.....             | 123 |
| Quadro 5 — O que foi aprendido com o encontro.....                              | 126 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|           |                                                                                          |
|-----------|------------------------------------------------------------------------------------------|
| ABGLT     | Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos |
| BNCC      | Base Nacional Comum Curricular                                                           |
| CAPES     | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior                              |
| CINC      | Centro de Inclusão Educacional                                                           |
| CNCD-LGBT | Conselho Nacional de Combate a Discriminação LGBT                                        |
| CNE       | Conselho Nacional de Educação                                                            |
| COPED     | Coordenadoria Pedagógica                                                                 |
| DEMODO    | Departamento de Modalidades Educacionais e Atendimento Especializado                     |
| DER       | Diretoria de Ensino Regional                                                             |
| ECA       | Estatuto da Criança e do Adolescente                                                     |
| EDSG      | Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero                                           |
| HIV/AIDS  | Vírus da Imunodeficiência Humana/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida                 |
| IDESP     | Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo                             |
| IST       | Infecções Sexualmente Transmissíveis                                                     |
| LDBEN     | Lei de Diretrizes e Bases da Educação                                                    |
| LGBTQIA+  | Lésbica, Gays, Bissexuais Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais e mais.              |
| MEC       | Ministério da Educação                                                                   |
| OCDE      | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico                                |
| ODS       | Objetivos de Desenvolvimento Sustentável                                                 |
| ONU       | Organização das Nações Unidas                                                            |
| PCN       | Parâmetros Curriculares Nacionais                                                        |
| PEI       | Programa Ensino Integral                                                                 |
| PIBID     | Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência                                  |
| PNE       | Plano Nacional de Educação                                                               |
| PNLD      | Programa Nacional do Livro e do Material Didático                                        |
| PQE       | Programa Qualidade da Escola                                                             |
| PROFSOCIO | Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional                                     |
| SEDUC     | Secretaria da Educação                                                                   |

|        |                                                                  |
|--------|------------------------------------------------------------------|
| SINAJU | Sistema Nacional de Justiça                                      |
| STF    | Supremo Tribunal Federal                                         |
| TALE   | Termo de Assentimento Livre e Esclarecido                        |
| TCC    | Trabalho de Conclusão de Curso                                   |
| TCLE   | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido                       |
| TSE    | Tribunal Superior Eleitoral                                      |
| UFBA   | Universidade Federal da Bahia                                    |
| UNDIME | União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação             |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura |

## SUMÁRIO

|         |                                                                                                     |     |
|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1       | <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                             | 13  |
| 2       | <b>PONTO DE PARTIDA: CONHECER OS CONCEITOS BÁSICOS</b> .....                                        | 23  |
| 2.1     | A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA PESQUISA CIENTÍFICA<br>.....                                    | 23  |
| 2.1.1   | PESQUISA-AÇÃO: DESAFIOS DA REALIZAÇÃO DE GRUPOS FOCAIS<br>COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.....       | 30  |
| 2.1.2   | O Grupo focal como estratégia de pesquisa.....                                                      | 33  |
| 3       | <b>PONTO DE CONVERGÊNCIA: SENSIBILIZAR COM O ENSINO MÉDIO</b><br>.....                              | 36  |
| 3.1     | A REFORMA DO ENSINO MÉDIO.....                                                                      | 37  |
| 3.2     | O CONTEXTO PAULISTA.....                                                                            | 39  |
| 3.2.1   | O Currículo Paulista.....                                                                           | 40  |
| 3.3     | O ENSINO DE SOCIOLOGIA.....                                                                         | 41  |
| 4       | <b>PONTO DE FALA E ESCUTA: PROMOVER AÇÕES DE DIVERSIDADE<br/>SEXUAL E DE GÊNERO NA ESCOLA</b> ..... | 46  |
| 4.1     | AS TENSÕES DO DEBATE NA ESCOLA. ....                                                                | 50  |
| 4.2     | REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL.....                                                                      | 60  |
| 4.2.1   | O Dia do Grupo Focal.....                                                                           | 62  |
| 4.2.1.1 | Primeira parte: O entendimento de estudantes. ....                                                  | 65  |
| 4.2.1.2 | Segunda parte: a presença e ausência da temática na escola.....                                     | 71  |
| 4.2.1.3 | Terceira parte: reflexões sobre as violações e violências.....                                      | 73  |
| 4.2.1.4 | Quarta parte: sugestões para o trabalho na escola.....                                              | 78  |
| 5       | <b>PONTO DE TRANS_FORMAÇÃO CONTINUADA: INTERVENÇÃO<br/>PEDAGÓGICA</b> .....                         | 91  |
| 5.1     | A "TRANS_FORMAÇÃO CONTINUADA".....                                                                  | 92  |
| 6       | <b>O PONTO DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                       | 132 |
|         | <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                            | 137 |
|         | ANEXO A — ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE GRUPO FOCAL.....                                               | 145 |
|         | ANEXO B — ESTUDOS DE CASOS: Trans_ formação Continuada.....                                         | 157 |
|         | ANEXO C — Depoimento sobre a intervenção pedagógica.....                                            | 168 |

## 1 INTRODUÇÃO

contar histórias  
através das linhas de nossas mãos  
pontos, correntes,  
violetas, parras e hastes  
trançadas em nós  
(Alex Simões)

Trabalhar com tabus no ambiente escolar é desafiador pela maneira naturalizada com a qual os tabus se colocam na sociedade brasileira contemporânea. Os tabus produzem, acima de tudo, processos complexos de discriminação e de segregação, que velam essas discussões e garantem a reprodução de valores sociais excludentes.

A escola, como um aparato social, possui influência e influencia modos de pensar e se colocar no mundo, apresentando como um potente espaço para reflexões e debates, para que a diversidade e a liberdade de expressão estejam presentes. Além disso, a escola produz efeitos extra muro, o que permite colocar essas discussões em pauta em outros cenários da vida de jovens estudantes (Freitas et al., 2018).

Essas preocupações se intensificaram a partir de setembro de 2017, quando fui aprovado no concurso público de Professor de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, na disciplina de sociologia no ensino médio, em uma escola do interior paulista. Mesmo com poucos meses de trabalho, consegui estabelecer relações próximas com as/os jovens estudantes, o que permitiu o fortalecimento dos vínculos.

Nesse período, as/os estudantes traziam muitas questões relacionadas à diversidade sexual e gênero, tanto durante as aulas e como nos intervalos, que provocavam grande interesse e participação. Além da confiança conquistada entre as/os estudantes, tinha a percepção de que essa aproximação também estava relacionada com minha inserção docente, pelo acolhimento que realizava e por conversar sobre a minha identidade de gênero e minha orientação sexual com muita tranquilidade, tendo em vista que sou um homem cisgênero e gay, que fala com muita franqueza sobre a homo afetividade e aspectos das vivências LGBTQIA+.

No espaço escolar brasileiro, declarar pertencer a qualquer uma das identidades diferente da heterossexualidade, pode envolver diversos desafios decorrentes do preconceito e da discriminação, sejam relacionados ao ambiente escolar hostil, falta de representatividade, dificuldades na abordagem de temas LGBTQIA+, risco de demissão ou retaliação, ausência de leis abrangentes de proteção, e outras.

Ao longo da minha trajetória docente, a falta de representatividade foi uma constante, pois percebia a ausência do tema da diversidade sexual e gênero nos currículos e materiais didáticos. Além disso, era raro encontrar colegas que compartilhassem identidades diferentes da heterossexual, o que muitas vezes me deixava como o único professor LGBTQIA+ presente na escola. Essa situação aumentava a importância do meu papel em contribuir para a autoestima e o senso de pertencimento dessas/es jovens estudantes, oferecendo-lhes uma figura com a qual pudessem se identificar e se sentir representados.

Nas escolas que trabalhei, tive apoio para desenvolver os temas a que me propunha, sem dificuldades expressas ou reações negativas que pudessem dificultar a promoção de uma educação inclusiva e livre de preconceitos. Ao contrário, fui uma referência no trabalho com a inclusão e a promoção da diversidade.

Em 2018, a escola em que trabalhava aderiu ao Programa de Ensino Integral (PEI), que como proposta pedagógica, além da expansão do tempo (carga horária até de nove horas e meia) e da dedicação exclusiva do corpo docente, também apresenta novas abordagens pedagógicas onde, as e os estudantes passam a ter uma matriz curricular diferente, com inclusão de disciplinas voltadas para a orientação de estudos, práticas de ciências, tutorias personalizadas com uma professora ou um professor, além dos clubes juvenis, em que estudantes se organizam de acordo com temas de interesse, como dança, xadrez, debates e outros.

Entre as estratégias do programa estava a inserção de disciplinas eletivas, dentro do currículo diversificado, que contava com a participação de duas professoras ou dois professores de disciplinas distintas, para ampliar o repertório cultural a partir do projeto de vida das e dos estudantes. Escolhiam livremente as quais pretendiam cursar, e frequentavam aulas com estudantes de turmas diferentes, e ao final participavam de uma culminância na realização de um produto ou evento compartilhado com toda a escola.

Juntamente com uma professora de língua portuguesa, ofereci a disciplina que denominamos “*Quebrando Tabu*”, que discutiu temas sugeridos pelas e pelos jovens estudantes, buscando aumentar a percepção do preconceito e da discriminação na realidade vivenciada, contribuir com o desenvolvimento da formação da subjetividade e articular com a desnaturalização da realidade.

Nas primeiras aulas, as e os jovens estudantes escolheram os temas sobre quais contemplam os maiores tabus na sociedade. Entre os apontados foram: Preconceito, Discriminação, Gênero, Racismo, Sexualidade, Drogas, Violência, Diversidade cultural, Deficiências, Morte, Intolerância Religiosa. A partir disso, definiram os temas de maiores interesses para discussão com o grupo, sendo escolhidos os temas: Preconceito, Discriminação, Gênero e Sexualidade.

Foram realizados quinze encontros, com duração de duas aulas de cinquenta minutos semanais, utilizando a estratégia da Roda de Conversa, com apoio de materiais como letras de músicas, filmes, dinâmicas, participação de pessoas da comunidade, que buscaram a reflexão das e dos jovens estudantes, sobre os temas da identidade, a socialização de homens e mulheres, as implicações culturais, gravidez na adolescência, métodos preventivos de infecções sexualmente transmissíveis (IST's), igualdade de gênero, prevenção à LGBTIfobia, violência de gênero e a Lei Maria da Penha.

Nessas aulas trabalhamos a mudança do termo "Doenças Sexualmente Transmissíveis" (DST) para "Infecções Sexualmente Transmissíveis" (IST), que ocorreu devido a uma atualização na linguagem de saúde pública, que reconhece as ocorrências de infecções mesmo em desenvolvimento de doenças, destacando a importância da prevenção, testagem e tratamento, independentemente da presença de sintomas.

O entendimento trabalhado nas aulas, foi da LGBTIfobia como a discriminação, preconceito ou violência direcionada a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais (LGBTI). No trabalho com a Lei Maria da Penha, que combate à violência doméstica e familiar contra a mulher, apesar de não ser uma lei específica educacional, retomamos que ela também enfatiza a importância da educação, garantindo às mulheres em situação de violência o acesso à educação e à qualificação profissional e prevê a inclusão nos currículos escolares de conteúdos sobre direitos humanos, igualdade de gênero e enfrentamento à violência contra a

mulher, visando promover a conscientização e a formação de uma cultura de respeito e igualdade nas escolas.

Inicialmente tivemos receio que as e os jovens estudantes não aderissem à disciplina ofertada, o que representaria o não interesse em discutir as questões. No entanto, 18 estudantes iniciaram cursando e com o passar das semanas, com a repercussão das aulas, outras/os jovens estudantes se matricularam, totalizando 32 estudantes concluintes, o que confirma o interesse e a curiosidade das e dos jovens em discutir esses temas.

Nas avaliações sobre a disciplina, as e os jovens estudantes trouxeram a importância das discussões na descoberta de sua identidade e adoção de novas práticas não violentas; indicaram a aceitação da diferença e diminuição da timidez para tratar de assuntos relacionados com a sexualidade; o aprendizado no uso de preservativos e indicaram a ausência de espaços na escola para apresentarem suas opiniões e desconstruir conceitos relacionados as questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual.

No ano letivo de 2019, ofereci, junto com a professora de educação física, a disciplina eletiva “*Debate Bola*” que discutia as questões de diversidade sexual e gênero aliadas com o esporte. A disciplina que contava com duas aulas semanais, intercalava, atividades esportivas com debates que provocavam estudantes a se colocarem em determinada situação problematizadora, tomando decisões e, principalmente, identificando os obstáculos e dificuldades enfrentados por jovens, da mesma faixa etária, no que diz respeito a sua sexualidade e saúde reprodutiva e emocional.

Para isso, foi utilizado o jogo “EM SEU LUGAR”, desenvolvido pela Fundação Pró Mundo, que possibilita aos participantes, composto por seis histórias diferentes contada através de cartas, que traziam a apresentação dos personagens, as situações problemas e cartões com as demais possibilidades de continuação do jogo, que eram escolhidas pelas e pelos estudantes. As histórias propiciaram reflexão sobre gravidez na adolescência, a vivência com HIV, situações bullying na escola, dúvidas sobre orientação sexual e outros aspectos (Fundação Promundo, p. 2).

A adesão pela disciplina foi grande e contou com 40 estudantes, sendo 36 meninos e 4 meninas, que se mantiveram durante todo o curso. Destaca-se nesses períodos, a autonomia oferecida pela equipe gestora para tratar os temas nas

disciplinas, concretizando princípios da gestão democrática e do projeto político pedagógico da escola.

Em 2019, iniciei um novo trabalho na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), na equipe técnica da Coordenadoria Pedagógica (COPEDE), no Centro de Inclusão Educacional (CINE) do Departamento de Modalidades Educacionais e Atendimento Especializado (DEMOD). Entre as atribuições do CINE estão a de acompanhar a oferta de educação básica para as populações paulistas que se encontram em situações de vulnerabilidade e necessitam de atenção das unidades escolares em relação às suas especificidades no que se referem aos contextos sociais, econômicos, políticos e principalmente educacionais, tais como atendimento socioeducativo, atendimento de estudantes migrantes internacionais, educação do campo, educação escolar indígena, educação escolar quilombola, estudantes itinerantes e as temáticas da Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER) e Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero (EDSG).

Neste Centro, passei a trabalhar com a temática da EDSG, e exercer atividades de apoio pedagógico às interlocutoras e aos interlocutores que acompanham a temática nas 91 Diretorias de Ensino Regionais (DER), bem como no acompanhamento de estudantes que utilizam nome social da rede pública estadual.

No sentido de ampliar os conhecimentos para a execução desse trabalho na Secretaria, bem como o aprimoramento da prática docente, no sentido do domínio de conteúdos, legislação educacional, técnicas pedagógicas e experiência profissional, chego ao Programa de Mestrado Profissional em Sociologia (ProfSocio). Além da possibilidade de utilizar ferramentas didático-pedagógicas para discutir temas da sociedade contemporânea e desenvolver projetos de pesquisa escolar, encontro no programa a possibilidade de uma significativa interpretação da realidade social.

Entre as contribuições da presente dissertação, estão a reflexão sociológica nas relações marcadas por tensões, preconceitos e discriminações, para o entendimento do conceito de gênero e diversidade sexual, para além da noção biológica, mas que considera os dispositivos culturais constituídos historicamente, que classificam e posicionam o mundo, que cria sentido para as diferenças percebidas, articulam pessoas, emoções, práticas e coisas dentro da estrutura de poder.

A justificativa para a realização da presente dissertação então, está associada ao interesse de buscar conhecimentos didáticos, articulando a sociologia com novas

estratégias metodológicas que favoreçam o diálogo com as e os jovens estudantes, no sentido de contribuir e aprofundar o entendimento sobre gênero e diversidade sexual nas escolas para além do senso comum, desnaturalizando as relações desiguais de gênero e a partir das suas perspectivas, apresentar uma intervenção pedagógica a relacionada com a temática.

Como resultado de toda a experiência, buscou-se construir dois recursos pedagógicos para professoras e professores desenvolverem atividades relacionadas à diversidade sexual e de gênero. O primeiro recurso, um roteiro detalhado para realização de grupo focal, para conhecer as perspectivas de jovens estudantes e identificar ações necessárias a ser desenvolvidas na escola e o segundo recurso, a apresentação de Estudos de Casos, que utilizados em formação de professoras e professores, podem contribuir com o enfrentamento da LGBTIfobia na escola.

O objetivo geral da dissertação é conhecer o entendimento de estudantes do ensino médio, a partir de um grupo focal, de uma cidade paulista, que está localizada na região sul do Estado de São Paulo, no Alto Vale do Ribeira, na mesma escola em que iniciei o trabalho em relação à diversidade sexual e gênero, nas disciplinas eletivas.

Inicialmente a realização do grupo focal foi pensada para todas e todos jovens estudantes de ensino médio da escola, em momentos distintos, onde meninos e meninas estariam separados. No entanto, com o amadurecimento da pesquisa e com as orientações acadêmicas, partindo do geral para o particular, recortamos o campo, e chegamos na definição de realizar o grupo somente com estudantes do 3º ano do ensino médio, e não mais separados por gênero.

A pesquisa de campo enfrentou desafios na aprovação do Comitê de Ética da universidade, incluindo ajustes na documentação e no cronograma. Submetida em agosto de 2022, foram feitas alterações na folha de rosto, Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e na autorização da escola. O novo parecer, que ocorreu em outubro do mesmo ano, trouxe mais pendências, com parecer favorável somente em janeiro de 2023, levando à reprogramação da pesquisa. Após período de desapontamento foram resolvidas as pendências com a busca por autorizações, sucesso na obtenção do termo de anuência e na prorrogação do prazo da defesa, o que permitiram a continuidade dessa dissertação.

A construção da dissertação, utilizou a metáfora do bordado, a partir do poema "Bordado Caótico" de Alex Simões (2018). Cada capítulo, chamamos de ponto, sejam eles de partida, de convergência, de fala e escuta, de *trans\_ formação continuada*, no sentido de nos aventuramos nos entretons do saber, costurando nossas intenções a cada bainha aberta. Nas linhas entrelaçadas das mãos, contamos histórias, como pontos de conhecimento, correntes de aprendizado e violetas de perspectivas. Com agulhas de dedicação, costuramos o tecido dessa dissertação, derramando nossos esforços (com algumas gotas de sangue).

E assim, nessa metáfora, letra a letra, ponto a ponto, reafirmamos nossa jornada, lembrando que voltar atrás não é esconderijo, mas um contorno que molda nossa busca. Como os bastidores que sustentam o ponto cheio, essa dissertação buscou virar o avesso (o conhecimento, as experiências docentes e as perspectivas de estudantes), explorando o inconsciente dos bordados e desvendando-o além das aparências.

No segundo capítulo apresentamos o ponto de partida, que aborda a complexa natureza da sexualidade humana, sua interconexão com gênero e identidade, bem como a importância de incorporar discussões de diversidade sexual no ensino de sociologia, enfrentando os desafios e promovendo a transformação do projeto de pesquisa, da abordagem do método de pesquisa-ação e a utilização do grupo focal como instrumento, além da ênfase na criação de intervenções pedagógicas, e a relevância na transformação da situação investigada a partir da abordagem qualitativa, apoiada por pesquisa bibliográfica.

No terceiro capítulo, no ponto de convergência, discutimos a educação básica, focando no ensino médio público, abordando a transformação a partir da LDBEN, tratando dos desafios da diversidade de experiências das e dos jovens estudantes, além de analisar a reforma do ensino médio, críticas à sua condução e à fragmentação do conhecimento na BNCC, bem como as políticas neoliberais no contexto paulista. Enfatizamos a relevância do ensino de sociologia para a compreensão crítica da sociedade e a necessidade de abordagens inclusivas e críticas no ensino médio.

No quarto capítulo, como ponto de fala e de escuta, abordamos a carência de debates sobre diversidade sexual e de gênero na educação, destacando o impacto das normas e estereótipos ao longo do tempo, resultando em desigualdades escolares, enquanto perpassamos os conceitos relacionados, e as ausências dos

currículos, que limitam a compreensão destas questões e a construção de uma sociedade mais equitativa. Nesse capítulo apresentamos a realização do grupo focal com as e os jovens estudantes do ensino médio, e suas perspectivas sobre a diversidade sexual e de gênero, com as indicações para uma intervenção pedagógica a ser realizada com gestores/as escolares e um produto desse grupo, que foi um roteiro detalhado que pode inspirar outros trabalhos em outras escolas.

No quinto capítulo, como ponto de *trans\_ formação continuada*, apresentamos a intervenção pedagógica que buscou melhorar a prática docente e aumentar a conscientização sobre diversidade sexual e de gênero, para diversas equipes gestoras das escolas. A formação adotou uma abordagem dialógica, abordou a legislação educacional e usou de métodos lúdicos e as informações colhida com estudantes para discutir Direitos Humanos e a Educação para a Diversidade Sexual, bem como na elaboração de estudos de casos, que resultaram em um segundo produto desse trabalho.

Antes de prosseguirmos, algumas considerações são necessárias. A partir de contribuições sugeridas na banca de qualificação, esse trabalho contém esforços de realização de uma escrita feminista. Sempre que houver alguma referência de uma autora ou autor, em primeira citação indicaremos o prenome, no sentido de tirar da invisibilidade muitas autoras que são invisibilizadas a partir do entendimento que ciência é um fazer de homens.

A escrita feminista, segundo Carol Piva (2023, p. 20), é "uma proposta de deslocalização do olhar, com a conseqüente dedicação-estudiosa às epistemologias produzidas por mulheres", configurando um ato político e subversivo, capaz de desmantelar as narrativas dominantes, criando espaços de resistência e empoderamento.

Nesse aspecto, a escrita feminista busca desconstruir as estruturas patriarcais presentes na sociedade, dando voz e visibilidade às experiências, lutas e perspectivas das mulheres. No contexto brasileiro, essa forma de escrita tem desempenhado um papel fundamental na busca por equidade de gênero, permitindo que as escritoras feministas questionem e subvertam narrativas tradicionais, expondo as opressões e desigualdades vivenciadas pelas mulheres.

Com isso, nossos esforços estão em indicar em todas as terminologias possíveis de concordância de gênero, o sufixo de palavras femininas, sempre em

primeira citação, em seguida da concordância masculina, contribuindo assim com o questionamento do gênero masculino que contemplado muitas vezes (ou majoritariamente) como a noção de neutro, genérico ou universal.

Para além desse esforço, outras fazem necessárias. Entendo que a igualdade de gênero desempenha um papel fundamental na produção acadêmica e é um princípio essencial para o avanço do conhecimento em todas as áreas do saber. Quando as instituições acadêmicas promovem a igualdade de gênero, elas criam um ambiente mais inclusivo e diversificado, o que, por sua vez, leva a benefícios significativos para a pesquisa e a produção de conhecimento. Quando mulheres estão igualmente representadas, uma variedade de experiências de vida e pontos de vista é incorporada nas pesquisas. Isso enriquece o debate acadêmico e leva a abordagens mais abrangentes para os problemas.

Nesse sentido, nessa dissertação, houve um esforço de utilizar a maior parte de referências bibliográfica de mulheres. O que foi alcançado ao final desse trabalho, representando 67% (52 autoras mulheres) e 33% (26 autores homens). Esforço esse que não foi realizado pelo ProfSocio. Foram nove disciplinas, sendo sete obrigatórias e duas eletivas. Infelizmente as mulheres foram pouco lidas. Foram 214 referências ao total do curso, sendo 142 autores homens e 72 autoras mulheres. Cinco disciplinas, apresentaram menos de 25% de referência em mulheres e das nove, apenas duas disciplinas trouxeram um número igual ou superior para referência de autoras mulheres: Metodologia da Pesquisa e Sociologia da Juventude. Com isso, queremos contribuir com uma perspectiva crítica e transformadora, impulsionando um movimento de conscientização e mobilização em prol da igualdade de gênero. Seja entre professoras ou professores ou estudantes, as principais discussões sobre a diversidade sexual e de gênero, estão em torno da forma mais apropriada na definição da população.

Tendo em vista a própria construção histórica dos conceitos e do reconhecimento social das populações, várias denominações surgiram para representar a comunidade, formando uma variedade de acrônimos: MHB (movimento homossexual brasileiro), GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), GLT (gays, lésbicas e travestis), GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e travestis), LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis), LGBTI+ (incluindo pessoas intersexo), LGBTQIA+ (abrangendo pessoas queer e assexuais), entre outros.

Conforme apresenta Quinalha (2022) não há uma entidade oficial para validar essas siglas, que são convenções que variam de acordo com a situação e o público-alvo da comunicação, os debates e negociações sobre visibilidade e concepções de identidade, moldadas pelo contexto histórico e cultural.

Nessa dissertação, as siglas escolhidas são LGBTQIA+ e LGBTIfobia que engloba as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, mulheres transexuais, homens trans, queers, pessoas intersexo, assexuais e outras identidades, orientações, e expressões de gênero que vão além da cisgeneridade e heterossexualidade presentes na sociedade e as violações que são submetidas essas pessoas. No entanto, cabe destacar que não desconsideramos as outras formações de siglas, quando foram mencionadas por estudantes no grupo focal ou por profissionais da educação, na realização da intervenção pedagógica, respeitando conforme foi inferida.

Essas escolhas se devem, na intenção de que as experiências e perspectivas das e dos estudantes sejam consideradas e possam oportunizar vivências pedagógicas no sentido de suprir as lacunas indicadas nos grupos e de desconstruir a lógica dos espaços separados por gênero, de maneira horizontal e democrática.

## 2 PONTO DE PARTIDA: CONHECER OS CONCEITOS BÁSICOS

e num lance de dados, nos entremeios,  
com bainhas abertas,  
dizer ponto a ponto a que viemos  
aqui  
(Alex Simões)

### 2.1 A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA PESQUISA CIENTÍFICA

A sexualidade humana é um tema complexo e multifacetado que tem despertado interesses e debates ao longo dos séculos, e especialmente na América Latina nas últimas décadas. Sua compreensão abrange não apenas aspectos biológicos, mas também elementos sociais, psicológicos, culturais e históricos. Neste capítulo, apresentaremos noção de sexualidade, a partir das suas diversas dimensões e considerando suas interseções com identidade de gênero e orientação sexual.

A sexualidade abrange uma série de elementos essenciais para o ser humano, tais como a compreensão e o relacionamento com o corpo, vínculos emocionais, amor, sexo, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, intimidade sexual, prazer e reprodução, englobando aspectos biológicos, sociais, psicológicos, espirituais, religiosos, políticos, legais, históricos, éticos e culturais, os quais se desenvolvem ao longo da vida (Unesco, 2018).

Sobre sexualidade, Miriam Abramoway, Mary Castro e Lorena da Silva (2004, p. 29) afirmam que:

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. (...) a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

Para a aproximação das discussões de diversidade sexual e o ensino de sociologia, Marili Junqueira (2020), associa a relação do conceito de gênero e sexualidade à cultura de uma determinada sociedade em um tempo histórico e apresenta a crítica à naturalização dos papéis sociais que desconsideram as “variações infinitas”, como as pessoas transgênero (que não se reconhecem ou não se autoidentificam com sua anatomia sexual) e as pessoas cisgênero ou cis (que se identificam com os sexos que foram designados ao nascimento), e por isso podem desencadear intolerância e violência.

Beatriz Lins, Bernardo Machado e Michele Escoura (2016), afirmam que a violência está intrinsecamente ligada ao exercício do poder, onde alguém impõe sua vontade sobre o outro sem seu consentimento. Essa imposição pode acontecer de várias maneiras, através de agressão física, chantagem, pressão psicológica ou ataque moral, e envolver a restrição dos direitos individuais. As autoras lembram que o termo "violência", é originado do latim "*violare*", e carrega a ideia de violação, abrangendo não apenas situações em que a vontade das pessoas é desrespeitada ou coagida, mas diversos tipos de violação de direitos civis, sociais, econômicos, culturais e políticos.

Para as autoras,

Violência de gênero engloba também a população LGBT. Uma vez que sua orientação sexual e identidade de gênero põem em xeque os estereótipos de gênero tradicionais e a heteronormatividade, essas pessoas são colocadas em situação de vulnerabilidade e desvantagem em relação a direitos (Lins; Machado; Escoura, 2016, p. 56).

Sobre a orientação sexual, Junqueira (2020), apresenta como a inclinação voluntária (atração) nas relações amorosas e sexuais, sendo a heterossexualidade quando sexos e gêneros são opostos, a homossexualidade quando não ocorre essa oposição, a bissexualidade quando são por ambos os sexos/gêneros, a pansexualidade por ambos os sexos/gêneros e a assexualidade quando não ocorre a atração sexual. A autora defende que o debate sobre sexualidade precisa chegar até a escola, para contribuir no entendimento que a identidade e a orientação sexual não são doenças e que é necessário respeitar as diferenças, superando mitos, medos e preconceitos.

Para a autora,

O respeito deve vir a partir do conhecimento da diversidade sexual. O (re)conhecimento dessa diversidade não é um incentivo ou uma apologia à homossexualidade ou qualquer outra condição, é sim uma forma de coibir a homofobia e a violência que surge a partir da rejeição incondicional de uma forma de relação com o outro diferente das escolhas e orientações sexuais individuais e pessoais. Deve-se buscar modificar pela educação visando o respeito às pessoas, pois têm-se a trágica estatística de que o Brasil é o país com mais casos de assassinato de pessoas transgêneros no mundo em números absolutos. [...]A educação brasileira deve incorporar o respeito e a tolerância dentro da identidade de gênero e da orientação sexual das pessoas (Junqueira, 2020, p. 159).

Entre as produções acadêmicas que destacam-se na discussão sobre heteronormatividade, está da filósofa e teórica feminista contemporânea, Judith Butler (2018). Sua produção intelectual desafia as noções tradicionais de gênero e sexualidade, e seu trabalho sobre performatividade de gênero questiona as identidades fixas e binárias, argumentando que o gênero é uma construção social e cultural, que trataremos mais adiante. Partindo desses estudos, Quinalha (2022, p. 39), explica:

A criança cujo corpo foi assinalado, no nascimento, como sendo do sexo feminino deve se comportar socialmente como mulher e precisa desejar sexualmente um homem. Já a criança que foi designada como sendo do sexo masculino deve se comportar como um homem e desejar mulheres. Impõem-se com isso uma linearidade forçosa entre as diversas dimensões de nossas existências. [...] Qualquer desvio em relação a esses princípios elementares torna-se alvo de uma ação normalizadora do poder. Sob essa perspectiva, a violência não é a exceção, mas a regra elementar de estruturação desse sistema, seu curso normal de funcionamento.

Enquanto as normas tradicionais de gênero impõem uma rigidez na maneira como as pessoas devem se comportar e quem devem desejar sexualmente, com qualquer desvio sendo sujeito a normalização pelo poder, e como a violência é uma parte intrínseca desse sistema, o questionamento dessas normas tradicionais de gênero nas escolas e na sociedade poderá ocorrer a partir da provocação e crítica de pesquisas sobre gênero e sexualidade no campo da educação e das Ciências Sociais.

Junqueira (2020), destaca que as pesquisas relacionando gênero e sexualidade dentro do campo da educação e do ensino de Ciências Sociais ganharam maior intensidade após a obrigatoriedade da sociologia no ensino médio e da implantação de programas de bolsas para a docência, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a Residência Pedagógica.

O PIBID e o Residência Pedagógica são iniciativas do governo brasileiro, coordenadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visam fortalecer a formação prática de professoras e professores. O PIBID oferece bolsas de iniciação à docência para estudantes de licenciatura, com inserção em escolas públicas para vivenciar a prática docente, enquanto o Programa Residência Pedagógica proporciona uma vivência prolongada nas escolas, com acompanhamento e supervisão de professoras e professores. Ambos os programas buscam integrar teoria e prática, aprimorando os conhecimentos e habilidades e contribuir para a melhoria da qualidade da educação no país.

A partir desses programas, nota-se o aumento do volume de pesquisa nos congressos das Ciências Sociais e do ensino de Sociologia, em Grupos de Trabalhos, refletindo sobre as análises dos livros didáticos, metodologias de ensino, práticas pedagógicas, currículo, políticas públicas estaduais e federais, e as normativas educacionais.

Por mais que se tenham pesquisas sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar, existem múltiplos desafios que devem ser enfrentados na conjuntura política atual, como por exemplo, o tratamento das identidades na escola, utilização de nome social, a interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais (Junqueira, 2020).

A conjuntura política atual, apresentado pela autora, refere-se ao período do governo do presidente Jair Bolsonaro, em que as políticas educacionais de inclusão foram marcadas por uma abordagem conservadora, buscando reduzir a influência de correntes pedagógicas que são vistas como mais progressistas, e impedir, por exemplo, a abordagem de gênero e discussão sobre diversidade sexual nas escolas. As tensões causadas com lideranças políticas e movimentos sociais evidenciaram a divergência na conjuntura política e geraram uma polarização da sociedade brasileira, assunto esse, que discutiremos com mais detalhes nos capítulos seguintes.

Após realização de pesquisas nas bases de dados do Portal Periódicos da CAPES com as palavras-chaves: *em qualquer campo que contém* “Ensino de sociologia” e *em qualquer campo que contém* “Diversidade Sexual”, *em qualquer idioma* e *em qualquer ano*, foi possível identificar poucas pesquisas que abordam essas questões de maneira articulada. Apresentam-se três resultados: os trabalhos de Andressa Pires e Fagner Carniel (2021), Danyelle Gonçalves (2015) e José Backes (2018).

A pesquisa de Andressa Pires e Fagner Carniel (2021), discute o uso da literatura, exemplificado pelo conto "O papel de parede amarelo", no ensino sociológico das relações de gênero e sexualidade. Experiências de leitura coletiva do conto são apresentadas, demonstrando o potencial pedagógico da literatura na conscientização das desigualdades e violências de gênero e sexualidade. Para os autores, a leitura coletiva favorece a diversidade de interpretações e contribui para a reconciliação de diferentes perspectivas, transformando as aulas em espaços de diálogo entre o pessoal e o público.

O trabalho também contribui no entendimento que discutir gênero e sexualidade nas escolas é fundamental para questionar as relações de poder e dominação presentes na sociedade. A leitura literária coletiva oferece uma abordagem significativa para repensar as práticas de ensino, promovendo reflexões sociológicas de forma menos impositiva e permitindo uma reorganização pessoal mais flexível. Com essa abordagem, a autora infere que a mediação literária, integrando narrativas literárias e vivências estudantis, desempenha um papel importante no desenvolvimento de uma perspectiva feminista e na construção de laços de identidade e pertencimento (Pires; Carniel, 2021).

No segundo artigo encontrado, Danyelle Gonçalves (2015) destaca os eventos científicos como essenciais para promover a divulgação e discussão de novos conhecimentos no mundo acadêmico. No entanto, as licenciaturas foram historicamente negligenciadas nesses eventos, resultando em uma falta de estímulo à pesquisa e à difusão do conhecimento nessa área.

A autora indica que nas últimas décadas, o Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB), foi criado para fortalecer a disciplina e valorizar as licenciaturas, proporcionando uma oportunidade para que estudantes apresentem seus trabalhos em um evento nacional e discutam suas experiências e

pesquisas, sobre questões políticas relacionadas à sociologia no ensino médio, formação de professores e elaboração de uma base curricular nacional, servindo como um espaço para denúncias e busca de apoio (Gonçalves, 2015).

Em 2023, no 8º ENESEB promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), que teve como tema “O Ensino de Sociologia em tempos difíceis: aprendizagem da ciência, da coragem e esperança!” foram apresentados resultados parciais dessa pesquisa, em dois trabalhos, sendo a Comunicação Oral "Utilização de nome social: uma revisão integrativa da diversidade presente na escola" e o Pôster "Grupo focal para conhecer as perspectivas de jovens estudantes sobre a Diversidade Sexual", sendo elogiados pela pertinência da articulação com o Ensino de Sociologia.

No sentido de compartilhar o conhecimento, os autores dessa dissertação participaram do VI Seminário de Professores da Escola Pública – Compartilhando Saberes, promovido pela Universidade de São Paulo (USP) e Associação dos Professores de Escolas Públicas e Escolas sem Fins Lucrativos (APEP) com a realização da oficina “Direitos Humanos e a Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero: Transformação Continuada” e da apresentação oral do trabalho "Grupo Focal como estratégia para conhecer a perspectiva de estudantes sobre a Diversidade Sexual".

No terceiro artigo apresentado pela busca, José Backes (2018) examina as preocupações atuais relacionadas ao ensino médio, considerando as questões emergentes da sociedade contemporânea. Através de pesquisa com jovens estudantes de uma escola particular, busca analisar o significado do ensino médio, levando em conta a influência da condição social das e dos estudantes. O objetivo é contribuir para o debate sobre a qualidade educacional para todas as jovens e todos os jovens, desafiando a visão limitada de qualidade associada apenas às escolas privadas e promovendo uma abordagem mais democrática, que priorize as suas necessidades, combata a mercantilização da educação e contribua para uma sociedade mais justa.

O autor apresenta ainda, a reflexão de que no contexto brasileiro, a desigualdade social é destacada como um fator crucial a ser considerado. A pesquisa revela que a percepção do sentido do ensino médio varia dependendo da classe social das e dos jovens estudantes. Enquanto as jovens e os jovens de classe média/alta atribuem significado à escola particular devido à conexão com o aumento de seu poder

de consumo e acesso ao ensino superior, as e os jovens de classes mais baixas encontram dificuldade em enxergar sentido nesse ambiente educacional (Backes, 2018).

Ao pesquisar nas bases de dados da *Scielo* com as palavras-chaves: “*Todos os itens*”: "Ensino de Sociologia" e "Diversidade Sexual" não foram encontrados resultados. Na mesma direção, ao realizar a busca nas bases da *Scielo* e o Portal de Periódicos da CAPES, Marina Pedersen (2020), utilizou as palavras-chaves: "ensino de Sociologia", "homofobia", "diversidade sexual" e "educação sexual", no período de 2008 a 2019 e indicou que:

[...]a temática sexualidade não é tema de pesquisas quando associada ao ensino de Sociologia. [...] é possível concluir que as pesquisas e publicações sobre o ensino de Sociologia não se dedicam às questões relacionadas a sexualidade, diversidade sexual e homofobia, uma vez que todos os resultados que levavam a palavra-chave “Ensino de Sociologia” retornaram com resultado nulo. Por outro lado, dentre os seis artigos selecionados, dois deles se referiam à Educação Sexual dentro das aulas de Biologia/Ciências Biológicas, o que reforça a constatação de que as questões relativas à sexualidade são, na maioria das vezes, relegadas aos professores de Biologia quando abordadas na escola e, além disso, se restringem a uma abordagem científica e reprodutora da sexualidade, não tratando a sexualidade sem seu aspecto mais amplo (Pedersen, 2020, p. 31).

Nesse aspecto, Denise Araújo, Izaura da Cruz e Marilu Dantas (2018), apresentam os argumentos utilizados por professoras de Ciências e Biologia, que se baseiam em discursos essencialistas sobre sexualidade, no que se refere ao controle do corpo feminino, da regulação das sexualidades desviantes, do controle da sexualidade infantil e do sexo com a finalidade reprodutiva.

Por conta dessas ausências, tanto no que se refere à articulação do ensino de Sociologia com a diversidade sexual e de gênero, como de trabalhos que tragam o protagonismo das e dos jovens estudantes na discussão do tema, essa dissertação se faz necessária. Neste ponto, exploramos a complexidade da sexualidade humana, destacando seu histórico e debate, abrangendo aspectos biológicos, sociais e culturais ligados à identidade de gênero e orientação sexual, além de analisar como o ensino de Sociologia lida com a diversidade sexual e de gênero, mesmo diante de desafios. As pesquisas são limitadas, mas destacam o potencial pedagógico da

literatura, a negligência histórica das licenciaturas e a percepção variável do ensino médio em relação à classe social.

### 2.1.1 PESQUISA-AÇÃO: DESAFIOS DA REALIZAÇÃO DE GRUPOS FOCAIS COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.

A realização dessa dissertação foi sendo modificada ao longo do curso. A ideia inicial era analisar as perspectivas e convicções de professoras e professores de Sociologia, em relação à Educação Sexual. No entanto, no sentido de delimitação da pesquisa, alteramos para a discussão da violência de gênero nas aulas de Sociologia.

A partir das aulas de Metodologia da Pesquisa, do ProfSocio, com a professora Maria Valéria Barbosa, percebi a minha identificação com a pesquisa-ação, como possibilidade de ter uma abordagem metodológica que combina pesquisa acadêmica com ação prática, e que envolve a colaboração entre pesquisadoras e pesquisadores com no objetivo de contribuir com a resolução de problemas sociais.

Nas aulas de Sociologia da Juventude, ministrada pelo meu orientador Luís Antônio Francisco de Souza, com a reflexão sobre a condição e o protagonismo juvenil, entendi que além de falar sobre as minhas perspectivas, deveria ouvir as e os jovens estudantes e somente a partir do que trouxessem, apresentaria uma proposta pedagógica que pudesse ser desenvolvida na escola.

Com isso chegamos à presente dissertação, que se baseia nos princípios e estratégias da chamada pesquisa-ação, na realização de um grupo focal em uma escola estadual no interior paulista, com vistas a aplicar uma perspectiva sociológica que promova a sensibilização de estudantes, a partir de temas e problemas diretamente vinculados ao contexto da Sociologia como disciplina escolar, articuladas com as questões de diversidade sexual e gênero.

A pesquisa-ação como método científico escolhido contribuiu com a discussão do tema, e o grupo focal como procedimento oportunizou a escuta sobre as perspectivas de estudantes, desdobrando no desenvolvimento de uma intervenção pedagógica, com profissionais da gestão escolar (diretoras e diretores, vice-diretoras e vice-diretores, coordenadoras pedagógicas e coordenadores pedagógicos, professoras e professores especialistas em currículos e supervisoras e supervisores de ensino) e roteiros de apoio, que auxiliam a sensibilização para temáticas e

conteúdos curriculares relacionados à diversidade sexual e de gênero, em face de ausências, deficiências, resistências, tensões e repressões.

Juarez Dayrell, Paulo Carrano e Carla Maia (2014) apresentam que, antes mesmo de considerar quais atividades educativas devem ser oferecidas às e aos jovens estudantes, é necessário refletir sobre como contribuir para que elas e eles se tornem diretoras e diretores de suas próprias vidas e desenvolvam-se como sujeitos éticos e autônomos em seus diversos contextos existenciais.

Para a realização da dissertação, a partir da pesquisa-ação, foi necessário conhecer as referências no assunto, entre as principais no contexto brasileiro, o sociólogo Michel Thiollent (2011, p. 20), que a define como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A metodologia da pesquisa-ação tem como condição necessária a participação das pessoas envolvidas, pesquisadoras, pesquisadores e pesquisadas e pesquisados, em torno de uma ação planejada, na forma de uma intervenção com mudanças na situação investigada, o que dialoga diretamente com a proposta do ProfSocio, no sentido de realizar intervenções (Thiollent, 1987).

No Manual de Orientação para Trabalho de Conclusão de Curso, o ProfSocio define a intervenção pedagógica como uma modalidade possível e indica que a intervenção pedagógica consiste na:

elaboração de um conjunto sequencial de atividades para aulas de sociologia ou de um conjunto de ações a serem realizadas no âmbito da escola e entorno, com vistas a aplicar uma perspectiva sociológica que promova a sensibilização de gestores, qualifique a prática docente e/ou aumente a inserção da escola na comunidade, a partir de temas e problemas diretamente vinculados ao contexto da sociologia como disciplina escolar. Será uma intervenção inédita elaborada pelo mestrando e deverá vir acompanhada de uma fundamentação consistente, de um passo a passo de sua elaboração e de uma análise sistemática de seu desenvolvimento em sala de aula (Universidade Federal do Ceará, 2021, p. 2).

A pesquisa-ação como estratégia metodológica da pesquisa social, tem a necessidade de precisão da ação, das e dos agentes envolvidas e envolvidos, objetivos e obstáculos, especialmente sobre a exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados, contribuindo com a elaboração de uma fundamentação consistente e na organização das ações a serem realizadas no entorno da escola, aplicando a perspectiva sociológica com vistas a promover a sensibilização das equipes gestoras e a qualificação da prática docente (Thiollent, 2018).

Como principais aspectos, na ampla interação entre pesquisadoras e pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada, são definidas as prioridades dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta. A pesquisa não se limita ao ativismo e pretende-se aumentar o conhecimento das pesquisadoras e dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados, no nosso caso, estudantes e equipes gestoras, resolvendo ou esclarecendo a situação observada (Thiollent, 2018).

A pesquisa-ação possui ainda como especificidades, dois tipos de objetivos específicos: objetivos práticos e objetivos de conhecimento. Nessa pesquisa, temos como objetivos práticos, o de entender a presença, ausência e necessidades de jovens estudantes sobre a temática da diversidade sexual e gênero na escola, bem como o levantamento de soluções para auxiliar na transformação das situações identificadas, a curto prazo. Como objetivo de conhecimento está o de obter informações a partir das percepções de jovens estudantes sobre a diversidade sexual e gênero articuladas com suas necessidades e interesses de aprendizagem (Thiollent, 2018).

Assim como na pesquisa-ação, em que é destacada a importância de apresentar os objetivos da pesquisa (prático e de conhecimento), essa dissertação visa contribuir para uma melhor avaliação do problema central na pesquisa, que são as perspectivas de estudantes sobre a diversidade sexual e gênero na escola, bem como no levantamento de ações que atendam às necessidades sobre o tema, subsidiando a na sua atividade transformadora da situação.

Para um melhor tratamento dos objetivos, observou-se que ela é classificada como pesquisa exploratória, para proporcionar maior familiaridade com o problema,

tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ela através, principalmente, do levantamento bibliográfico. Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso em que a fase exploratória consiste em desvendar no campo, as interessadas e os interessados e suas expectativas e esclarecer um primeiro levantamento da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações (Gil, 2008; Thiollent, 2018).

O estudo de caso é uma abordagem de pesquisa que envolve a análise detalhada de um fenômeno específico, como uma pessoa, um grupo, uma organização ou um evento, em seu contexto real. É uma estratégia amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento, como nas ciências sociais, na administração, na psicologia, entre outras, que permite uma análise aprofundada de uma particularidade de interesse, proporcionando uma compreensão mais contextualizada dos fenômenos investigados. Envolve a coleta de dados por meio de diferentes técnicas, como observação direta, entrevistas, análise de documentos e registros, entre outros. Esses dados são analisados de forma sistemática, buscando identificar padrões, relações de causa e efeito e interpretação do fenômeno estudado (Gil, 2008).

A dissertação se utiliza da pesquisa bibliográfica com uso de materiais já elaborados: livros, artigos científicos, revistas, documentos eletrônicos e outros na busca e alocação de conhecimento com as/os estudantes de ensino médio e a temática da diversidade sexual e de gênero.

A abordagem do tratamento da coleta de dados da pesquisa-ação foi qualitativa, pois buscou na fonte direta para interpretação de fenômenos e atribuição de significados a partir das perspectivas no grupo focal, que leva em conta as e os jovens estudantes enquanto sujeitos da pesquisa e não somente alvo delas.

### 2.1.2 O Grupo focal como estratégia de pesquisa

Estruturado primeiramente como técnica de *marketing*, o grupo focal buscava conhecer os impactos da propaganda no contexto da Segunda Guerra Mundial. Na década de 1970 sua utilização foi intensificada nas pesquisas em comunicação, mais voltadas para entrevistas coletivas, até que a partir de 1980, começou a ser utilizada

em estudos científicos nas ciências humanas e sociais, mais realizada de forma internacional e operativa (Flick, 2009).

O grupo focal parte da seleção prévia de pessoas, que discutem um tema encorajado pela pesquisadora ou pesquisador, e a partir da experiência pessoal das e dos participantes, objetiva conhecer as percepções, sentimentos e ideias, sobre diversos pontos de vista e processos criados no contexto de interação. Para isso, é indicado que seja realizado um levantamento das questões relevantes e um roteiro preliminar de trabalho, que deve ser flexível, já que as interações podem trazer muitos elementos para além do previsto (Gatti, 2005).

No sentido de apoiar outras ações, aumentar o entendimento sobre a diversidade sexual e gênero nas escolas e principalmente, de favorecer o diálogo com jovens estudantes do Ensino Médio, compartilhamos ao final do trabalho, como produto, o Roteiro para a realização de Grupo Focal relacionado a Diversidade Sexual e de Gênero e algumas considerações sobre como aplicá-lo de maneira detalhada.

Sobre o número de participantes no grupo focal, a literatura indica que deve ter no mínimo seis e no máximo doze, já que grupos maiores diminuem a possibilidade de interação e aprofundamento no assunto selecionado. Outra ação importante é que as e os participantes estejam por convite, que sejam levadas a consideração da possibilidade de ausências de última hora, a disposição das cadeiras em círculo, e que o grupo ocorra em local de fácil acesso (Nery, 2006; Trad, 2009; Gil, 2008; Gatti, 2005).

O grupo focal realizado, contou com a participação de doze estudantes, ocorreu em uma sala de fácil acesso, com as cadeiras dispostas em círculo, e todas e todos, apresentaram-se de maneira voluntária.

Sobre o registro do grupo recomenda-se que poderá haver até duas relatoras ou dois relatores, sendo que a gravação em áudio é mais utilizada para registrar o trabalho. Em relação a moderação do grupo, deve-se evitar opiniões e formas de intervenções diretas ou conclusões e promover a interação entre as e os participantes (Gatti, 2005).

Destaco minha afinidade com essa abordagem, que une pesquisa acadêmica e ação prática, utilizando a pesquisa-ação como método e o grupo focal como instrumento para captar as perspectivas das e dos estudantes, para desenvolver uma intervenção pedagógica com gestoras e gestores escolares e melhorar a prática

docente. A pesquisa bibliográfica também desempenhou um papel fundamental, fornecendo apoio ao projeto e contribuindo para a compreensão das perspectivas das e dos estudantes do ensino médio.

### 3 PONTO DE CONVERGÊNCIA: SENSIBILIZAR COM O ENSINO MÉDIO

voltar atrás  
não é recuo,  
mas ponto de contorno  
das mãos  
metáforas  
do começo  
(Alex Simões)

Desenvolver uma dissertação e apresentar uma intervenção pedagógica com foco na educação básica, inicialmente se faz necessário contextualizar para com quem ela envolve e destina. No caso dessa pesquisa, é voltada para o ensino médio, especificamente para a escola pública.

Apesar da grande mobilização em torno da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a legislação não conseguiu assegurar em 1996, o ensino médio, como etapa conclusiva da educação básica, sendo realizada somente em 2009, através da Emenda Constitucional nº 59, que acrescentou a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliou a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica.

Com ampliação do acesso à escolarização nas últimas décadas, tensões tornaram-se evidentes, com a chegada de novas e diferentes juventudes, ao espaço escolar, e por consequência, novos saberes, vivências e novas contradições e complexidades carregadas por essas e esses jovens estudantes.

Para Dayrell (2007, p. 22),

[...] a vivência juvenil no cotidiano escolar é marcada pela tensão e pelos constrangimentos na sua difícil tarefa de constituir-se como aluno. Não significa, porém, que negamos os avanços que ocorreram nesta última década, principalmente no que diz respeito ao acesso. Afinal, esses jovens hoje frequentam o ensino médio, de onde eram sistematicamente excluídos. Mas, se a escola se tornou menos desigual, continua sendo injusta. E assim é devido, em grande parte, ao fato da escola e seus profissionais ainda não reconhecerem que seus muros ruíram, que os alunos que ali chegam trazem experiências sociais, demandas e necessidades próprias. Continuam lidando com os jovens com os mesmos parâmetros consagrados por uma cultura escolar construída em outro contexto.

Com o avanço legal no sentido da universalização, emerge a necessidade por parte do Estado em apresentar respostas para esse aumento, seja no que se refere aos espaços físicos, como no que se refere às condições de trabalho de professoras e professores, gestão pedagógica da escola e um ensino que faça sentido para todas envolvidas e todos envolvidos em uma perspectiva emancipatória.

### 3.1 A REFORMA DO ENSINO MÉDIO

Com o discurso de apresentar respostas às demandas das juventudes ao longo dos anos, o ensino médio foi alvo de mudanças e reformas. Com o golpe que ocasionou o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, e que levou Michel Temer ao poder, forças contrárias ao interesse da educação pública foram legitimadas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que já estava sendo construída, sofreu alteração de rumos e é apresentada a partir de um processo realizado às pressas e conduzido de forma autoritária (Ministério da Educação, 2018).

A legislação não foi amplamente discutida com setores da sociedade civil, universidades, estudantes, profissionais de educação, sendo realizada através da Medida Provisória nº 746, de 2016<sup>1</sup>, que posteriormente, foi convertida na Lei 13415 de 16 de fevereiro de 2017. A legislação alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que regulamentava o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, e outras, e instituía a política de fomento à implementação de escolas de ensino médio em tempo integral (Silva; Henrique Neto; Vicente, 2015).

Vânia Motta e Gaudêncio Frigotto (2017) afirmam que essa “reforma” expressa a contradição ético-política do pensamento e da moral capitalista do tipo dependente e representam retrocesso na educação básica, que tem como pano de fundo a administração da “questão social”, negando os fundamentos das ciências que

---

<sup>1</sup>A Medida Provisória nº 746, de 2016, estabeleceu a reforma do ensino médio no país e afetou as mudanças na estrutura curricular e nas diretrizes do ensino médio, incluindo a flexibilização das disciplinas obrigatórias e a ênfase nos cronogramas formativos.

permitem às e aos jovens estudantes entender e dominar o funcionamento do mundo das coisas e da sociedade humana. Para elas:

[...] a reforma do Ensino Médio é urgente porque é necessário destravar as barreiras que impedem o crescimento econômico. E a educação, principalmente a educação profissional, é um fator importante para a retomada do crescimento econômico, uma vez que o investimento em capital humano potencializa a produtividade (Motta; Frigotto, 2017, p. 357).

Como resultado dessa legislação, em um contexto de regressão teórica e política, temos a BNCC, construída com poucas instituições, algumas universidades, com destaque para atuação da União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e instituições do terceiro setor, atendendo demandas do Banco Mundial e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Essa nova base educacional possui caráter normativo e progressivo (em etapas), a partir de dez competências gerais, e se apresenta com a proposta de superar a “fragmentação” das disciplinas para estudos interdisciplinares, indicando para isso a valorização do “notório saber” (Motta; Frigotto, 2017).

No entanto, ao realizar-se, ela mesma fragmenta o conhecimento ao retirar a cientificidade e as especificidades das disciplinas, indicando apenas a permanência na aparência dos fenômenos. Para além disso, a “livre escolha” apresentada não ocorre, mas sim de modo compulsório, pois o caminho que deve ser cumprido é com a carga horária obrigatória em condições infra estruturais precarizadas, já existentes (Motta; Frigotto, 2017).

Nessa perspectiva, está a ideia de elevar as condições de competitividade do Brasil no mercado internacional, e para isso o investimento no aumento da jornada escolar, a reestruturação do currículo, ampliação do número de vagas, de maneira utilitarista, ajustando-o às necessidades do capital, apresentando-se de maneira como se estudantes, pudessem ter possibilidades de escolhas do seu percurso formativo, mas que de fato não é.

Esse processo de esvaziamento dos conteúdos, contribui para que a escola esteja moldada do ponto de vista do capital, na transmissão de seus conhecimentos científicos como nos valores ideológicos.

Para Sueli Mendonça (2011, p. 352):

Hoje, a escola não está em sua função ativa na perspectiva anunciada, muito menos naquela em que se pauta na emancipação humana. Há produção de sentidos, porém com conteúdo distante de uma formação que realmente desenvolva as capacidades humanizadoras dos sujeitos históricos, que os torne capazes de desenvolver uma percepção adequada do meio à sua volta e de, conscientemente, nele agir para transformá-lo e, com isso, transformar-se.

Nessa direção, nosso problema de pesquisa, que é de conhecer a percepção das e dos jovens estudantes em relação à presença ou ausência de discussões sobre diversidade sexual e de gênero na escola, está relacionado com a ideia de identificação das necessidades de aprendizado a partir das suas perspectivas, entendendo que são capazes de dizer sobre a abordagem, o desenvolvimento acadêmico e socioemocional de si, na identificação das dificuldades vivenciadas na escola relacionada a temática e principalmente, nas estratégias, soluções, práticas e recursos educacionais que identificam para melhorar a abordagem da diversidade sexual e de gênero na escola, bem como nas medidas que podem ser implementadas para criar um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor.

### 3.2 O CONTEXTO PAULISTA

No estado de São Paulo, a educação básica tem sido atravessada por contextos neoliberais inferindo diretamente na qualidade de ensino e nos processos educacionais. As pesquisadoras Débora Goulart, Rúbia Ramos e Márcia Jacomini (2023), que pesquisam a política educacional paulista, especialmente no contexto pós década de 1990, destacam mudanças ao longo dos anos, com foco nas medidas adotadas, como a reorganização da rede escolar, a municipalização do ensino fundamental, a progressão continuada e a adoção de um currículo centralizado.

Sobre o enfoque na melhoria da qualidade do ensino, destacam que desde a década de 1990, a principal justificativa para a implementação de programas e projetos educacionais na rede estadual paulista foi a busca pela melhoria da qualidade do ensino. Diversas medidas foram adotadas com esse objetivo, como a reorganização da rede escolar, a municipalização do ensino fundamental, a progressão continuada e a criação de sistemas de avaliação do rendimento escolar (Ramos; Goulart; Jacomini, 2023).

Sobre a influência do gerencialismo, retomam que a partir do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso e posteriormente no governo estadual de São Paulo, houve uma forte influência do gerencialismo na política educacional, e que essa abordagem busca introduzir princípios da administração empresarial no setor público, com ênfase em metas, resultados, avaliações e controle de desempenho (Ramos; Goulart; Jacomini, 2023).

Outra características são as políticas de bônus e incentivos, como estratégia para estimular a melhoria do desempenho de estudantes e profissionais da educação, através, por exemplo, do Programa Qualidade da Escola (PQE) e do Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP), que foram criados para avaliar o desempenho das escolas e conceder benefícios financeiros aos profissionais com base nesses resultados (Ramos; Goulart; Jacomini, 2023).

Outro ponto está relacionado ao currículo único e centralizado, que segundo as autoras, foi uma das medidas adotadas na gestão de Maria Helena Guimarães de Castro (2007-2009), que visava garantir um maior controle sobre o trabalho pedagógico, com conteúdo comuns direcionados aos resultados das avaliações externas (Ramos; Goulart; Jacomini, 2023).

As características gerenciais, desencadearam resistências e críticas em relação às políticas educacionais implementadas, tanto por parte dos profissionais da educação quanto dos estudantes, que podem se manifestar de forma ativa, com ações de protesto e mobilização, ou de forma passiva, com adaptações e subterfúgios para não implementar completamente as orientações oficiais (Ramos; Goulart; Jacomini, 2023).

### 3.2.1 O Currículo Paulista

Seguindo a característica de um currículo único, em 2019, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, implanta de maneira gradual, o novo currículo oficial, chamado então de Currículo Paulista. O processo de sua construção contou com consultas abertas para sugestões e inferências de professoras e professores, especialistas, gestoras e gestores educacionais e demais profissionais da área, com o objetivo de elaborar um documento que refletisse, a partir da BNCC, as

necessidades e desafios da educação no contexto paulista (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2020).

O Currículo Paulista é um documento com um conjunto de diretrizes pedagógicas criado para orientar as escolas, no processo de ensino e aprendizagem, abrangendo todas as etapas da educação básica, desde a educação infantil até o ensino médio, e que, segundo a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, (2020, p. 38), tem como objetivos "formação integral dos estudantes, valorizar a integração entre as diferentes áreas do conhecimento, por meio dos temas e conteúdo de diversas disciplinas" a partir de um currículo de competências.

Mesmo sendo resultado da BNCC, que sofreu inúmeros ataques relacionados ao conservadorismo, o Currículo Paulista apresenta como diretrizes fundamentais, a valorização da diversidade cultural e o respeito às diferenças, afirmando o reconhecimento da importância de considerar as múltiplas formas de conhecimento e vivências presentes na sociedade, buscando promover a inclusão e o respeito à diversidade de gênero, étnico racial, social e religiosa a partir de suas "*fissuras*" (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2020).

Trabalhar a partir das fissuras implica em abordar as questões relacionadas à identidade de gênero, orientação sexual e diversidade cultural, reconhecendo as tensões, desigualdades e conflitos que surgem dentro dessas áreas, mas também a partir das possibilidades existentes da fragmentação do próprio currículo.

### 3.3 O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Conforme aponta Mendonça (2011), a escola na sociedade atual provoca críticas e explicações diversas, e entre elas a dificuldade de estudantes não aprenderem os conteúdos escolares e de professoras e professores não ensinarem tais conteúdos devido à crise de sentidos e significados, resultante da infraestrutura ruim, salas de aulas lotadas, precarização das condições de trabalho, escolas sem autonomia didático- pedagógica e ausência de mediações.

Refletir sobre a instituição escolar envolve reconhecer como se entrelaçam as dimensões sociológica e pedagógica dentro de um único projeto e buscar compreendê-las em sua totalidade. Essa análise, da crise de sentido e significado, nos leva a considerar o propósito da escola na sociedade contemporânea, marcada

pelo capitalismo, e as ramificações disso na esfera social. O planejamento das atividades educacionais deve ter como base a mediação e o diálogo entre o contexto material e as necessidades imediatas dos indivíduos, servindo como fundamento para inspirar estudantes e professoras a criarem entendimentos e significados sociais (Mendonça, 2011).

Essa inspiração permite que as atividades pedagógicas sejam planejadas para determinado fim e articula conhecimentos sistematizados com o conhecimento das e dos estudantes para que, desenvolvam capacidades e compreendam o mundo em que vivem. Na consciência da realidade e da possibilidade de transformação, a função social da escola de produzir e socializar conhecimentos, o ensino de Sociologia, como destacado pela autora é uma *“ferramenta valiosa”* para se estabelecer uma relação consciente com o mundo (Mendonça, 2011).

Nesse sentido,

[...] é necessário, portanto, partir dessa realidade e construir uma transição, que possibilite a construção de sentidos e significados, reelaborada à luz de uma perspectiva de educação emancipadora, que certamente gerará mais conflitos, mas também pode gerar novas possibilidades pedagógicas, que superem o distanciamento e a ausência de sentidos tão presentes no cotidiano escolar, nas relações entre seus principais agentes: professor e estudantes. Certamente, o ensino de Sociologia se fará presente nesse processo não só pelos conteúdos que se propõe a abordar no ensino médio, mas principalmente pelo seu objetivo central de desnaturalizar as relações sociais (Mendonça, 2011, p. 356).

No contexto neoliberal de sociedade desigual, de precarização da vida social e das políticas sociais, o ensino médio precisa ser problematizado, desnaturalizado, considerando saberes das juventudes, realizando a reflexão crítica sobre o mundo do trabalho, as tecnologias, a cultura, as ciências, as artes, o modo de vida das próprias juventudes, inclusive refletido como a Educação Básica é oferecida, contribuindo assim com a expansão da consciência, o modo de ver e agir no mundo, articulando a prática sociológica e a pedagógica.

Na mesma perspectiva, Dayrell (2007, p. 1125) afirma:

A escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral

predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez, de individualização crescente e de identidades plurais. Parece-nos que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia.

Da mesma forma que jovens estudantes estão demandando formas plurais de reconhecimento, a escola é demandada a assumir uma postura de escuta e utilização de recursos e instrumentos que os tornem capazes de apoiar os desafios que emergem das juventudes e suas especificidades.

No campo normativo, em 2009, o Conselho Nacional de Educação, publicou a Resolução nº 1, de 15/05/2009, que trouxe mecanismos para regulamentar a implementação indicando a obrigatoriedade do ensino de Sociologia ao longo de todos os anos do ensino médio, qualquer que seja a denominação e a organização do currículo, estruturado este por sequência de séries ou não, composto por disciplinas ou por outras formas flexíveis em todas as escolas, públicas e privadas (Dayrell, 2007).

Com essa obrigatoriedade, outras políticas públicas educacionais, relacionadas com o ensino de Sociologia, foram garantidas para a Educação Básica, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e ações para formação de professoras e professores (Dayrell, 2007).

O ensino de Sociologia dialoga com o cotidiano das juventudes. Os temas como globalização, desigualdade social, identidade, classes sociais, família, trabalho, cultura, cidadania, movimentos sociais, escola, educação, meio ambiente, tecnologia, meios de comunicação, raça, gênero, sexualidade e tantos outros, atravessam a vida das e dos jovens estudantes, das professoras e dos professores e do próprio cotidiano escolar.

Nesse contexto de moral capitalista, de uma formação utilitarista para o mercado, patrocinada pelos interesses do capital, o pensamento acrítico é presente também nas aulas, destituindo reflexões que questionam as relações de poder, apresentando-se em uma perspectiva tecnicista sobre o conhecimento para uma "escola neutra".

Essas reações, ora institucionalizada através de movimentos conservadores, ora por reações individualizadas de grupos que defendem preceitos religiosos como princípios nas políticas públicas, propõem o debate do currículo na mídia e nos espaços políticos no sentido de proibir essas abordagens.

Nesse contexto, a Sociologia pode (e deve) contribuir para extrapolar a reflexão sobre sexo e gênero, no sentido de desnaturalizar o ambiente social e educacional, que é responsável pela construção de padrões de comportamento que criam e reproduzem a desigualdade entre gêneros.

O ensino de Sociologia é uma possibilidade para trabalhar com posições e teorias diferentes, estabelecer diálogo, reflexão que favoreçam a imaginação sociológica e incentivando o estranhamento da realidade, através de uma diversidade de recursos, que transformam o saber acadêmico em saber escolar para emancipação das e dos estudantes a partir da visão crítica de mundo.

No Currículo Paulista, a Sociologia é apresentada como uma disciplina essencial do ensino médio, que busca compreender as relações sociais e os processos de transformação da sociedade, a partir da promoção de uma consciência crítica e reflexiva sobre a realidade social, abordando temas como estrutura social, cultura, desigualdades e movimentos sociais. O currículo enfatiza a abordagem interdisciplinar, conectando a Sociologia a outras áreas do conhecimento, especialmente história, geografia e filosofia, e visa estimular a análise crítica dos fenômenos sociais contemporâneos, como relações de poder e diversidade, sendo considerada uma ferramenta essencial para a compreensão e análise da sociedade atual (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2020).

No Currículo Paulista, não há uma referência direta sobre diversidade sexual ou diversidade de gênero, no organizador curricular da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e nem no organizador curricular do Itinerário Formativo na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, seja nas competências, habilidades, categorias e objetos de conhecimento (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2020).

Uma consideração importante. A ausência de discussões relacionadas com a diversidade sexual e de gênero não é encontrada somente na educação básica. Por mais que entendamos que o ensino de Sociologia pode contribuir com essas discussões, cabe destacar que durante a formação do ProfSocio, apenas uma

disciplina (optativa) oficialmente trouxe a discussão nas aulas: Sociologia da Juventude.

Estamos em um programa que tem a sala de aula como espaço central. Espaço esse que as discussões de gênero e sexualidade emergem diariamente por estudantes. Entendo que o mestrado profissional de Sociologia, deveria ter essas ausências preenchidas, seja para falar gênero e sexualidade, como também da sexualidade como questão política e social; o dispositivo da transexualidade; o movimento LGBT brasileiro, as ofensivas antigênero no Brasil, os discursos ultraconservadores e a “ideologia de gênero”, a cis heteronormatividade nas escolas, a construção escolar das diferenças, as pedagogias das *travestilidades*, *queers*, e outras tantas.

Neste ponto, entendemos que o aumento do acesso à educação trouxe desafios ocasionados pela diversidade de experiências trazidas por diferentes jovens, que a reforma do ensino médio, com a fragmentação do conhecimento na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), inclusive no cenário paulista, não contribui para solucioná-los. Também entendemos a importância do ensino de sociologia como forma de fomentar a compreensão crítica da sociedade, em conexão com outras áreas do conhecimento, contribuindo para abordagens inclusivas e críticas no ensino médio, sobre o próprio ensino, especialmente por meio da desnaturalização da realidade e a compreensão social entre estudantes.

#### 4 PONTO DE FALA E ESCUTA: PROMOVER AÇÕES DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA ESCOLA

e do ato de fazer pelo ato de fazer pelo ato  
de  
virar o avesso,  
o inconsciente dos bordados,  
e lê-lo  
vazio de sentidos  
por trás dos bastidores  
(Alex Simões)

Quando pensamos na formação recebida dentro da educação básica, enquanto estudantes, possivelmente será lembrado de muitos conceitos de diferentes áreas. Por outro lado, provavelmente teremos que fazer um esforço para se lembrar sobre as vezes em que foram discutidos abertamente sobre diversidade sexual e gênero na sala de aula.

Sejam na relação com nossas e nossos colegas da turma, sejam na relação de ensino e aprendizagem, fomos orientadas e orientados em relação a certas atividades e aptidões de meninos e meninas, e muitas vezes não nos demos conta que isso se tratava de ensino sobre o que se entendia e ou se entende por feminino e masculino, ou seja, sobre as relações de gênero.

Para além desse ensino invisível que não é nomeado, mas que é realizado, as relações de gênero na escola são permeadas por desigualdades, expressando discriminações, preconceitos, violências e privilégios na escola, que atravessaram nossa vida estudantil e nossa vida profissional, no fazer docente.

Os conceitos de diversidade sexual e gênero atravessam as relações sociais na escola, no entanto, seu entendimento, ou a falta deles, ainda é motivo para muitas polêmicas que reverberam, tanto dentro como fora da sala de aula, em espaços repressores.

A clássica afirmação de Simone de Beauvoir (1967, p. 9) “não se nasce mulher, torna-se mulher”, apresenta-se como ponto inicial para discutir que o tornar-se mulher não significa um ato natural, consequência do nascimento. Para além de um ato biológico, tornar-se mulher, está relacionado com uma construção histórica e social, resultante da socialização de dada organização social (Beauvoir, 1967). Assim como

não se nasce mulher, também não se nasce homem, e não se nasce pessoa não-binária, o que aponta para a ideia de gênero como algo construído a partir da aprendizagem.

O discurso das diferenças repercutiu na literatura sociológica e psicológica nos Estados Unidos nos anos de 1970 e 1980, graças ao debate político e científico, da construção de sexo e gênero como categorias e realidades históricas emergentes, nas quais os textos feministas tornaram-se crítica ao “determinismo biológico”.

Conforme afirma Donna Haraway (2004, p. 222):

Esses debates variaram desde as diferenças genéticas da capacidade matemática de meninos e meninas, a presença e o significado de diferenças sexuais na organização dos neurônios, a relevância da pesquisa com animais para o comportamento humano, as causas da dominação masculina na organização da pesquisa científica, as estruturas e os usos padronizados sexistas na linguagem, os debates da sociobiologia, as lutas a respeito do significado das anomalias dos cromossomos sexuais até às semelhanças entre racismo e sexismo. Em meados dos anos oitenta, uma crescente suspeita sobre a categoria de gênero e sobre o binarismo sexo/gênero entrou na literatura feminista nesses debates.

A historiadora Joan Scott (1995) explica que as feministas americanas inicialmente utilizaram o conceito de gênero para se referir a organização social entre os sexos e só depois para enfatizar o determinismo biológico implícito no termo “sexo”. Apresenta a necessidade de que gênero seja compreendido para além do entendimento gramatical, mas sim a partir de uma historicização do conceito, relacionando a política como um dos domínios de análise. Enquanto categoria analítica, gênero surge das práticas feministas, contribui para essas práticas e se transforma a partir delas.

Conforme aponta a autora,

O termo “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir

a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995, p. 75).

Nessa definição, gênero é um modo de significar as relações de poder presentes nas relações sociais, especialmente no ocidente, nas tradições judaico-cristã e islâmica. Com isso, sexualidade e gênero constituem junto com as formas de poder e de dominação com as quais estão relacionadas, que faz com que a utilização do conceito gênero como uma categoria de análise histórica, seja um instrumento teórico e metodológico, politicamente útil para ultrapassar a simples descrição da história das mulheres (Scott, 1995).

O fato de uma pessoa nascer com uma vagina, outra nascer com um pênis, outra com genitália ambígua, diz pouco sobre a utilização de roupas e objetos rosa ou azul, escolha de carreiras nas áreas de dança, educação, engenharia, matemática, sobre o choro, a realização dos cuidados domésticos e com filhos, se pode ser uma pessoa mais agressiva ou violenta. Essas diferenças, hierarquizam as relações, construindo subjetividades e emoções (Araújo, 2005).

Conforme apresentado por Maria de Fátima Araújo (2005, p. 43):

[...] para quem a divisão do mundo, fundada sobre as diferenças biológicas, aquelas que se referem à divisão sexual do trabalho, da procriação e da reprodução, opera como a mais fundada das ilusões coletivas. Estabelecidas como um conjunto objetivo de referências, as representações de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial às fontes materiais e simbólicas), o gênero torna-se envolvido na concepção e na construção do poder em si mesmo.

Na mesma direção, Heleieth Saffioti (1987), que entende gênero como uma categoria de análise histórica e como sendo um constructo intelectual que opera na realidade, em seu texto “O poder do macho”, apresenta uma explicação sobre os papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo e a relação de privilégio na dominação da mulher, pelo homem. Como macho, ela se refere ao homem hétero, adulto e branco.

Conforme afirma a autora:

De um modo geral, contudo, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da

discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na 'ordem das bicadas' é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres (Saffioti, 1987, p. 16).

Os estudos da Teoria *Queer*, apresentam que não existe uma determinação natural entre gênero, sexo e desejo, que faz pensar a intersecção com outras relações, como raça e classe para além da heterossexualidade e que “não há identidade de gênero atrás da expressão de gênero; esta identidade é performativamente constituída pela expressão que deveria ser o seu resultado” (Butler, 2018).

Sobre a análise interseccional e crítica das opressões que afetam as pessoas com base em sua raça, classe social e gênero, as categorias estão intrinsecamente interligadas e como estruturas de poder, perpetuam desigualdades e injustiças sistêmicas (Davis, 2016).

Sobre a importância da interrelação do conceito de gênero com outros conceitos, a partir da discussão sobre a escravização e de seus efeitos, a autora articula a maneira pela qual a mulher negra foi desumanizada no sistema escravista, no qual eram vistas, assim como os homens, como unidades de trabalho lucrativas, desprovidas de gênero (Davis, 2016).

Como afirma a autora,

No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite [...] a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas (Davis, 2016, p. 25).

Ao discutir o papel do capitalismo, racismo e sexismo na construção e na manutenção, dessas hierarquias sociais, destaca a necessidade de uma luta coletiva e solidária para alcançar a libertação e a justiça social e mostra a necessidade da intersecção de raça, classe e gênero para não hierarquização das opressões. Para ela:

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça

é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (Davis, 2016, p. 17).

Pensar o ensino sobre a diversidade sexual e de gênero é pensar a intersecção de raça, classe e gênero. Dessa forma, contribui para aprofundar a perspectiva das e dos estudantes, na desnaturalização da realidade e a compreensão da estruturação da sociedade capitalista, bem como no aprofundamento da interrelação. Articular os conceitos do patriarcado, racismo e capitalismo, apoiam para o entendimento de estudantes sobre as perspectivas teóricas e na reflexão dos condicionantes estruturais da desigualdade social.

#### 4.1 AS TENSÕES DO DEBATE NA ESCOLA.

Os conceitos de diversidade sexual e gênero estão baseados a partir da produção científica brasileira de diversas pesquisadoras e diversos pesquisadores, dentro dos marcos dos Direitos Humanos, e não em ideologias ou doutrinas, conforme apontado em discussões apresentadas, por exemplo, por Ricardo da Silva (2017).

O pesquisador aborda a questão do gênero como uma construção sociocultural que influencia a maneira como somos criados e nos relacionamos com o mundo desde o nascimento. Somos direcionados a papéis de gênero específicos, como a decoração do quarto e os brinquedos que recebemos, onde as normas de gênero são reforçadas pelas mães, pais, responsáveis e pela sociedade. Essas diferenças se manifestam em várias áreas da vida, como na educação, nas práticas de atividades físicas, na escolha de profissões e nas atividades diárias, rompendo com a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são determinadas apenas pela biologia, destacando a influência da cultura e do ambiente social (Silva, 2017).

No contexto escolar, as questões de gênero são percebidas desde a educação infantil, com atividades direcionadas especificamente para meninos e meninas. As professoras e os professores, muitas vezes, se sentem desconfortáveis quando as e os estudantes desafiam esses padrões de gênero levando brinquedos ou objetos

considerados "inadequados" para o seu gênero. As mães, pais, e responsáveis tendem a direcionar seus filhos de acordo com os papéis de gênero esperados pela sociedade. Essa coerência de gênero é internalizada pelos indivíduos, perpetuando o ciclo e influenciando suas escolhas ao longo da vida (Silva, 2017).

A noção de igualdade de gênero reivindica um sistema escolar inclusivo, que combata as discriminações e desigualdades e considera a importância de se repensar as ações no ambiente escolar e promover diálogos que questionem e desafiem as normas de gênero. Professoras e professores devem estar preparados para lidar com esses movimentos e devem oferecer um ambiente inclusivo, rompendo com os padrões de gênero e oferecendo oportunidades iguais, independentemente do sexo ou gênero (Silva, 2017).

Após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN) o Ministério da Educação (MEC) lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que incorporaram os Temas Transversais no trabalho educativo da escola. No entanto, a abordagem da orientação sexual nos PCN não foi obrigatória, sendo limitada ao campo biológico, deixando de fora as discussões sobre diversas formas de vivenciar afetos, sexualidade e a diversidade de identidades e gêneros mas possibilitou a reflexão sobre o tema no currículo escolar, devido a sua transversalidade (Araújo; Cruz; Dantas, 2018).

Enquanto categoria de análise histórica, gênero não possui entendimento homogêneo de todos os setores da sociedade, sendo alvo de muitas tensões, disputas e repressões, como por exemplo, a discussão acerca do que se chamou de "ideologia de gênero". O termo que surgiu no final da década de 1990, ganhou força no Brasil no ano de 2014, quando o MEC buscou incluir educação sexual, combate às discriminações e promoção da diversidade de gênero e orientações sexuais no Plano Nacional de Educação (PNE). Além disso, na proposta inicial, a redação do documento utilizava a flexão de gênero, deixando de se referir às pessoas apenas no masculino (Araújo; Cruz; Dantas, 2018).

A discussão trouxe grande reação de setores conservadores da sociedade, especialmente os ligados às igrejas e aos pertencentes ao "Movimento Escola Sem Partido", que eram contrários à realização de atividades relacionadas a gênero e sexualidade nas escolas, que pressionaram até alcançar a supressão do texto do

Plano Nacional, o que desencadeou a retirada nos planos estaduais e municipais (Reis; Eggert, 2017).

Conforme afirmam os autores:

Considerando as fontes citadas, percebe-se que se formou uma aliança composta por evangélicos e católicos mais ortodoxos, quando não fundamentalistas, bem como organizações conservadoras/reacionárias que defendem o que chamam de família e costumes tradicionais, unidas em divulgar e disseminar informações distorcidas para impedir que se alcance a equidade entre os gêneros e o respeito à diversidade sexual, conforme vem sendo ratificado internacional e nacionalmente há décadas com a intenção de diminuir as discriminações e as violências baseadas em gênero[...]. Essa aliança entre setores geralmente não ligados entre si surtiu efeito. Segundo levantamento realizado, em janeiro de 2016 pela iniciativa “De Olho nos Planos”, em relação aos 22 Planos Estaduais de Educação aprovados e sancionados na forma de lei, 9 não fazem qualquer referência à palavra “gênero” e 15 não explicitam o termo “gênero” nos Princípios ou Diretrizes do Plano ao citar o enfrentamento a toda forma de discriminação (Reis; Eggert, 2017, p. 10).

Atendendo essa movimentação conservadora, surge o Projeto de Lei nº 13/2010, intitulado “Escola sem Partido” de autoria do Senador Magno Malta do PR-ES, que tentava incluir na LDBEN a obrigatoriedade de “neutralidade absoluta” de professoras e professores, que deveriam reproduzir conteúdo sem problematização (Reis; Eggert, 2017).

O projeto considerava estudantes como *a parte mais fraca na relação de aprendizado* e que o Poder Público *não se imiscuiria na opção sexual dos alunos e nem prejudicaria a harmonia com a respectiva identidade biológica de sexo*. Determinava que as escolas deveriam afixar cartazes nas salas de aula e de professores, com a indicação da lei, e como professoras e professores deveriam tratar questões políticas, socioculturais, econômicas e indicando a criação de canais para possíveis denúncias das chamadas de “doutrinadoras e doutrinadores” (Reis; Eggert, 2017).

De âmbito nacional, a proposta inspirou a criação de outras nas esferas estaduais e municipais, contrárias a liberdade possível da sala de aula como um espaço que fomenta discussões e proporciona debates, contrariando as múltiplas possibilidades culturais, religiosas, de gênero e sexualidade (Reis; Eggert, 2017).

Para Rayane Oliveira e Erika Batalha (2017, p. 44):

Os professores que tentam educar para a criticidade são atacados justamente porque o senso crítico é um perigo para a ordem dominante. Afinal uma sociedade de sujeitos críticos representa o próprio declínio desta ordem, uma vez que estes não aceitariam com tanta passividade todos os retrocessos absurdos perpetrados contra eles próprios diariamente.

Em 2017, o PL foi retirado de pauta pelo próprio senador que propôs, mas as discussões em torno da "ideologia de gênero" continuaram e ganharam espaço para além dos discursos da arena política, repercutiam na vida social. No mesmo ano, a filósofa americana Judith Butler veio ao Brasil e enfrentou manifestações presenciais e virtuais contrárias à sua permanência no país, sendo hostilizada em alguns espaços e acusada de querer transmitir conceitos "contrários à biologia, acabar com a família tradicional e incentivar a homossexualidade" (Miskolci, 2018).

Em artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo, Butler (2017) manifestou-se respondendo aos ataques sofridos e explicou que sua teoria de gênero defende a dignidade e os direitos sexuais, condenando a violência contra mulheres e pessoas trans. Explicou que sua obra descreve as dificuldades para muitas pessoas aceitarem as expectativas da atribuição do caráter performativo do gênero no nascimento, que são diferentes com as expectativas que têm de si mesmas.

Conforme explica a autora,

Algumas pessoas vivem em paz com o gênero que lhes foi atribuído, mas outras sofrem quando são obrigadas a conformar com as normas sociais que anulam o senso mais profundo de quem são e quem desejam ser. Para essas pessoas é uma necessidade urgente criar as condições para uma vida possível de viver [...] esse trabalho e muito mais do que desenvolvi depois, também foi dedicado à crítica e à condenação da violação e violência corporais [...]. Meu compromisso é me opor às ofensas que diminuem as chances de alguém viver com alegria e dignidade. Assim sou inequivocadamente contra o estupro, o assédio e a violência sexual e contra todas as formas de exploração de crianças. Liberdade não é – nunca é – a liberdade de fazer o mal. Se uma ação faz mal a outra pessoa ou priva de liberdade, essa ação não pode ser qualificada como livre – ela se torna uma ação lesiva (Butler, 2017, p. 2).

No ano de 2018, a discussão ganhou o debate das eleições para governo de estados e distrito federal, senado e câmaras federais, estaduais e distritais, especialmente para presidência da República, em que o candidato Jair Bolsonaro (PSL) trouxe para sua campanha, o programa do MEC “Escola Sem Homofobia”, afirmando que o então candidato Fernando Haddad (PT), quando era Ministro da Educação, fazia entrega de um “*kit gay*” para escolas de educação infantil, e que isso incentivava a pedofilia. No entanto, o programa não chegou a sair do papel e a declaração do então candidato foi decretada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) como *Fake News* (Araújo; Cruz; Dantas, 2018).

Conforme apresentado pelos autores acima, o Programa "Escola Sem Homofobia" propunha diversas iniciativas, entre elas a criação de um *kit* que continha recursos educacionais com o objetivo principal de desconstruir estereótipos sobre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, além de promover a convivência democrática com a diversidade no ambiente escolar. As repercussões foram para além da campanha eleitoral e em conjunto com o "Movimento Escola Sem Partido", a ideia de uma “ideologia de gênero” chegou e persiste ainda no contexto escolar (Araújo; Cruz; Dantas, 2018).

Entre os argumentos apresentados, estavam que a realização das atividades relacionadas a educação para a diversidade sexual e de gênero eram contrárias aos valores da família, que induziram as crianças a experimentar a sexualidade desde cedo e a serem homossexuais ou transexuais, contrariando a heterossexualidade, vista pelo movimento como sendo como “natural”. Os argumentos também discordavam que os papéis atribuídos por homens e mulheres eram permeados por desigualdades, valorizavam o papel de genitora das mulheres e enxergavam as iniciativas de combate as discriminações de gênero e as orientações sobre educação sexual, como desnecessárias (Araújo; Cruz; Dantas, 2018).

Richard Miskolki e Maximiliano Campana (2017) discutem a genealogia e o impacto da chamada “ideologia de gênero” nos debates contemporâneos, relacionando nesse contexto o papel da Igreja Católica e o conservadorismo religioso, equiparando-a a totalitarismos e afirmando que esse discurso tem sido uma forma de resistência aos avanços dos direitos sexuais e reprodutivos, a educação sexual nas escolas, a distribuição de contraceptivos, a aprovação do casamento igualitário e mudanças no sistema educacional para torná-lo mais laico, especialmente na América

Latina. Para os autores, a reação conservadora contra a "ideologia de gênero" é vista como uma tentativa de resistir à disseminação da agenda feminista e dos direitos civis, e de afirmar concepções tradicionais de gênero e sexualidade, contrariando a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são construções culturais.

Priscila Vasconcelos (2023) ao investigar a presença da "ideologia de gênero" nos materiais didáticos de Sociologia, compreende o termo relacionando-o ao contexto das discussões sobre direitos das mulheres promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), quando questões relacionadas à sexualidade entram em debate, se instrumentalizando como uma bandeira contra as pautas feministas e LGBTQIA+, utilizadas por grupos conservadores.

Para a autora

O termo 'ideologia de gênero', nesse sentido, surge como um mobilizador político da direita fundamentalista conservadora, que, visando manter o status quo das relações de gênero e sexualidade, promovem uma série de ataques contra aqueles que almejam: a) desnaturalizar essas relações sociais opressoras; b) promover políticas públicas de combate às violências e as desigualdades de gênero; e, c) respeitar as diferentes identidades de gênero e sexualidades. (Vasconcelos, 2023, p. 172)

Ao abordar o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e suas mudanças após a reforma do ensino médio, Vasconcelos (2023) enfatiza a diminuição de conteúdo e a falta de abordagem interdisciplinar nos materiais, no que se refere a gênero e sexualidade, considera que a homogeneização dos materiais e a redução do conteúdo contribuem para a naturalização da realidade social e para a manutenção do *status quo*, no caso, conservador.

Ao lado oposto das considerações conservadoras, a escola ao trazer a temática da educação para a diversidade sexual e de gênero, contribui para o convívio com a diversidade cultural, incentivam o combate das desigualdades baseadas nas diferenças, além de ser uma estratégia para combater preconceitos e discriminações, especialmente a violência contra mulher e a LGBTIfobia (Vasconcelos, 2023).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), recomenda os estudos sobre a questão de gênero como uma importante ferramenta no combate à intolerância. Sobre as evidências da educação em sexualidade indica que o trabalho com o tema não incentiva a atividade sexual e nem

o comportamento sexual de risco, não faz aumentar infecções sexualmente transmissíveis ou HIV é uma estratégia para combater o abandono escolar por gravidez precoce, que no Brasil faz com que 75% das adolescentes grávidas não finalizam a educação básica (Unesco, 2018).

Apesar de toda a polêmica e repressão envolvidas com os planos de educação, o trabalho com a diversidade sexual e de gênero encontra outros normativos jurídicos que justificam a sua realização, como as metas globais estabelecidas pela ONU para 2030<sup>2</sup>: para a garantia de ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes; e a promoção da educação para a igualdade de gênero e os Direitos Humanos, que o Brasil é signatário (Unesco, 2018).

O "Movimento Escola Sem Partido" desconsidera a própria Constituição Federal de 1988, em que a educação é considerada um direito de todas e todos e uma responsabilidade tanto do Estado quanto da família. A sua promoção e incentivo devem ocorrer em conjunto com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento individual, preparo para a participação cidadã e qualificação para o mercado de trabalho (Brasil, 1988).

O artigo constitucional, ampliado pela LDBEN, definiu para que o ensino seja ministrado, entre outros princípios com a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e apreço à tolerância e a valorização da experiência extraescolar (Brasil, 1996).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 19, assegura que é direito da criança e do adolescente ter criação e educação em sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral (Brasil, 1990).

As legislações federais relacionam-se com o objetivo central da educação de garantir o pleno desenvolvimento de crianças e jovens, o que considera por sua vez, toda a sua diversidade, incluindo a sexualidade e gênero, contrariando os grupos conservadores, que se movimentam para impedir essas práticas pedagógicas na escola.

---

<sup>2</sup>Para obter mais informações, visite <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>.

Entre as estratégias usadas pelo movimento para impedir a educação sexual e de gênero na escola foi a de criação em âmbito municipal de legislações que proibissem a sua abordagem. Essa estratégia foi bem fortalecida até que o Supremo Tribunal Federal (STF), declarou em unanimidade, inconstitucional uma lei municipal, da cidade de Novo Gama (GO) que proibia o debate sobre a identidade de gênero nas escolas, criando uma jurisprudência contra qualquer legislação que impeça o debate de gênero na educação (Vasconcelos, 2023).

Os ministros concluíram que a lei municipal impugnada violou a Constituição Federal no que se refere à liberdade de aprender, ensinar, pesquisar, divulgar o pensamento, a arte e o saber e ao pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (art. 206), bem como à liberdade de expressão (art. 5º), que proíbe a censura em atividades culturais em geral (Vasconcelos, 2023).

Em sua manifestação, o ministro Edson Fachin, afirmou que o reconhecimento da identidade de gênero é constitutivo da dignidade humana e que o Estado, para garantir o gozo pleno dos Direitos Humanos, não pode vedar às e aos estudantes o acesso ao conhecimento a respeito de seus direitos de personalidade e de identidade (Agência de Jornalismo Investigativo, 2003). Entre os argumentos utilizados, o ministro Gilmar Mendes, citou uma entrevista de Jimena Furlani, que destacou:

[...] Nas discussões e aprovações dos Planos de Educação ficou evidente que combater a 'ideologia de gênero' significava retirar de qualquer documento as palavras gênero, orientação sexual, diversidade sexual, nome social e educação sexual. Mesmo que as palavras, nas frases, não implicassem nenhuma ameaça objetiva, evitar que as palavras fossem visibilizadas na lei certamente dificultaria aqueles que pretendessem trabalhar esses temas na educação, e, sem muitos argumentos, as palavras foram excluídas. No entanto, é preciso lembrar que retirar essas palavras da lei não elimina os sujeitos da diversidade sexual e de gênero do interior da escola brasileira e de todas as sociedades humanas. Crianças e jovens, assim como professores, pais e mães, possuem suas identidades de gênero, são sujeitos de afetos e convivem num mundo diverso. Aliás, não é a existência do conceito de gênero que 'fez surgir' na humanidade pessoas homossexuais, travestis, lésbicas, transgêneros, transexuais ou bissexuais, por exemplo. Os estudos de gênero existem para estudar esses sujeitos, compreender a expressão de suas identidades, propor conceitos e teorias para sua existência e ajudar a construir um mundo onde todos/as se respeitem (Agência de Jornalismo Investigativo, 2003, p. 1).

Com a decisão, foi atestada a violação de direitos básicos em leis que proíbem a abordagem de gênero e em outras inspiradas no "Movimento Escola sem Partido", que promovem preconceitos, e estimulam perseguições contra integrantes da comunidade escolar, além de atestar a competência privativa da União para legislar sobre as diretrizes da educação nacional (Semis, 2017).

Ainda em 2017, essa repercussão atingiu a BNCC, que estava sendo discutida. O resultado foi a retirada pelo Ministério da Educação da última versão, do documento que foi encaminhado ao Conselho Nacional da Educação (CNE), de termos como "identidade de gênero", "orientação sexual", sendo substituídos por termos genéricos e pouco aprofundados (Semis, 2017).

Conforme apontado pela autora acima, os trechos que passaram por alterações ou foram retirados estão transcritos abaixo:

Página 14 : "Art. 16 Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, ~~sexualidade e gênero~~, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo." Página 19 Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, ~~gênero, orientação sexual~~, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer. Página 301. (EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos ~~baseados nas diferenças de sexo, de identidade de gênero e de orientação sexual~~. (Semis, 2017, p. 5)

Ao tornar implícito os termos como “identidade de gênero” e “orientação sexual” o MEC contribuiu para que não fossem priorizadas nos estados e municípios, materiais pedagógicos e formação continuada sobre o tema e para sua ocultação nos currículos.

Além disso, a retirada da BNCC, representa a retirada da discussão das questões de gênero na escola, como machismo, homofobia, misoginia, violência de gênero, contribuindo com o padrão de moral da família burguesa, nos aspectos e contradições, estão completamente vinculados.

No ensino médio, onde as contradições são mais evidentes, a curiosidade deve ser cultivada e partir da realidade objetiva e não da idealizada. Deve-se conhecer as e os jovens estudantes para criar necessidade, do que sabe para o que não sabe, e através das aulas, refletir sobre a diversidade sexual e gênero no interior da escola problematizando o senso comum.

O desafio é que essa etapa traga a reflexão de que a escola é um espaço de contradição e disputas, em que a formação para a emancipação das e dos estudantes, de maneira crítica, contribua para a autonomia, cidadania, superação das violências, preconceitos e discriminações e para a compreensão, ampliação do modo de ver a realidade rompendo com a formação conteudista e pouco crítica.

Se faz então necessário articular os referenciais teóricos, servindo assim como resistência às reformas e esvaziamentos curriculares, seja do ponto de vista da Sociologia, como do ensino médio, contribuindo para consciência crítica de jovens estudantes no enfrentamento das injustiças da sociedade capitalista, e a provocação das juventudes para a luta política, para a democracia, livre de qualquer forma de preconceito e discriminação, especialmente as relacionadas à diversidade sexual e de gênero.

Além da proposta de escrever uma dissertação, na análise de temas que envolvem as relações de diversidade sexual e de gênero em sala de aula, esse trabalho também se propôs a elaborar uma intervenção pedagógica, relacionando formação de professoras e professores e Direitos Humanos na comunidade escolar, que permitiram refletir a repercussão desses temas na qualificação do olhar docente sobre a realidade, que será desenvolvida nos próximos capítulos.

## 4.2 REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL

A aplicação da pesquisa de campo, para além da articulação com a escola, contou com alguns desafios relacionados com a aprovação do Comitê de Ética da universidade. O trabalho foi submetido na Plataforma Brasil e aceito para análise na segunda quinzena de agosto de 2022. Como pendências, foram necessárias adequações com a folha de rosto, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), a autorização assinada pela diretora da escola e as devidas alterações de cronograma, que foram atendidas e inseridas logo na primeira quinzena de setembro de 2022.

O novo parecer saiu em outubro de 2022, e junto com ele, a indicação de novas pendências como a anuência da dirigente regional de ensino, novas alterações no TCLE e TALE, e novas alterações no cronograma, já indicando a impossibilidade de ser realizada no ano letivo de 2022, passando a ser reprogramada para o ano letivo de 2023. Não conseguir aplicar a pesquisa como previsto anteriormente, e a preocupação de não conseguir dar conta do trabalho dentro do prazo do ProfSocio, trouxeram desapontamento para esse pesquisador.

Passado o desapontamento, procuramos a Diretoria Regional de Ensino de Apiaí, que de imediato apresentou o termo de anuência para a realização da pesquisa. Após a nova submissão dos documentos e atualização à diretora da escola sobre as mudanças da data, solicitamos junto ao Programa do ProfSocio a prorrogação do prazo da defesa por 180 dias, que foi deferido pelo Conselho do curso.

Em 20/01/2023, o Comitê de Ética emitiu o Parecer nº 5.859.215, favorável a realização da pesquisa, indicando que o projeto apresentou justificativa plausível, bibliografia atualizada sobre a temática, procedimentos metodológicos descritos de forma clara e adequados aos objetivos da pesquisa, destacando a linguagem acessível do TCLE, autorizando a realização da pesquisa.

Conforme apontamento do último Censo Escolar (2023), grande parte das e dos jovens estudantes dessa escola, residem com a mãe, avós ou familiares responsáveis. A maioria das pessoas responsáveis, que trabalham fora, não possuem registro em carteira, com renda familiar de até dois salários-mínimos e nível de escolaridade correspondente ao Ensino Fundamental incompleto (Inep, 2023).

De acordo com os dados abertos da Secretaria da Educação, a escola, que aderiu ao Programa de Ensino Integral, funciona nos períodos manhã e tarde, no ano de 2023, contava com 272 estudantes matriculadas e matriculados, exclusivamente no ensino médio, sendo 69 na primeira série, 114 na segunda série e 89 na terceira série. Em 2018, o número de matrículas foi de 310; em 2019, 228; em 2020, 243; em 2021, 252 e em 2022, 287. A escola atende estudantes da região central e urbana e rural, onde cerca de 70% das e dos estudantes utilizam o transporte escolar. Conta com uma diretora efetiva, uma vice-diretora designada, 17 professores, sendo 12 efetivos, 2 estáveis e 3 temporários (Inep, 2023).

Com as formalidades da pesquisa cumpridas, o passo seguinte foi organizar a aplicação do grupo focal com a equipe gestora da unidade escolar. Estivemos na escola, apresentamos o roteiro do grupo, os termos TCLE e TALE, e conversamos sobre a disponibilidade de utilização de salas e recursos da escola, além de detalhes da aplicação. Não houve nenhuma restrição ou recomendação que sinalizasse alguma proibição de conversa com estudantes. Ao contrário, em todos os momentos a diretora destacou a importância da discussão desses temas, e o quanto as e os trazem esses assuntos no cotidiano da escola.

Pelas experiências docentes, tenho percebido que a autonomia concedida pela equipe gestora às professoras e aos professores é fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes e contribui para a construção de uma cultura de trabalho em equipe na instituição escolar. Quando se é proporcionado liberdade para que professoras e professores expressem opiniões, tomem decisões relacionadas ao planejamento das aulas, seleção de metodologias e avaliação, as e os profissionais se sentem valorizadas e valorizados, refletindo diretamente na qualidade do ensino oferecido.

No dia seguinte retornamos à escola, dessa vez para apresentar a proposta às e aos estudantes da 3ª série. Acompanhado da gestora, fomos até as classes para convidar para participar do grupo focal. Nessas conversas, a diretora destacou minha passagem na escola como professor e indicou a importância do tema da pesquisa. Para aquelas e aqueles que apresentaram o interesse, entregamos os termos TCLE e TALE, para que pudessem ler com mais calma e solicitassem às suas pessoas responsáveis que fizessem a assinatura. Na turma A, cinco estudantes manifestaram interesse; na turma B, seis estudantes e na turma C, quatro estudantes. No intervalo,

outras três estudantes solicitaram os termos para participar do Grupo, totalizando dezoito estudantes.

Tendo em vista a quantidade de estudantes interessadas e interessados a participar da pesquisa, decidimos fazer apenas um encontro do grupo focal, com a participação de estudantes das três turmas. Para apoiar na realização do encontro, contamos com uma pesquisadora auxiliar, professora especialista em currículo, da Diretoria Regional de Ensino de Apiaí.

#### 4.2.1 O Dia do Grupo Focal

Conforme combinado com a gestora da unidade, comparecemos na escola no dia primeiro de março, para realizar o grupo focal. Nos primeiros momentos, dedicamos para a organização do laboratório de informática, espaço disponibilizado, que é equipado com computadores e outros recursos tecnológicos para atividades relacionadas à informática e tecnologia, e contava com ampla iluminação, ventilação adequada, cadeiras confortáveis, mesas e televisão com acesso à *internet*; as vinte carteiras foram dispostas em duas fileiras, sendo cada uma com dez, em que estudantes ficaram frente a frente. Colocamos um *notebook* e um celular nas duas extremidades para fazer a captação do áudio, através da gravação do som e das vozes em formato digital. Quinze jovens estudantes compareceram para participar no horário marcado.

Inicialmente agradecemos a presença de todas e todos e apresentamos a equipe de pesquisa presente. Indagados se sabiam o que era mestrado, o grupo não soube responder, o que levou para explicação das etapas formativas acadêmicas, a partir do ensino médio. Contextualizada a formação superior, realizamos a leitura detalhada do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), informando sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios do estudo e sobre a importância do consentimento livre e esclarecido para participar, o que levou três jovens estudantes a solicitar o retorno para a sala de aula. Disseram que não estavam com o termo assinado e perceberam que a atividade “era séria demais”, e que “só queriam sair da sala por um tempo” e que “não queriam participar da atividade”. Assim, o grupo ficou composto por 12 (doze) jovens estudantes, número em acordo com os referenciais teóricos e metodológicos estudados.

No mesmo dia, os três estudantes que deixaram a atividade, procuraram a equipe de pesquisa e disseram que arrependeram de ter saído. A repercussão que as colegas trouxeram fez com que tivessem o interesse em retornar para o grupo; o que não foi possível, tendo em vista que a atividade já estava em andamento, e possuía uma relação de discussão entre os temas.

Com o grupo formado por jovens estudantes cisgêneros, a utilização da linguagem não-binária, foi dispensada. Explicamos sobre a pesquisa e a garantia do anonimato e solicitamos que indicassem um nome fictício para referirmos durante os trabalhos. Junto com essa identificação, as e os participantes preencheram informações sobre identidade de gênero e orientação sexual, sem qualquer interferência nessas respostas por parte do pesquisador.

Tabela 1 — Identificação - Jovens Estudantes participantes do grupo focal

| Nome Fictício   | Identidade de Gênero | Orientação Sexual | Idade   |
|-----------------|----------------------|-------------------|---------|
| ADORA           | Mulher Cis           | Pansexual         | 16 anos |
| BEEL            | Cis                  | Bi                | 17 anos |
| DORYTHY         | Mulher cis           | Hétero            | 17 anos |
| FLORZINHA       | Mulher cis           | Hétero            | 16 anos |
| FRANCISCO       | Hetero               | Bi                | 17 anos |
| GATINS          | Mulher cis           | Hétero            | 16 anos |
| KAYLE           | Mulher cis           | Hétero            | 17 anos |
| LARISSA MANOELA | Mulher Cis           | Bi                | 17 anos |
| LUA             | Não Sei              | Lésbica           | 17 anos |
| NICK            | Homem cis            | Gay               | 19 anos |
| PIPOQUINHA      | CIS                  | Gay               | 17 anos |
| ROSA BRANCA     | Mulher Cis           | Hétero            | 16 anos |

Fonte: O autor (2023).

A partir das respostas, notamos que a maioria se identifica com a identidade cisgênero (10 jovens estudantes), e com a orientação sexual diferente da heterossexual (08 jovens estudantes), o que demonstrou logo de início que o grupo

possui vivências no campo das sexualidades e afetividades, para além da heterossexualidade.

Nesse contexto, utilizamos conforme apresentado por Jaqueline de Jesus (2012), "hétero", como abreviação de heterossexual, que se refere à atração romântica ou sexual entre pessoas do sexo oposto; "bi": abreviação de bissexual, que se refere à atração romântica ou sexual por pessoas de ambos os sexos; "cis": abreviação de cisgênero, que se refere a pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento; "gay": refere-se a uma pessoa que tem atração romântica ou sexual por pessoas do mesmo sexo; "lésbica": refere-se a uma mulher que tem atração romântica ou sexual por outras mulheres; "homem cis": homem cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento; "mulher cis": mulher cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento.

O estudante FRANCISCO ao responder "hétero" como identidade de gênero, disse que marcou pensando como sendo a "aquela que é padrão", se referindo na verdade a identidade cisgênero. Como ele não pediu para alterar, mantemos como dito por ele, inicialmente. A estudante LUA, ao referir "não sei" para a identidade de gênero, diz que "não sabe ao certo quem é, dentro de tantas identidades possíveis", o que apresenta o lugar de questionamento das identidades a partir de suas vivências.

Apresentamos a divisão do grupo focal para as e os estudantes, sendo que a primeira parte trataríamos em conhecer qual o entendimento que possuíam sobre diversidade sexual e gênero e quais as dificuldades pessoais, sociais, políticas identificavam ao tratar o assunto. Na segunda parte, buscaríamos reconhecer a diversidade sexual e gênero na escola, sobre quais momentos o tema foi abordado durante na trajetória escolar, quais componentes, materiais utilizados, se foi suficiente o tempo dedicado, como foi abordado, se houve projetos.

Na terceira parte do grupo focal, nossa proposta era refletir sobre as vivências com a diversidade sexual e gênero, sobre a LGBTIfobia na escola; motivos das ocorrências das violações; possibilidades que enxergam para solução dos problemas apresentados e como a escola poderia participar na resolução das situações reais. Já na quarta parte, a proposta era para apresentação de questionamentos e aprofundamentos que tenha interesse dos temas e estratégias que estudantes sugeririam para trabalhar com equipes gestoras das escolas da rede estadual. A

proposta foi aprovada por todas e todos estudantes, que disseram não haver nenhuma sugestão para alteração e demonstraram bastante entusiasmo com a atividade.

Aproveitamos para lembrar que naquele espaço, poderiam falar o que desejassem, e que as opiniões das e dos colegas deveriam ser respeitadas, mesmo quando forem contrárias as suas. Para a captação do áudio, com a melhor qualidade, orientamos que sempre que alguém esteja com a fala, que possa esperar a conclusão da ideia para apresentar as suas considerações.

Ao longo da descrição desse trabalho, no sentido de valorizar e destacar as percepções das e dos estudantes, as falas estão em destaques em maiúsculas. E, quando todas e todos os estudantes concordam com as falas e ou apresentam complementação, estão referidas como GRUPO. A reticência foi utilizada para indicar uma pausa acentuada e a exclamação utilizada quando estudantes aumentaram o tom de voz para responder.

#### 4.2.1.1 Primeira parte: O entendimento de estudantes.

Para início da atividade, solicitei que assistissem o videoclipe brasileiro Oficial da música “Não Recomendado” (*Remix Deep Lick*) de Caio Prado, Daniel Chaudon e Diego Moraes, dirigido por Leandro HBL, lançado pela Gravadora *LGK Music* - Líber Gadelha, do ano de 2017, com duração de quatro minutos e cinquenta e um segundos.

A música e o clipe abordam um discurso político sobre as minorias e as pessoas marginalizadas. A letra apresenta uma ironia ao afirmar que essas pessoas não são bem-vistas pela sociedade, porém são capazes de encontrar felicidade, legitimidade e força para desafiar os padrões estabelecidos por uma sociedade desigual. O cenário do clipe é predominantemente urbano, com destaque para imagens de prédios e casarões, e presta homenagens aos "Parangolés" de Hélio Oiticica e à "Boca do Lixo", região em São Paulo que já foi um importante centro cinematográfico.

O videoclipe é apresentado a partir de cenas urbanas reais, que demonstram abandono de lugares e de pessoas que são marginalizadas, como pessoas LGBTQIA+, catadores de materiais recicláveis, em situação de rua, trabalhadores em situações precárias, com olhares de sofrimento e tristeza que vão dialogando com a música e a melodia, nas cenas que se encadeiam logicamente entre si, na mesma temporalidade.

Nas cenas destacam-se os elementos físicos, mas são entrelaçados com os olhares e a sensação de abandono das personagens apresentadas nas imagens. O clipe é articulado com cenas ficcionais onde os artistas cantores apresentam performances com tecidos coloridos, contrastando com o vazio dos lugares. As personagens apresentam características de pobreza, falta de acesso as condições básicas de subsistência e dignidade. A narrativa é conduzida pelos cantores, na contraposição e crítica a essa “não recomendação” das pessoas por parte da sociedade.

Durante a exibição todo o GRUPO ficou atento e em silêncio. Após apresentar o videoclipe, iniciei a conversa perguntando se conheciam a música, o artista, o que mais chamou atenção no videoclipe e do que ele fala. Nenhuma das e dos jovens estudantes conheciam a música ou mesmo o cantor Caio Prado. Explicamos rapidamente a trajetória artística do cantor. BEEL disse que o que mais chamou atenção foi como as pessoas estão vestidas no videoclipe, *“de maneira diferente”*. Já ADORA trouxe que as pessoas apresentadas são somente *“pessoas fora do padrão”*. LUA, complementou que *“as pessoas fora do clipe e do mundo real se vestem de maneira diferente”*. O grupo concordou, que as personagens apresentadas *“são reais”*, não se tratando de ficção ou de atrizes e atores contratadas e contratados.

Após as colocações das e dos estudantes, perguntamos quem seriam as pessoas “não recomendadas” e porque elas são consideradas assim. DORITHY diz que *“o clipe é uma crítica feita por essas pessoas que não são aceitas... aquelas que fogem do que é considerado “normal”*. GATINS trouxe que as “pessoas não recomendadas” seriam *“as pessoas pobres e humildes que estão fora do padrão”*. Quando pergunto, qual é esse padrão, foi FLORZINHA que trouxe a resposta: *“a pessoa branca, rica, cis, loira e de olhos claros”*. NICK completa dizendo que são pessoas que não possuem *“um corpo escultural”* e tenta explicar o motivo para essas pessoas serem consideradas “não recomendadas”: *“Muita gente não segue o padrão que as outras pessoas querem. Eles são do jeito que são e não ligam para o que as outras pessoas dizem”*.

Para FLORZINHA *“a maior parte das pessoas aqui, cresceram com ensinamento cristão, e esse ensinamento faz achar que as pessoas são erradas por serem diferentes delas... no caso, são uma aberração”*. DOROTHY, diz que *“esse padrão é só um personagem, e que muitas vezes, em casa, as pessoas são bem*

*diferentes daquilo que elas mostram na rua... e muitas vezes elas não são felizes” e complementa que no videoclipe “mesmo com as dificuldades, as pessoas aparecem em alguns momentos felizes...porque eles se aceitam entre si”. ROSA BRANCA, se diz muito incomodada, afinal “todo mundo tem sangue, é igual, e essas discriminações não deveriam ocorrer”.*

Para FRANCISCO as pessoas “não recomendadas” *“são do jeito que são, sem ligar para o padrão determinado...tentam ser o que realmente são”*. Já KAYLE, diz que *“as pessoas também não são aceitas, pelo fato de a sociedade pensar que só pode ter amor entre homem e mulher e não entre homem e homem e mulher e mulher”*. LARISSA MANOELA exemplificou o início dessa “não recomendação”: *“um homem quando passa a se identificar como mulher, é visto como “errado” [fez sinal de aspas com as mãos]*. Para ela está tudo certo, mas para a sociedade chama atenção demais e causa estranhamento. PIPOQUINHA, na sequência, lembrou que pode ter diferença de como as pessoas se mostram em casa e se mostram na rua: *“as vezes dentro da casa dela, ela não é daquela forma... as vezes ela é mais feliz fora de casa”*.

Ao perguntar sobre qual a diversidade apresentada no videoclipe e o que as e os jovens estudantes entendiam por Diversidade, o GRUPO apresentou complementando as respostas, que as diversidades apresentadas se referem às *peças negras, LGBTQIA+, pessoas pobres, humildes, sem salários, pessoas que não eram aceitas na sociedade*. Questionamos então o que entendiam por diversidade sexual e gênero. BEEL disse que é referente a *“gênero e as “opções sexuais”*. NICK interferiu corrigindo: *“O certo é orientação sexual. A pessoa já nasce assim... não escolhe... não dá pra falar que a gente tem uma opção sexual. Eu sou gay e não escolhi ser gay... a gente descobre”*.

Para FLORZINHA as duas coisas estão verdadeiras: *“a gente nasce e a gente descobre quem a gente é”*. DORYTHY disse que *“as pessoas nascem e vão se descobrindo ao longo da vida, por fases...como uma borboleta se adaptando com a sociedade...provando novas descobertas”*. FLORZINHA disse que *“chega um tempo que elas vão pelas próprias cabeças e deixam de ir pelas cabeças dos outros...um exemplo, a mulher vai lá e fica com o homem, ela ainda não sabe se gostou, mas tem dúvidas, mas aí quando fica com uma mulher sente melhor, mais confortável, ela descobre que gosta, entendeu?”*.

Sobre as identidades, se elas são fixas para o resto da vida, o GRUPO concordou que *não*, e alguns estudantes compartilharam experiências. DORYTHY: *“tem um amigo meu, que a irmã dele ia se casar com um homem, mas acabou ficando com um menina e agora ela vai se casar com a menina, entendeu? Se descobriu depois de anos”*. Questionados sobre a união homoafetiva, o GRUPO disse que isso é tranquilo. FLORZINHA: *“Tenho uma irmã que é sapatão, tipo, ela já nasceu assim. Meu pai, na gravidez dela, queria muito um menino, e desde sempre ele a levava pra jogar bola... ela sempre acompanhou os treinos dele e começou a gostar. Hoje em dia ela joga para fora, vai para estádios, é a capitã do time dela... se veste como homem e se sente bem assim”*. Para o GRUPO, não foi o fato de a irmã de FLORZINHA jogar futebol que a tornou lésbica, mas sim o fato dela gostar de futebol que a fez jogar futebol. DORYTHY lembrou que *“eu mesma gosto de futebol e não sou lésbica por isso”*.

Sobre a infância, a conversa seguiu na discussão sobre os estereótipos de gênero nas brincadeiras ditas para meninos e naquelas ditas para meninas. LARISSA MANOELA disse que a sua infância sempre brincou com meninos na rua e que sua mãe não a proibia disso. No entanto *“sempre tinha aquela velha da rua que procurava a minha mãe pra contar que eu estava com eles e que eu não tinha nem idade para tá aprontando (explica que as vizinhas davam cunho sexual para essas brincadeiras, o que nunca foram)”*. Sobre brincadeiras de meninas, o GRUPO lembra que de maneira geral pensam em: *“boneca”, “casinha”, “elástico”, “pular corda”*. PIPOQUINHA diz que *“meninos podem brincar de boneca, elástico, que não vão se tornar uma menina”*. BEEL complementou dizendo que *“da mesma forma, menina pode jogar bola e brincar de carrinho, sem nenhum problema, tá tudo bem”*.

Sobre esse entendimento, GATINS, diz que percebe uma diferença de sua geração com a de suas pessoas responsáveis: *“é que a gente tá numa geração avançada, tipo, a gente já tá no século XXI, então pra gente é mais fácil... a gente não tá preocupado como antigamente... a gente não tem tanto preconceito como antigamente... tipo, antigamente, nossos pais desde criança compravam boneca e rosa para meninas e carrinho e azul para meninos, a gente não é mais assim”*. O GRUPO concorda que *não deveria haver proibição de nenhuma brincadeira, nem para meninos e nem para meninas e que meninos podem usar a roupa que quiser inclusive rosa e menina também inclusive roupa azul*.

Sobre as diferentes identidades que conheciam e como percebiam que o assunto era tratado socialmente. O GRUPO trouxe: *lésbica, assexual, pansexual, trans, travesti, bi, gay, hétero, hétero top, drag queen, drag king, demissexual, queer, gênero fluído*. NICK disse que as identidades “*estão reunidas na sigla LGBTQIAP+*” (ao dizer o significado das letras, não soube informar a representação da letra “I”. O GRUPO também não. Sobre a identidade “*hetero top*” solicitei que contassem um pouco mais. LUA disse que “*é o tal do preconceituoso, do homem branco hétero que se acha superior...são super machistas... e não é legal ser chamado assim, não aceitam as diferenças e muitas vezes são os incubados*”. O GRUPO concordou com a explicação.

Das identidades que conseguiram identificar no videoclipe o GRUPO apresentou: “*trans*”, “*gays*”, “*drag*”, “*lésbica*”. Sobre a diferença entre as identidades trans e travestis” DORYTHY disse que “*acha que trans é a pessoa que tira o órgão masculino, e travesti é quem fica com homem e mulher*”. NICK fez a observação de que “*drag é uma arte e trans como a pessoa se identifica*”. Houve discordâncias com as definições e o GRUPO não conseguiu chegar a um consenso sobre essas diferenças de identidades e nomenclaturas.

Sobre a sigla correta, NICK trouxe que é “LGBTQIAP+”. LUA e LARISSA MANOELA se mostraram bem surpresas com a letra “P”: “*Aumentou?*”. PIPOQUINHA explicou que se refere a pansexualidade que “*é a pessoa que fica com todos os gêneros... gosta de todas as pessoas independente do que ela é*”. O GRUPO traz a discussão sobre “*ficar*” e “*ter atração*”. NICK explica que “*ter atração é ter atração tanto romântica como atração carnal... já ficar é só atração física... pode beijar sem sentir alguma coisa a mais*”.

Retomando as falas sobre as dificuldades da população LGBTQIA+, perguntei o porquê de elas existirem. O GRUPO apresentou que *as coisas melhoraram muito, mas as restrições que existem, estão relacionadas as religiões de modo geral*. NICK disse que “*a igreja católica pode ser gay, lésbica e trans, mas acho que a umbanda tem mais pessoas assim, pode ser até pai de santo gay*.” DORYTHY, questionou: “*Vocês já viram algum pastor ser gay? Se for gay ele tem que se esconder, porque a igreja não aceita*”. LUA compartilhou uma vivência a respeito do assunto: “*eu tenho um padrinho de batizado e uma madrinha... ele estava fazendo um curso para virar padre e ela era casada com outro homem... ele deixou do nada o curso, porque não*

*queria aquilo mais... e minha madrinha terminou com o marido dela para ficar com uma mulher... ela gostou e vai se casar com ela". KAYLE disse que "no Brasil pode haver casamento entre dois homens e duas mulheres, mas na certidão de casamento estará sempre identificado homem e mulher... a burocracia não deixa mudar".*

Questionamos o porquê de existir preconceito nos espaços religiosos e nos espaços burocráticos. NICK disse que *"não faz o menor sentido uma pessoa ter raiva da outra porque ela ama a outra pessoa, e o pior, usa Deus para justificar esse ódio."* LUA disse que *"deveria se fazer uma pesquisa com as pessoas preconceituosas, na certa elas são assim porque estão se escondendo"*. PIPOQUINHA disse que *"antigamente era mais forte, tipo assim, 'ele nasceu para isso' e era mais difícil contradizer os pais...agora é mais fácil contradizer, mesmo que para isso as pessoas vão embora de casa, porque tem pais que não aceita, entendeu?"*. O GRUPO concorda que *antigamente a expressão das sexualidades e identidades eram mais difíceis*. ADORA traz que *"os pais até surravam, quando descobriam, mas hoje está mais difícil eles baterem"*.

Sobre o assunto LUA compartilha que *"antes de se assumir lésbica, em todas as festas a família perguntava onde estava o namorado... depois que eles souberam de mim, ficaram mais tranquilos... não perguntam mais"*. DORYTHY disse que não tem dificuldades com sua mãe ao tratar o assunto e reconhece que *"tem muitos pais que gostariam de 'mudar' seus filhos de todas as maneiras...ainda bem que minha mãe é de boa..., mas tem muitos pais que não tiveram essa criação que estamos tendo hoje e isso ajuda a aumentar as dificuldades pois eles não sabem lidar, acham apenas que é errado."* LARISSA MANOELA complementa o comentário: *"por isso que dá pra dizer que uma pessoa homofóbica pode deixar de ser homofóbica se ela aprender que isso está errado... muitos pais que expulsam de casa e depois acabam percebendo que fizeram e se arrependem e vão atrás dos filhos"*.

Ainda sobre família, FLORZINHA conta *"tenho uma tia que falava que tinha nojo das sapatações, mas quando a minha prima contou que era lésbica e saiu de casa, ela ficou mal... depois foi atrás dela"*. NICK complementa que *"a aceitação é um processo que vem muitas vezes depois da expulsão de casa... alguns percebem do que fizeram e vão atrás dos filhos"*.

O GRUPO conversa sobre as violências e dizem que *na cidade isso não acontece*. Quando questiono sobre as violências psicológica, moral, simbólica, as e

os participantes explicam que *referiam sobre as violências físicas*. ADORA disse que *“tem lugares que mata mesmo... igual tipo em São Paulo... lá as pessoas chamam de viado e agridem fisicamente”*.

#### 4.2.1.2 Segunda parte: a presença e ausência da temática na escola

A segunda parte do grupo foi voltada para reconhecer a discussão da diversidade sexual e gênero na escola, os momentos que o tema foi abordado durante a trajetória escolar, em quais componentes, quais materiais utilizados, se foi suficiente o tempo dedicado, como foi abordado, se houve projetos.

Quando perguntamos se o tema da diversidade sexual e gênero foi abordado na escola, o GRUPO se manifestou de maneira unânime: *“Não!”*. FLORZINHA disse: *“durante todo tempo que estudei, nessa e em outras escolas, nunca vi o tema LGBT ser tratado em sala de aula... o que aparecia era o racismo”*. O GRUPO complementa com outros temas que foram trabalhados: *“machismo, feminicídio, mulheres no esporte, violência contra mulher”*. FLORZINHA continua: *“já falaram de violência contra mulher, mas não falavam de gênero”*. GATINS disse que *“no sétimo ano, em uma aula de Português, uma aluna perguntou para a professora alguma coisa sobre LGBT... a professora respondeu que não poderia falar pois era proibida porque isso influenciaria na identidade dos alunos e mudou de assunto”*.

Quando perguntei mais sobre a proibição, o GRUPO apresentou várias possibilidades para a raiz disso, responderam: *“governo”, “sociedade”, “pais de alunos”, “as religiões”*. FRANCISCO disse que *“por conta do preconceito, se a professora falar sobre o assunto, os alunos vão chegar em casa e contar para os pais que vão ir brigar na escola...os pais têm medo dos filhos virarem LGBT”*. O GRUPO, concordou que *“falar sobre as pessoas LGBTs não torna ninguém LGBT”*, e consideraram um equívoco essa ideia que muitos pais, mães e responsáveis possuem, *“e que alguns professores também têm”*, completou LUA.

Mesmo com a ideia presente de proibição, ao perguntar se as e os jovens estudantes entendem se o tema da diversidade sexual e gênero é importante ser tratado em sala de aula, todo o GRUPO concorda que *sim*; LUA diz que *“deve e tem que ser urgente!”*. NICK complementa que *“se a pessoa vê que esse tema é tratado*

*na escola com naturalidade, é o primeiro passo para a pessoa que é LGBT também ver que ela pode se aceitar”.*

Sobre as atividades da temática, inicialmente, o GRUPO disse que os componentes de História e Sociologia seriam os mais indicados para trabalhar. ROSA BRANCA disse que *“a gente, por exemplo, poderia estudar História a partir do que já aconteceu com LGBTs...seria bem mais interessante”*. PIPOQUINHA diz que *“não é possível todas as disciplinas abordar o assunto...Matemática por exemplo, não daria”*. ROSA BRANCA sugere algo para o que PIPOQUINHA trouxe: *“A escola deveria ter um projeto, igual a gente tem para os 15 minutos de leitura por dia... para as disciplinas que não tem o que falar, que elas façam projetos de leitura sobre o assunto...até os professores teriam mais tempo para entender o assunto”*. BEEL concordou com a ideia e lembrou que *“a maioria dos professores nem a sigla LGBTQIAP+ sabe o que significa”*.

Na sequência o GRUPO concluiu que *todas as aulas deveriam trabalhar o assunto, e não somente Sociologia e História*. ADORA, complementa, dizendo que *“os professores que são gays deveriam ficar mais à vontade, falar de si, porque isso ajudaria alunos que estão dentro do armário a sair”*. FLORZINHA lembrou que *“os professores dessa escola também são muito preconceituosos, a maioria deles... são muito mais que os próprios alunos... fazem sempre brincadeirinha de mal gosto”*. O GRUPO concordou que *na escola tem professores LGBTfóbicos*. FRANCISCO lembrou que não é só nas brincadeiras de mal gosto, disse que *“quando um aluno LGBT quer falar alguma coisa na sala, percebe que tem professor que não dá muita atenção, não valoriza a resposta dele... e corta a resposta fazendo que o aluno desanime de participar da aula novamente”*.

Sobre isso, NICK lembra que *“tem uma professora que até tenta explicar, mas por não saber das coisas ela sempre acaba sendo lgbtfóbica”*. DORYTHY diz que no caso dessa professora *“pode ser por falta de conhecimento, que ela acaba sendo assim”*. FLORZINHA lembra que *“existem os dois tipos de professores: aqueles que não sabem e falam besteira, mas aqueles que sabem e mesmo assim são homofóbicos porque querem”*. GATINS complementa que *“tem professor que não gosta de que a gente corrija ele e sempre que a gente fala alguma coisa, dizendo que ele tá errado, ele fala que é muito mimimi”*.

Sobre materiais e livros didáticos, o GRUPO não recordou de algum que retratasse LGBT durante toda a trajetória escolar. Foram unânimes em dizer que *nunca houve algum material ou livro didático*. Mas recordaram de momentos que discutiram *a presença de mulheres na sociedade, como por exemplo as mulheres no esporte em Educação Física e discussão sobre feminicídio em Sociologia*.

Nesse instante do grupo, ocorreu o sinal para o intervalo e após diálogo com as e os estudantes participantes acertamos que sairíamos e retornaríamos logo em seguida, após trinta minutos. Durante o intervalo, quatro estudantes de outras séries procuraram-nos para perguntar se participariam da atividade, pois estavam bastante interessados. Explicamos que a pesquisa aconteceria apenas com estudantes do 3º ano, mas que estaríamos à disposição para outras atividades na escola. Os três estudantes que se retiraram no início do grupo focal, vieram se desculpar pela saída solicitando retorno na atividade. Explicamos que não seria possível, pois a pesquisa já estava caminhando para parte final.

#### 4.2.1.3 Terceira parte: reflexões sobre as violações e violências

A terceira parte do grupo foi voltada para refletir sobre as vivências relacionadas à diversidade sexual, a existência ou não da LGBTIfobia na escola; motivos das ocorrências das violações; as possibilidades que enxergam para solução dos problemas apresentados e ouvir como a escola poderia participar na resolução das situações reais. Para isso, exibimos trecho [1'40" a 8'25"] do documentário "Depois da Tempestade: a LGBTfobia na escola", que apresenta depoimentos de estudantes LGBTQIA+ sobre suas vivências nas etapas do ensino fundamental e ensino médio.

O documentário universitário de 24 minutos, apresenta relatos de estudantes LGBTQIA+ de diferentes gerações e realidades que enfrentaram o ódio para permanecer na escola. O documentário recebeu o segundo lugar na categoria videodocumentário do "22º Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná" (Documentário LGBT, 2018).

Antes da exibição, conversamos com o GRUPO sobre a diversidade que enxergam na escola. ADORA disse que *“os jovens brincam muito com a sexualidade,*

e que não é porque uma menina dá um beijo na outra menina que ela é lésbica...a gente está em outro tempo”. KAYLE comentou que “muitos jovens nem sequer reconhecem a luta pra chegar aonde se chegou, e que é de uma sexualidade ou de outra apenas por modinha ou porque está legal no TIKTOK”. Quando perguntamos, quem é que pode definir uma identidade ou sexualidade de uma pessoa, o GRUPO foi unânime em dizer que “só ela mesma”. LARISSA MANOELA disse que não dá para julgar só pelo que vê: “a roupa não é suficiente pra dizer sobre a orientação sexual de alguém”.

Sobre as vestimentas, LUA lembrou do cantor Vitão (Victor Carvalho Ferreira, mais conhecido pelo seu nome artístico Vitão, é um cantor, compositor e *rapper* brasileiro): “ele usa ‘cropped’, e tá tudo bem...eu uso ‘camisetona’ de time de futebol e tá tudo bem também”. FLORZINHA disse que “já precisei dizer para um professor que não era lésbica por usar roupas ‘mais largada’ e que não era mesmo tendo amigas lésbicas. “Tem professor que acha só por ter amizade a gente já está namorando...essa é a piadinha que eles mais fazem”, completou ROSA BRANCA.

O GRUPO permaneceu todo atento e em silêncio durante a exibição do vídeo disseram ao final, de se tratar de *depoimentos reais*. FLORZINHA explica melhor a constatação: “pelo jeito deles falarem... tão bem explicado, não parece roteiro... parece que cada um fala de suas lembranças que estão cheias de sofrimento”. FRANCISCO diz que “são todas lembranças ruins da época da escola que ainda acompanham a vida deles”.

Sobre os temas que aparecem nos depoimentos, o GRUPO trouxe: ‘bullying’, discriminação, desigualdade, homofobia, violência moral, violência física, preconceitos, sofrimentos. BEEL retoma a conversa da primeira parte e diz que as violências ocorrem por conta do preconceito que as pessoas têm: “tratar uma pessoa diferente já é algo errado... tipo, você trata uma pessoa gay ‘como se fosse uma pessoa normal igual a gente’ já tá errado porque gay é uma pessoa normal.” KAYLE complementa dizendo que essas violências acontecem “porque muita gente enfia na cabeça de outras pessoas que a bíblia diz tá errado para justificar essas violências... e para tirar isso da cabeça vai um tempo... dá para mudar, mas demora”. LARISSA MANOELA disse que “as violências estão em todo lugar... as piadinhas, por exemplo, estão em todo canto... as violências físicas são mais presentes longe daqui... talvez São Paulo seja a cidade que mais tenha a ocorrência”.

Perguntamos se alguém já havia presenciado alguma violência contra pessoas LGBTQIA+. O GRUPO de maneira unânime disse que sim, e que as mais frequentes são as piadinhas. O GRUPO retoma algumas: *'viadinho', 'boiola', 'sapatão', 'essa coca é fanta', 'esse padeiro queima rosca', 'Maria João', 'Maria Sapatão'*, e complementam que são *violências verbais, emocionais e psicológicas*. FLORZINHA diz que *“essas palavras muitas vezes doem mais do que apanhar fisicamente...elas são tratadas como ninguém, um lixo”*. ROSA BRANCA diz que *“se uma pessoa é trans ela sofre muito mais do que outra com a violência”*.

Para GATINS, *“todas essas pessoas ‘não recomendadas para a sociedade’ já sofreram algum tipo de violência”*. LUA, diz que *“as pessoas que são vítimas dessas violências se sentem oprimidas, emocionalmente destruídas, a pior pessoa do mundo e muitas vezes sofrem em silêncio... não compartilham nem com amigos por vergonha”*. DORYTHY, disse que *“só famosos que denunciam, a grande maioria fica calada mesmo”*. BEEL, sobre ficar calada, disse que isso ocorre *“porque os LGBTs não têm muito lugar de fala na sociedade... as delegacias não estão preparadas para ouvir e tentar acolher essa violência”*. LARISSA MANOELA disse que já viu muitos casos na TV de policiais agredindo pessoas trans, *“o que torna ainda mais difícil pedir ajuda”*.

Sobre a frase dita no vídeo *‘eu queria deixar de ser quem eu era’* NICK diz que *“a pessoa que foi criada pela família cristã aprende que ser quem ela é, é errado...por isso ela não se aceita... entra em pânico quando se descobre... para começar a se desconstruir é demorado”*.

Ao comentarmos o depoimento do vídeo em que uma mulher trans relata a dificuldade na utilização de banheiro, PIPOQUINHA disse que *“esse é um lugar de muita violência, e que tem estudantes que tem medo de usar.”* Perguntamos se alguém tinha dificuldade de usar o banheiro na escola, e PIPOQUINHA disse que *sim*, mas que preferia não partilhar sua experiência. BEEL disse que *“banheiro é um lugar de assédio”*. FLORZINHA disse que *“as pessoas trans tem mais dificuldade para usar o banheiro, porque a aparência muitas vezes causa indisposição com outras pessoas”*. Pergunto se existe algum problema de uma pessoa trans utilizar o mesmo banheiro que elas e eles. O GRUPO respondeu que *não tem pessoas abertamente trans na escola, mas que se tivesse “é tranquilo”, “de boa” e “sem problemas”*.

LUA, compartilhou que tem uma amiga trans e que *“uma das maiores violências para ela é não ser chamada pelo novo nome [nome social] e chamar ela de ‘ele’ ... ela sabe quem fala de propósito ou erra porque era acostumada a chamar ela com o outro nome”*. NICK dá a dica para lidar com situações parecidas com essa: *“é só perguntar para a pessoa como ela quer ser chamada... é um passo muito importante para uma pessoa trans, e tem que ser respeitado”*.

Sobre vivências de violências, NICK compartilha: *“quando eu era pequeno, foi tipo a primeira interação com o mundo LGBT em si, foi uma coisa que me marcou muito. A gente estava em um shopping ... a minha família toda estava sentada numa mesa e um pouco mais pra frente tinham duas mulheres juntas... bem próximas... daí meu pai começou a fazer comentários, piadas ... ‘olha lá, duas namoradas... o mundo está perdido mesmo’. Aquilo ficou na minha cabeça... eu sendo criança, olhei para as duas abraçadas e pensei que elas eram irmãs ou duas amigas. Elas se beijaram... ele pediu pra eu não olhar aquilo, porque tudo ali era errado. Minha mãe não falava nada para impedir o que ele falava. Depois de anos, mais recente aconteceu no mesmo shopping... eu já havia me descoberto... a gente estava passeando na praça de alimentação e tinha vários casais... tipo a gente via casal de homem e mulher, mas também via de homem com homem e mulher com mulher... e meu pai começou a olhar torto para eles e fazer uns comentários bastante desnecessários e isso me deixava bastante desconfortável, bem mais do que quando eu era criança, porque sabia que também dizia respeito a mim... eu não tive coragem de falar nada. Até hoje eles desconfiam que eu não seja como eles querem..., mas não falam nada porque assim como eu tenho medo de contar... eles tem medo de descobrir”*.

ROSA BRANCA, comentando o depoimento de NICK, trouxe a importância da amizade nessas situações. Disse que *“os amigos são os primeiros a saber porque em casa é mais difícil de aceitar... e é bom que os amigos acolhem, escutam”* Pergunto se tem alteração na amizade, a partir dessa “descoberta”, e ROSA BRANCA complementa *“só os heteros tops tem medo de amizades com LGBTs, porque tem medo de serem confundidos com gays... eu mesma, tenho muitas amigas lésbicas e não tem nenhum problema quando pensam que eu sou”*.

Sobre a família com pessoas LGBTQIA+, ADORA, diz que *“ela [a família] nunca aceita...ou melhor a maioria nunca aceita e são as que mais praticam violência”*. FRANCISCO diz que *“é mais fácil a escola aceitar [a pessoa LGBTQIA+] do que a*

*família*". KAYLE compartilhou uma vivência: *"eu tenho uma prima que a mãe dela é da igreja e o pai é pastor... foi difícil para eles aceitarem... ela teve que ir embora de casa, morar com a avó porque eles não aceitaram"*. GATINS disse que *"tem um amigo que os pais são religiosos, mas ele tem duas personalidades... em casa ele paga de machão e tal, e fora de casa ele demonstra quem ele é... usa até delineador para ir para escola"*.

Sobre suas vivências, NICK compartilha: *"no meu caso, na minha família eu acredito que seja mais para manter a aparência mesmo... ele sempre foi com a família 'tipo perfeita' e assumir a minha sexualidade é muito difícil... minha mãe chegou a me dizer que se tivesse um filho 'viado' era porque ela não tinha criado direito. Foi uma coisa assim que me machucou bastante...eu acho que ninguém vira nada... eu acho que já nasci desse jeito."*

GATINS disse que *"mesmo com tantas dificuldades as pessoas têm que continuar dizendo quem são, parar de se esconder e não ligar para o que a família e os amigos e a sociedade vão dizer, porque isso ajuda as coisas ficarem mais normal"*. ADORA disse que *"fico muito feliz quando algum amigo ou amiga conta sobre sua identidade, e se contam, a relação não muda em nada na amizade"*. LUA lembra que *"só os héteros tops' tem dificuldades, tem medo de continuar com a amizade e serem confundidos como gays"*. LARISSA MANOELA disse que *"vale a pena confiar nos amigos... às vezes você perde uma família, mas ganha outra família para apoiar... com pessoas que você pode viver sem medo"*. FLORZINHA lembra que o papel da amizade é *"acolher e mostrar que a pessoa é importante, inclusive nas situações de violência"*.

Sobre essa aceitação social, perguntamos se elas são enfrentadas somente do ponto de vista individual. DORYTHY disse que não, lembrou que *"nas grandes cidades como Curitiba e São Paulo tem as Paradas LGBTs"*. NICK lembra que existe um senso de comunidade muito forte entre as pessoas LGBTs. PIPOQUINHA disse que *"tem muita vontade de ir em uma Parada"*. O GRUPO disse que não tem nada parecido na cidade que moram, e que isso acontece por ser uma cidade pequena e conservadora.

#### 4.2.1.4 Quarta parte: sugestões para o trabalho na escola

A quarta parte do grupo foi voltada para conhecer questionamentos que estudantes possuem sobre a diversidade sexual e gênero, o que consideram importante diretoras e diretores, coordenadoras e coordenadores escolares saberem e as sugestões de estratégias que apresentam para a escola trabalhar o tema. Compartilhamos com as e os jovens estudantes que a pesquisa-ação na educação tem por objetivo utilizar as pesquisas para aprimorar o ensino e o aprendizado, e que nas próximas semanas, a partir das perspectivas ouvidas e sugeridas no grupo, realizaríamos uma formação com equipes gestoras das escolas estaduais da diretoria regional de ensino.

Quando perguntamos inicialmente quais as dúvidas tinham sobre o assunto, as e os estudantes do GRUPO disseram não ter nenhuma, e que de maneira geral *“sabiam de tudo”*. FLORZINHA até complementou que *“todas as dúvidas que eu tinha, eu tirei hoje nesse grupo”*. Previamente, consideramos que oralmente poderiam não haver dúvidas, justamente pela insegurança de afirmar às e aos colegas que não sabem determinados assuntos. Por isso, havíamos preparado um questionário impresso com espaço para dúvidas e sugestões das e dos jovens estudantes sobre o trabalho da diversidade sexual e gênero na escola.

No questionário perguntamos quais as dúvidas que tinham sobre a diversidade sexual, o que consideravam importante para as e os colegas de turma saberem sobre o tema, como deveria ser trabalhado na escola, o que diriam para professoras e professores e gestoras e gestores sobre o enfrentamento da LGBTIfobia, quais seriam os temas prioritários e quais as referências LGBTQIA+ que conheciam e admiravam.

As respostas foram consolidadas no quadro a seguir:

Quadro 1 — Dúvidas e sugestões relacionadas à Diversidade Sexual e Gênero

|       | Dúvidas  | Como trabalhar o tema na escola?                                                             | Sugestões para professoras/es e gestoras/es       |
|-------|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|
| ADORA | Nenhuma. | Saber as orientações existentes e mais sobre a história e as lutas da comunidade, através de | Eles deveriam estudar sobre para não falar coisas |

|           | Dúvidas                                      | Como trabalhar o tema na escola?                                                                                                                                                                                                 | Sugestões para professoras/es e gestoras/es                                                                                                                        |
|-----------|----------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|           |                                              | eventos que dessem a fala para essas pessoas [LGBTQIA+].                                                                                                                                                                         | erradas e serem homofóbicos.                                                                                                                                       |
| BEEL      | A diferença entre transgênero e transsexual. | Deveria ter palestras e rodas de conversas.                                                                                                                                                                                      | Deveriam aprender sobre, para respeitar as pessoas.                                                                                                                |
| DORYTHY   | Nenhuma.                                     | Saber mais sobre história da comunidade LGBTQI+ e fazer rodas de conversas sobre o assunto                                                                                                                                       | Os professores deveriam estudar mais o assunto para não falar coisas erradas.                                                                                      |
| FLORZINHA | Nenhuma.                                     | Saber mais sobre a história da comunidade LGBT, com teatros, eventos, palestras e rodas de conversas.                                                                                                                            | Eles deveriam estudar mais sobre o assunto para não falar algo que machuque sem saber.                                                                             |
| FRANCISCO | Nenhuma.                                     | Saber mais para respeitar mais e para ter uma noção de que eles [LGBTQIA+] são importantes e que fizeram parte da história. Que muito aluno não se sente confortável na escola por causa dos julgamentos e agressões que sofrem. | Deveria ser trabalhado na escola com mais frequência, para que alunos que são LGBTQIA+ se sintam mais confortáveis com a situação.                                 |
| GATINS    | Nenhuma.                                     | Falar da história e a luta da comunidade LGBTQIA+ através de palestras, conversas em sala de aula.                                                                                                                               | Precisam aprender mais sobre o assunto para não machucar ninguém com as palavras.                                                                                  |
| KAYLE     | Nenhuma.                                     | A história das pessoas LGBTQIA+ deveria estar na escola.                                                                                                                                                                         | Deveria ser trabalhado de modo geral, com todos os professores e em todas as aulas. Professores deveriam estudar mais e aprofundar o assunto. Precisam saber mais. |

|                    | Dúvidas                                                      | Como trabalhar o tema na escola?                                                                                                                                                                                                                                                 | Sugestões para professoras/es e gestoras/es                                                                           |
|--------------------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| LARISSA<br>MANOELA | Saber mais sobre a história do Movimento LGBT .              | Deveria ter mais palestras, bate papo, colocar em pauta nas aulas o tema, para aprender mais e ajudar que os alunos não cometam erros e tenham atitudes diferentes.                                                                                                              | Deveriam aprender mais e aturar LGBT e ter cuidado com o comportamento.                                               |
| LUA                | Queria conhecer mais o processo histórico do movimento LGBT. | Deveria ter mais palestras para tratar o assunto para que tenham em mente que ser LGBTQIAP+ é algo normal.                                                                                                                                                                       | Devem aprender a tolerar mais e buscar mais sobre o assunto, se conscientizar e não sair falando o que vier na mente. |
| NICK               | Nenhuma                                                      | A história da comunidade e realização de eventos na escola.                                                                                                                                                                                                                      | Precisam estudar o assunto.                                                                                           |
| PIPOQUINHA         | A história de como começou o movimento LGBT.                 | Deveria ser falado mais, ter mais palestras e roda de conversa, porque a maioria não entende sobre.                                                                                                                                                                              | Deveriam aprender melhor o assunto.                                                                                   |
| ROSA<br>BRANCA     | Nenhuma.                                                     | Saber mais sobre a história dessa sociedade, saber onde surge esses preconceitos, fazer rodas de conversas, palestras, falar sobre as histórias das pessoas que são LGBT e subiram na vida, abordar o assunto para terem mais respeito e que esse assunto não seja mais um TABU! | Eles deveriam tomar cuidado com o que falam. As “brincadeiras” podem machucar o próximo.                              |

Fonte: O autor (2023).

Embora a maioria das respostas indicasse a ausência de dúvidas sobre diversidade sexual e gênero, três jovens estudantes manifestaram o desejo de conhecer mais sobre o processo histórico do movimento LGBTQIA+. É uma questão importante, pois entender a história desse movimento pode fornecer entendimentos

valiosos sobre as lutas, conquistas e desafios enfrentados pela comunidade ao longo dos anos.

O movimento LGBTQIA+ tem suas raízes em diferentes momentos e contextos, na luta contra a opressão e a discriminação enfrentadas das diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Durante as décadas de 1960 e 1970, ocorreram eventos marcantes, como o *Movimento de Stonewall* em 1969, considerada um marco fundamental no movimento pelos direitos LGBTQIA+, que as e os jovens estudantes afirmaram desconhecer (Quinalha, 2022).

Outros pontos possíveis de serem abordados, são as conquistas do movimento, nas décadas recentes, como a descriminalização da homossexualidade e transexualidade em muitos países, o reconhecimento do casamento igualitário em alguns lugares e a adoção de leis que protegem os direitos e a igualdade das pessoas LGBTQIA+.

Ao questionarmos, às e aos jovens estudantes, como o tema deveria ser trabalhado na escola, percebemos que todas e todos apresentam alguma sugestão, no sentido de ser trabalhado de forma abrangente e constante, a fim de promover o respeito, a compreensão e a inclusão. Retomam a ideia de ter a oportunidade de saber mais sobre a história e a importância das pessoas LGBTQIA+ para a sociedade, a fim de reconhecer sua relevância e combater preconceitos, e que o trabalho deve envolver todas as professoras e todos os professores e ser incorporado em todas as disciplinas, permitindo que os estudantes compreendam que a diversidade sexual e de gênero é parte intrínseca da nossa sociedade.

Além disso, as e os jovens estudantes destacam ser importante promover eventos, como teatros, palestras e rodas de conversa, para proporcionar um espaço seguro onde as experiências e lutas da comunidade LGBTQIA+ possam ser compartilhadas e discutidas, indicando que essas atividades também auxiliam na desconstrução de estereótipos e preconceitos, criando um ambiente mais acolhedor para estudantes se sentirem confortáveis e valorizados.

Para professoras, professores, gestoras e gestores, é evidente que a sugestão principal das e dos jovens estudantes é investir em estudos e aprofundar o conhecimento sobre diversidade sexual e de gênero. Nesse sentido, é fundamental que se familiarizem com os conceitos, terminologias e vivências da comunidade LGBTQIA+, a fim de evitar comentários insensíveis ou prejudiciais por falta de

informação. Além disso, é necessário que estejam atentos às suas próprias palavras e comportamentos, evitando brincadeiras ou comentários que possam machucar ou reforçar estereótipos negativos.

A partir de suas perspectivas, as e os jovens estudantes, deixam registrados que a tolerância e o respeito devem ser cultivados, e isso requer uma conscientização profunda sobre o tema. A formação contínua, por meio de cursos, palestras, leituras, pode ser uma estratégia eficaz para garantir um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor, para que todas as e todos os estudantes se sintam seguros e seguros, respeitadas e respeitados, valorizadas e valorizados, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Para identificar quais assuntos relacionados com a temática da educação para a diversidade sexual e gênero, que as e os estudantes possuem interesse, resolvemos utilizar estratégia lúdica, que favorecesse tanto a interação como a curiosidade das e dos jovens estudantes na atividade.

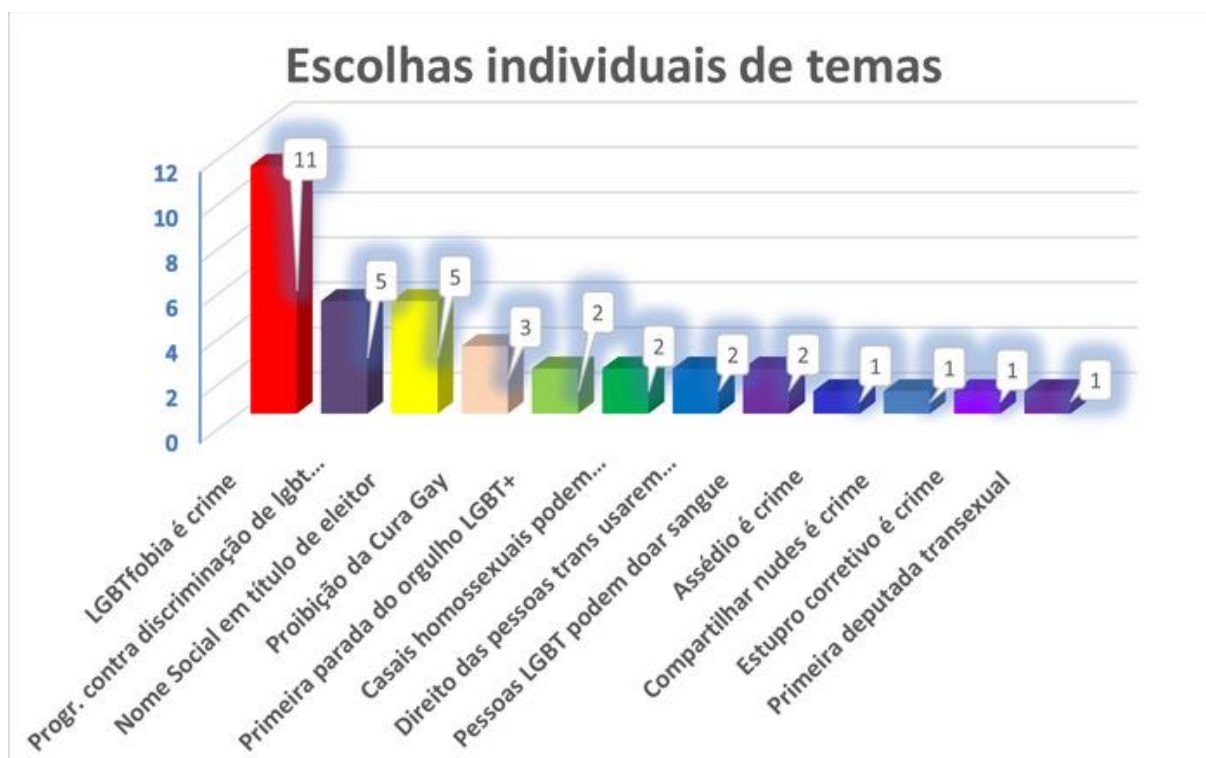
A escolha foi para utilização das cartas do jogo “Direitos e Preconceitos” da ONG #MEREPRESENTA que é formada pela Rede Feminista de Juristas (*DeFEMde*), #VoteLGBT, Blogueiras Negras e Fundação Cidadania Inteligente, sendo coletivos de mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ que buscam promover a igualdade de gênero, a luta antirracista e respeito a diversidade sexual e à identidade de gênero na política.

O jogo apresenta como proposta conhecer alguns marcos históricos, dados e desafios da luta da população LGBTQIA+ no Brasil e propõe a geração de reflexões sobre as desigualdades através de 30 cartas que envolvem esses direitos. Em seu manual é apresentado os modos colaborativo e competitivo de jogar. No entanto, tendo em vista ser um jogo licenciado sob a licença *Creative Commons*, que permite montar e aplicar o próprio jogo, para a utilização no grupo focal, realizamos algumas adaptações (Ong #Merepresenta, 2020).

A ideia foi de conhecer quais são os assuntos que as e os jovens estudantes possuem mais interesse em conhecer, a partir das trinta cartas do material. Com todas dispostas em uma mesa, solicitamos que as e os estudantes escolhessem e anotassem em uma folha específica quais seriam os três temas que, na perspectiva individual, gostariam de conhecer mais, e ou que sentiam que sabem pouco sobre o assunto.

Foram doze temas mencionados: LGBTfobia é crime (11), Programa de combate à discriminação contra LGBT nas escolas (5); Nome Social em título de eleitor (5); Proibição da Cura Gay (3); Primeira parada do orgulho LGBT+ (2); Casais homossexuais podem registrar seus filhos biológicos (2); Direito das pessoas trans usarem banheiro (2); Pessoas LGBT podem doar sangue (2); Assédio é crime (1); Compartilhar nudes é crime (1); Estupro corretivo é crime (1); Primeira deputada transexual (1).

Gráfico 1 — Escolhas individuais sobre temas a ser trabalhado na escola



Fonte: O autor (2023).

Percebemos que as e os jovens estudantes estão engajadas e engajados em discutir e debater uma série de questões importantes relacionadas aos direitos da população LGBTQIA+. O maior destaque está para o desejo em trazer à tona assuntos como a criminalização da LGBTIfobia, reconhecendo a gravidade dessa forma de discriminação contando com 11 indicações, das 12 participações.

Além disso, como uma segunda prioridade, buscam um programa eficaz de combate à discriminação nas escolas, com o intuito de criar um ambiente seguro e inclusivo para todas as estudantes e todos os estudantes, com 5 indicações. A inclusão do Nome Social em títulos de eleitor também é uma pauta que defendem,

visando garantir o direito de identificação correta das pessoas trans e de gênero não binário, assim como, lutar pelo direito das pessoas trans usarem o banheiro de acordo com sua identidade de gênero, como uma demanda importante para garantir sua dignidade e igualdade.

Conforme as discussões, a vontade de saber mais sobre a história e a memória da população LGBTQIA+, apareceram como maiores interesses conhecer a Parada do orgulho LGBTQ+, que demonstra a força e a visibilidade dessa comunidade e a eleição da primeira deputada transexual, ressaltando a importância da representatividade e da inclusão na política.

A proibição da chamada "*Cura Gay*", a possibilidade de casais homossexuais registrarem seus filhos e suas filhas e a doação de sangue por pessoas LGBTQIA+ também são temas relevantes, destacados pelas e pelos jovens estudantes. Temas relevantes que visam proteger a liberdade de orientação sexual e identidade de gênero, o reconhecimento da parentalidade LGBTQIA+ e a busca por eliminar restrições discriminatórias e garantir que todas e todos possam contribuir com essas ações solidárias.

As e os jovens estudantes também se preocupam com a criminalização do assédio e a conscientização sobre a gravidade dessa prática, destacam que compartilhar *nudes* sem consentimento é uma violação grave de privacidade e deve ser tratado como crime e selecionam como tema em destaque a luta contra o estupro corretivo, que busca punir aqueles que tentam modificar a orientação sexual ou identidade de gênero de uma pessoa por meio da violência sexual.

Embora as e os jovens estudantes estejam engajadas e engajados em diversas questões relacionadas aos direitos da população LGBTQIA+, alguns assuntos relacionados a HIV/AIDS não foram selecionados como prioritários, como a distribuição gratuita de camisinhas e medicamentos para o tratamento de HIV/AIDS, a proibição de discriminação contra pessoas com HIV/AIDS e a não consideração da transmissão de HIV como crime.

Mesmo com grandes avanços na ciências da saúde, com medicamentos mais eficazes e menos prejudiciais ao organismo no combate ao vírus HIV e uma queda constantes em novos casos no Brasil e no mundo, também tem-se uma preocupação no aumento de casos na faixa entre os 13 e 25 anos, nos números absolutos quanto

proporcionais, o que serve como um sinal de alerta, exigindo uma reflexão e ações direcionadas para abordar e prevenir a disseminação do HIV nessa faixa etária<sup>3</sup>.

Não foram selecionadas as cartas que mencionavam: a cirurgia de redesignação sexual para transexuais no SUS, o direito à pensão do INSS, a desclassificação da homossexualidade como doença, a existência de um *jornal gay* de circulação nacional, a mudança da sigla GLBT para LGBT, a primeira adoção realizada por uma mulher trans, a primeira caminhada de mulheres lésbicas e bissexuais, a primeira travesti a atuar em novela, o primeiro beijo *gay* na tv aberta, o primeiro deputado abertamente LGBT, a desclassificação da transexualidade como doença mental, o que demonstra que suas preocupações estão focadas em outros temas neste momento.

Após o registro, solicitamos que deixassem a perspectiva individual e pensassem na escola que estudam. A partir disso, que selecionassem uma carta que trouxesse o tema que entendiam ser o mais necessário de ser trabalhado nas aulas. Com isso, os doze temas escolhidos foram:

- Assédio é crime;
- Casais homossexuais podem registrar seus filhos biológicos;
- Cirurgia de “mudança de sexo” para mulheres transexuais no SUS;
- Estupro corretivo é crime;
- Homossexualidade não é considerada mais doença;
- LGBTfobia é crime;
- Nome Social em título de eleitor;
- Primeira adoção feita por uma mulher trans;
- Primeira deputada transexual;
- Primeira Parada do Orgulho;
- Programa de Combate à discriminação contra LGBT em escolas;
- Proibição da Cura Gay;

Por fim, a partir dos 12 temas escolhidos, solicitamos que pudessem definir conjuntamente quais seriam os cinco temas prioritários que deveriam ser trabalhados com mais urgência na escola. A partir da conversa, o grupo definiu em ordem de

---

<sup>3</sup>Outras informações podem ser conferidas em <https://g1.globo.com/saude/noticia/2021/12/01/aumento-de-casos-de-aids-entre-jovens-de-13-a-25-anos-no-brasil-preocupa-alerta-especialista.shtml>

importância: LGBTfobia é crime; Programa de Combate à discriminação contra LGBT em escolas; Assédio é crime; Homossexualidade não é mais considerada doença e Proibição da *Cura Gay*.

Retrato 1 — Os cinco temas prioritários para o grupo



Fonte: O autor (2023).

Para conhecer os referenciais que as e os jovens estudantes acompanham, perguntamos quais eram as pessoas LGBTQIA+ que mais admiravam e que consideravam uma referência. Utilizando as respostas e a ferramenta “nuvem de palavras”, nota-se que Pablo Vittar é a pessoa mais lembrada nesse aspecto, na sequência Glória Groove e colegas de turma.

Imagem 1 — Nuvem de palavras: Referências LGBTQIA+



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Nuvem de Palavras - Microsoft Word.

A partir das respostas, no sentido de conhecer melhor essas referências, elaboramos um quadro com todas as indicações. Para além do nome, realizamos uma pesquisa a partir do que é disponibilizado na *internet* sobre idade, nacionalidade, profissão, e quando estava publicizado, a identidade de gênero e ou orientação sexual.

Quadro 2 — Referências LGBTQIA+ listadas pelo grupo

| Referência      | Idade   | Citação | Nacionalidade | Profissão                    | Identidade de gênero/<br>Orientação sexual |
|-----------------|---------|---------|---------------|------------------------------|--------------------------------------------|
| Pablo Vittar    | 29 anos | 7       | brasileira    | cantora/<br><i>drag quem</i> | homem cis/ gay                             |
| Glória Groove   | 28 anos | 5       | brasileira    | cantora/<br><i>drag quem</i> | homem cis/ gay                             |
| Colega de turma | 17 anos | 5       | brasileira    | estudantes                   | gays/lésbica/bissexual                     |

| Referência                               | Idade   | Citação | Nacionalidade       | Profissão                          | Identidade de gênero/<br>Orientação sexual        |
|------------------------------------------|---------|---------|---------------------|------------------------------------|---------------------------------------------------|
| Murilo FH                                | 25 anos | 3       | brasileira          | <i>influencer</i>                  | identidade de gênero fluída/<br>gay               |
| Luisa Sonza                              | 24 anos | 2       | brasileira          | cantora                            | mulher cis/ bissexual                             |
| Bele Belinha                             | 18 anos | 2       | brasileira          | <i>influencer</i>                  | mulher cis/ não encontrada<br>(ativista LGBTQIA+) |
| Elaine Baeta                             | 26 anos | 1       | brasileira          | escritora                          | mulher cis/ lésbica                               |
| Girl in red<br>(Marie Ulven<br>Ringheim) | 24 anos | 1       | norueguesa          | cantora e<br>compositora           | mulher cis/ lésbica                               |
| Alice Oseman                             | 29 anos | 1       | britânica           | escritora                          | mulher cis/ assexual,<br>arromântica              |
| Hayley<br>Kiyoto                         | 32 anos | 1       | norte-<br>americana | cantora                            | mulher cis/lésbica                                |
| Kesha                                    | 36 anos | 1       | norte-<br>americana | cantora,<br>atriz                  | mulher cis/não encontrada<br>(ativista LGBTQIA+)  |
| Kit Connor                               | 19 anos | 1       | britânico           | ator                               | homem cis / bissexual                             |
| Lanna del<br>Rey                         | 37 anos | 1       | norte-<br>americana | cantora                            | mulher cis/não encontrada<br>(ativista LGBTQIA+)  |
| Linn da<br>Quebrada                      | 32 anos | 1       | brasileira          | cantora,<br>atriz,<br>multiartista | mulher travesti/ pansexual                        |
| Nanda Costa                              | 36 anos | 1       | brasileira          | atriz                              | mulher cis/ bissexual                             |

Fonte: O autor (2023).

Foram quinze pessoas indicadas, sendo que a maioria são de brasileiras e brasileiros (09 referências), três norte-americanas e uma britânica. Das indicações, a maioria tem até 30 anos (10 referências), as outras, até 40 anos, são de cantoras (08 referências), atriz/ator (04 referências). Houve referências para escritoras e duas para *influencers*.

Destacamos a indicação do *influencer* Murilo FH, morador da cidade vizinha, de Iporanga - SP, como sendo a quarta mais lembrada. Seu perfil nas redes sociais contém vídeos de dança e assuntos do cotidiano, entre eles sobre afetividade

LGBTQIA+. Outro destaque são as referências entre a própria turma, em que citam outras e outros estudantes da mesma escola, indicando representatividade global, regional e local. Não houve citação de professores LGBTQIA+ como referência.

Ao final do grupo focal, deixamos o espaço aberto para que pudessem colocar alguma consideração final, seja por conta de algum desconforto ou algo que quisessem falar sobre o grupo.

Todas e todos os estudantes presentes manifestaram bastante conforto e satisfação em ter participado da atividade e indicaram *não haver incômodo*. LUA disse que *“foi interessante e muito importante conversar sobre esses assuntos... o dia foi bem legal”*. NICK: disse que *“foi uma coisa bem importante essa conversa... nunca propuseram um momento como esse em nenhuma escola que eu estudei”*. FLORZINHA disse que *“deveria ser uma atividade feita mais vezes e com mais pessoas participando... isso traria outras opiniões”*. KAYLE disse ser *“importante essa conversa para ir quebrando os tabus sobre esses temas e para dar visibilidade sobre o assunto, que muitas vezes é visto como minoria”*. PIPOQUINHA disse ser *“importante porque muita gente passa por isso em casa e não pode falar, mas aqui é espaço para desabrochar... virar uma borboleta”*.

Consideramos como uma experiência muito exitosa a realização do grupo focal. É de suma importância ouvir as jovens e os jovens estudantes quando se trata de trabalhos relacionados à diversidade sexual e de gênero na escola. Esses e essas trazem consigo uma perspectiva única e vivências pessoais que são essenciais para compreendermos as necessidades e desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+. Ao dar espaço para essas vozes, estamos de imediato, promovendo a inclusão e o respeito, permitindo que suas experiências sejam reconhecidas e valorizadas. Além disso, ao envolvê-las e envolvê-los nessas discussões, estamos contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor, fortalecendo também a luta por igualdade e respeito à diversidade sexual e de gênero para além do espaço escolar.

Nossa proposta inicial, foi de apresentar uma dissertação e uma intervenção pedagógica. No entanto, após a sistematização, entendemos que para além do proposto, conseguimos ainda produzir um material pedagógico que pode oferecer suporte para professoras e professores de Sociologia e de outras áreas, na realização de grupos focais sobre diversidade sexual e de gênero.

O produto, "Roteiro para realização de grupo focal - temática da educação para a diversidade sexual e de gênero" que está na seção ANEXO A, é inédito, elaborado pelo mestrando que articulado com a dissertação, possui fundamentação consistente e de uma análise de uma experiência de sua apropriação e efeitos junto a professoras e professores e estudantes, atendendo também essa modalidade do ProfSocio.

## 5 PONTO DE TRANS\_FORMAÇÃO CONTINUADA: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

que o ponto cheio quer ser perfeito  
e pode criar a ilusão do redondo  
porque  
você pode preencher o coração de ponto nó  
pensando por e com a linha  
sem medo de errar  
(Alex Simões)

O ProfSocio define a Intervenção Pedagógica como a criação de uma série organizada de atividades para aulas de Sociologia ou um conjunto de ações a serem realizadas na escola e em seu entorno. O objetivo é aplicar uma abordagem sociológica que sensibilize gestoras e gestores, que aprimore a prática docente e/ou fortaleça o envolvimento da escola com a comunidade, abordando temas e problemas diretamente relacionados ao contexto da Sociologia como disciplina escolar (Universidade Federal do Ceará, 2021).

O programa indica que essa intervenção deverá ser original e embasada por uma fundamentação sólida, com passo a passo para sua elaboração e análise sistemática de seu desenvolvimento. São incluídas nessa modalidade análises inéditas de experiências didáticas, sejam elas cotidianas ou extraordinárias, que fornecem *insights* sobre o perfil e a sociabilidade de estudantes, bem como as condições, desafios e possibilidades no ensino da Sociologia (Universidade Federal do Ceará, 2021).

A categoria escolhida para a intervenção nessa dissertação foi a de projetos de formação ou sensibilização, que visam ampliar a conscientização sobre temas e conteúdos sociológicos além da sala de aula, abordando deficiências, resistências e tensões no ambiente escolar, na comunidade local ou na prática docente. Isso envolve a realização de eventos, reuniões, oficinas de formação, pesquisa-ação, entre outras atividades, que foram consideradas para a elaboração dessa intervenção, que aqui chamamos de “*Trans\_ formação Continuada*”.

A partir da reflexão sobre a temática da diversidade sexual e de gênero, no trabalho docente na sala de aula e em espaços das políticas públicas, tenho chamado

de “*Trans\_Formação Continuada*”, o processo contínuo de aprendizagem e aperfeiçoamento profissional que ocorre ao longo da carreira profissional e da vida das pessoas, que busca a troca de conhecimentos, experiências e a construção coletiva do saber, de forma horizontal e participativa, no sentido de encontrar soluções para transformar sua realidade.

Entendemos o termo como um esforço constante para atualização e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências relevantes, que podem ocorrer por meio de diversos formatos, como cursos, palestras, orientações técnicas, reunião pedagógica, rodas de conversas, círculos de cultura, grupos de estudos e leitura, treinamentos, teatro, e atividades de aprendizagem, desempenhando um papel fundamental na promoção da igualdade de direitos, no reconhecimento da diferença, no empenho para inclusão e respeito no ambiente escolar e no combate da desigualdade.

Muito mais do que um processo teórico por si só, essa formação a partir das vivências atravessadas pelo gênero e a diversidade sexual, busca se tornar um processo de aprendizagem contínuo e significativo, capaz de “*trans\_formar*” o entendimento construído a base de preconceitos e discriminações ao longo da vida, e inspirar novas “*ações*” concretas que reverberem em um ambiente educacional acolhedor, que garanta a aprendizagem, as vivências e as existências na escola e fora dela.

### 5.1 A “*TRANS\_FORMAÇÃO CONTINUADA*”

Em janeiro de 2023, uma supervisora de ensino da Diretoria Regional de Ensino de Apiaí, entrou em contato para compartilhar sobre uma formação continuada que havia sido realizada em novembro de 2022, pela Secretaria da Educação, na formação do Programa Ensino Integral, que articulou os temas Protagonismo Juvenil, Inclusão e Direitos Humanos.

Na discussão sobre inclusão, a temática da Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero estava incluída. A supervisora trouxe que entedia a pertinência, necessidade e urgência do tema, mas reconhecia suas limitações teóricas para tratar o assunto e que pretendia fazer a formação a partir de vivências e falas de pessoas LGBTQIA+.

Compartilhei a pesquisa que estava realizando e propus ampliar a realização da intervenção pedagógica, para além da escola escolhida, contemplando então todas as equipes gestoras que fazem parte do Programa Ensino Integral. Foi assim que chegamos à realização da atividade, no dia 07 de março de 2023, uma semana depois da realização do grupo focal com estudantes.

Para pensar a formação, as perspectivas das e dos estudantes participantes do grupo focal foram considerados como diretrizes formativas, sendo elas: CONHECER, SENSIBILIZAR E PROMOVER AÇÕES PREVENTIVAS.

Sendo, em CONHECER, a ideia que estudantes entendem que professoras e professores precisam saber do assunto, pois sabem pouco e erram por não saber quais são as identidades, que LGBTIfobia é crime, que a homossexualidade não é mais considerada doença, a proibição da “cura gay”, e que assédio é crime.

Em SENSIBILIZAR, segundo perspectiva das e dos estudantes, professoras e professores precisam olhar as vivências LGBTQIA+ com mais empatia, saber as violações que estudantes passam fora e dentro da escola, para inclusive reconhecer-se nessas práticas e deixar de reproduzi-las.

Em PROMOÇÃO DAS AÇÕES PREVENTIVAS, a necessidade de ações planejadas de combate à discriminação contra estudantes LGBTQIA+ nas escolas, no sentido de trazer a voz dessas e desses jovens estudantes e trazer o tema para aquelas e aqueles que não são próximos a essas vivências, contribuindo com a prevenção a LGBTIfobia.

Essas perspectivas foram suleadoras de todo o processo de organização da formação, que foi pensada em articular as perspectivas das e dos estudantes, as necessidades formativas da Diretoria Regional de Ensino e a inserção acadêmica e profissional do pesquisador. Utilizamos a perspectiva suleadora, a partir de Paulo Freire e da Linguística Aplicada, que redirecionam a natureza da formulação dos problemas de pesquisa sobre sexo e gênero, racismo, proletarização do professor, a exclusão e o ensino na escola pública, a interculturalidade na produção de textos escolares, na formação de docentes, nos currículos da escola, no sentido de olhar, com olhos do Sul, para o Sul (ANGELA KLEIMAN, 2013).

Diagrama 1 — Perspectivas e necessidades coletivas



Fonte: O autor (2023).

Junto a elas, a metodologia da formação buscou valorizar as contribuições, utilizando a ludicidade. No grupo focal, estudantes trouxeram a necessidade de trabalhar com professoras e professores de maneira lúdica, como a fala da FLORZINHA: *“as vezes tem que desenhar, para eles entenderem melhor, porque não faz parte da geração deles”*. Pensando nisso, inserimos um videoclipe a partir das referências indicadas pelo grupo (no caso, com Pablo Vittar), a utilização de manequins para explicar o que é identidade de gênero, orientação sexual, expressão de gênero e sexo biológico, e a postura dialógica em todo período da intervenção.

No dia programado, as equipes gestoras das escolas compareceram para participar de uma ação formativa durante todo o dia. A pauta sobre a temática da Diversidade Sexual e Gênero e Direitos Humanos foi programada para iniciar às 13h00 com intervalo de quinze minutos às 15h00, com previsão de término às 17h00.

Para início da atividade, realizei apresentação da minha trajetória profissional e acadêmica e que a ação formativa aconteceria de maneira dialógica, onde poderiam manifestar a qualquer momento. Explicamos que muito mais do que informes ou letramento em gênero, o trabalho buscava CONHECER, SENSIBILIZAR E PROMOVER AÇÕES PREVENTIVAS.

O primeiro momento foi refletir sobre a concepção da educação que cada participante carrega e aquela legal, que é dever do Estado, fundamentada na liberdade e na solidariedade humana, no exercício da cidadania. Relembramos que

todas e todos os estudantes devem ter condições de igualdade para o acesso e a permanência na escola, que sejam respeitadas e respeitados, tenham a liberdade de aprender, e que suas experiências extraescolares sejam valorizadas e vinculadas na educação escolar, e que a ideia de apreço pela tolerância não é algo recente, mas já conhecida e reconhecida por todas e todos, desde a década de 1990. Todas as pessoas presentes manifestaram concordar com a LDBEN, o que garantiu um espaço seguro para a realização da formação.

O segundo momento foi apresentar o videoclipe do cantor Emicida, intitulado "*AmarElo* (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte)" que conta com a participação de Majur e Pablo Vittar (artista mais lembrada pelo grupo focal como uma referência LGBTQIA+). Lançado em 2019, o videoclipe inicia com um áudio enviado por um amigo de Emicida, com depressão, que diz ver o suicídio como única saída (Amarelo..., 2019).

Sobre esse videoclipe, Renata Arruda (2020, n.p), diz:

Na segunda vez que os versos de Belchior aparecem, eles são cantados por Pablo Vittar e Majur. A participação delas não é aleatória. Segundo o rapper, as duas trazem, em suas vivências e em suas obras, histórias bonitas a respeito de acreditar em si e de lutar contra o mundo para ser quem são. [...] Assim, a mesma estrutura social que não leva a sério quem não faz parte dos seus, ainda tenta derrubar aqueles que conseguem subir na vida apesar dela. [...] A estrofe é um poema, chamado Permite que eu fale, escrito por Emicida e incorporado à música. Os versos chamam atenção para uma vivência muito comum entre pessoas negras, periféricas e LGBTQI+: serem definidas a partir do seu sofrimento, o que é uma forma de desumanizá-las e transformá-las em estereótipos. Por fim, a música termina com um encorajamento: levante a cabeça, termine os estudos e lute. Você vai conseguir!

A canção, com duas artistas *queers* cantando trechos da música "Sujeito de Sorte", de Belchior (foi um cantor, poeta, compositor, músico, produtor, artista plástico e professor brasileiro), tem uma inspiração para que as pessoas possam ser maiores que seus problemas, sendo uma estratégia para iniciar a reflexão sobre Direitos Humanos e diversidade sexual e gênero com as pessoas presentes.

A maioria dos presentes disseram conhecer Emicida e Pablo, e nenhuma delas conhecia Majur. Apenas seis disseram conhecer o clipe, e de maneira geral participantes disseram que ele possui uma linguagem muito próxima de seus

estudantes e aborda questões muito inerentes aos Direitos Humanos, como discriminação, pobreza, preconceito, saúde mental, marginalização. Emicida, é um *rapper*, cantor, compositor e apresentador brasileiro, considerado uma das maiores revelações do *hip hop* do Brasil da década de 2000. Majur é uma cantora e compositora brasileira do gênero R&B e MPB, abordam temas como relações afetivas e empoderamento; é transsexual e se autodenomina como não-binária. Pablo Vittar é uma cantora, *drag queen* e apresentadora brasileira e reconhecida por seu ativismo em prol dos direitos das pessoas LGBTQIA+. Em 2019, foi citada pela Forbes como "*a drag queen mais popular do mundo*".

Com essa reflexão inicial, entregamos para as pessoas participantes uma folha com um campo, sem identificação, convidando para que pudesse colocar todas as dúvidas que tinham sobre o tema. Foram encorajadas e encorajados a escrever, mesmo que as dúvidas parecessem ser simples ou polêmicas, na quantidade de questionamentos que quisessem. A ideia, não era apresentar respostas para todas as perguntas realizadas; o objetivo, além de entender melhor as demandas que as pessoas participantes tinham, foi de conhecer melhor o grupo através de suas dúvidas.

Foram realizadas oitenta questões, que foram divididos por proximidade, sendo perguntas que indicavam alguma necessidade de ação, outras que abordaram os termos de identidade e orientação sexual; outras que abordaram a relação com o conservadorismo da escola, família e comunidade no trato do tema; outras que questionaram sobre legislações e outras que apresentaram questionamentos mais amplos, que não foram divididos nas categorias anteriores, sendo apresentados abaixo:

Quadro 3 — Dúvidas sobre a Diversidade Sexual e de Gênero

| Categorias        | Questões apresentadas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Como agir?</b> | 1. Como trabalhar a diversidade sexual na escola? / 2. E como abordar a diversidade sexual e de gênero sem influenciar nossos estudantes?/ 3. Na escola qual melhor forma de abordagem sem aumentar o preconceito?/4. Indicações literárias para maior apropriação e mudança de visão, para um trabalho com toda equipe escolar (objetivo e mobilizador);/ 5. Em uma formação (ou roda de conversa) como sistematizar para que seja bem |

| Categorias                                                 | Questões apresentadas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                            | <p>esclarecida?/ 6. Como trabalhar esses temas com os próprios alunos? e com os pais?/ 7. Como desenvolver com alunos em sala de aula sobre esse tema?/ 8. Qual a idade mais recomendada?/ 9. Qual a maior dificuldade em explicar para as crianças sobre a diversidade de uma maneira mais simplificada?/ 10. Acho interessante e necessária essa discussão e debate principalmente no ensino médio a questão da diversidade. Mas por onde começar tal trabalho respeitando a diversidade?/ 11. Como agir para acolher um jovem do nono ano que se descobre se reconhece diante dos colegas?/ 12. Em quais momentos se consegue perceber que o adolescente está se sentindo oprimido pela sua orientação sexual na escola?/ 13. Como ajudar o jovem a assumir sua orientação sexual e enfrentar o preconceito da família?/ 14. Como trabalhar com aluno que nos procura estar descobrindo sua orientação sexual?/ 15. Qual a melhor forma de conversar com estudantes em transição?/ 16. O que fazer quando um aluno pede para usar o banheiro de um gênero biológico contrário ao seu sabendo-se do constrangimento dos demais colegas?/ 17. Como agir diante de situações cotidianas como o uso do banheiro? Feminino ou masculino? Em uma escola que atende faixa etária de 7 a 17 anos?/ 18. Como identificar os banheiros hoje consta feminino e masculino na escola, ou seja, fazer a identificação desses lugares./ 19. Como a instituição de ensino deve agir em situações em que o aluno menor de idade gostaria de ser chamado por um gênero diferente devemos chamar os responsáveis? O que prevalece a vontade do estudante ou dos responsáveis?/ 20. Como ter um tratamento pessoal para a inclusão?/ 21. O que fazer com um estudante lgbt sem estrutura familiar?/ 22. Como ajudar pessoas com preconceito a mudar?/ 23. Como ser mais esclarecedor sem ofensas? questão da aceitação conscientização apoio e respeito./ 24. Nós educadores podemos orientar sobre a precocidade nas opções de gênero ou é apenas aceitar e deixar que sigam?/ 25. Como trabalhar com esta temática no que diz respeito às diferentes escolhas: eu respeito a tua individualidade e tu respeitas a minha; respeito a tua escolha e preciso que respeites a minha./ 26. Não sei expressar minhas dúvidas. Quero aprender mais e pronto./</p> |
| <b>Nomenclaturas relacionadas a Identidade de Gênero e</b> | <p>1.O próprio letramento./ 2.Siglas, nomenclaturas./ 3.Siglas e nomenclaturas./ 4. Siglas nomenclaturas/ 5. Nomenclatura./ 6. Nomenclatura ou termos./ 7. Tenho dúvidas sobre as siglas como são estipuladas e quem as define./ 8. Por que de haver tantas letras na sigla que antes era LGBT? 9. Qual a importância de se compreender essa sigla hoje?/</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

| Categorias                                       | Questões apresentadas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Orientação Sexual</b>                         | <p>10. Quais são os tipos de diversidade de gênero? qual a importância de conhecer a diversidade de gênero?/ 11. Por que a diversidade possui tantas categorias? 12. O que significa expressão de gênero?/ 13. Existe o termo gênero biológico?/ 14. Por que se usa o termo cisgênero?/ 15. Por que aparecem divisões do termo cisgênero? E por que do nome?/ 16. O que são cisgêneros? e binários?/ 17. A não-binariedade/ 18. Qual a diferença entre transexual, travesti, transgênero e as diversas outras nomenclaturas? 19. Como se explica, se há explicação, em relação há uma pessoa trans que tem opção sexual pelo gênero de origem um homem trans gostar de mulher./ 20. Por que há tantas maneiras de ver ou de se enxergar como transgênero como pessoa diferente das demais não bastaria apenas transexual ou homossexual ou coisa parecida são muitas siglas e nomes diferentes para um só jeito ou é engano meu?/ 21. Por que atualmente a tendência é as pessoas se classificarem bissexual?/ 22. O que seria demissexualidade?/ 23. Eu acredito que a homossexualidade vem da pessoa-genética e por que hoje em dia todas as pessoas acham que podem experimentar o indivíduo do mesmo sexo achando que isso é normal?/ 24. Essas classificações relacionadas ao sexo não acabam por excluir ou fazer separação das pessoas visto que somos somente um ser humano?</p> |
| <b>Conservadorismo da escola e da comunidade</b> | <p>1. Qual os percursos mais adequados para romper com o conservadorismo esperado da escola?/ 2. Como abordar os temas na formação da comunidade escolar?/ 3. Como abordar orientação sexual com os adultos da escola? Como se fazer entender que não é uma escolha?/ 4. Como abordar esse tema informação de ATPC de com professores conservadores?/ 5. Como abordar a temática sem ferir os conceitos direcionados à educação familiar e social?/ 6. Como fazer uma formação da família para acolher o tema?/ 7. Como trabalhar a diversidade sexual sem esbarrar em crenças familiares?/ 8. Como lidar com a família que não aceita a diversidade sexual dentro da própria família?/ 9. Como transmitir esse conhecimento e conseguir que as pessoas entendam que a sua crença não pode sobrepor sobre os fatos?/ 10. O difícil elo entre diversidade e a religião. Questão polêmica e desafiadora. Amo o tema, queria encontrar consenso./ 11. O que fazer diante da situação religiosa bíblica em detrimento com a diversidade sexual e de gênero?/ 12. Como tratar o tema da diversidade sexual junto à comunidade escolar de forma a respeitar a cultura local?/ 13. Como trabalhar esse tema em uma comunidade fechada que não aceita por motivos de princípios religiosos ou tradicionais? E tudo é processo ouvidoria./ 14. Como</p>                                           |

| <b>Categorias</b>    | <b>Questões apresentadas</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                      | fazer para colocar na cabeça de pessoas tóxicas que sexualidade não interfere em nada no caráter e nas potencialidades das pessoas fazendo somente nós perdemos tempo em discutir assuntos que é lógico e racional/ 15. Qual é a posição e como será trabalhado nas escolas a questão da diversidade no governo Tarcísio?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Legislações          | 1. Legislação./ 2. Legislação./ 3. Legislação./ 4. Resoluções e legislações para o tratamento pessoal e inclusão./ 5. Quais legislações para tratamento pessoal e inclusão?/ 6. Nome social: crianças podem optar sem o consentimento dos responsáveis?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Aspectos mais amplos | 1. A convivência harmoniosa dessa pluralidade de aspectos é essencial na construção de uma sociedade mais justa?/ 2. Por que em pleno século 21 o machismo ainda impera nas instituições?/ 3. Por que as pessoas não reconhecem o preconceito estrutural?/ 4. Por que tanta resistência ao uso do pronome neutro?/ 5. Como garantir o “direito de um” diante do direito de muitos?/ 6. Por que a ideia de todos ser abrangente não é válida? Opinião: isso invalida a diversidade que de certa forma estaria inserida num todo e torna isso presunçoso e pedante./7. O que fazer diante das “modinhas de plantão”?/ 8. O que você orienta quanto à precocidade nas opções de gênero depois as crianças estão se declarando homossexuais muito cedo e indo algumas vezes no embalo dos colegas./ 9. É possível com a abordagem desse assunto o adolescente ser influenciado de alguma forma? |

Fonte: O autor (2023).

As dúvidas apresentadas pelas gestoras e gestores participantes confirmam a fala das e dos estudantes no grupo focal, no sentido de se faz necessário uma maior compreensão do tema.

As principais questões apresentadas, na categoria “como agir?”, estão relacionadas à forma de trabalhar a diversidade sexual e de gênero na escola de maneira adequada, sem influenciar os estudantes, aumentar o preconceito ou causar constrangimento. Há preocupações sobre a melhor forma de abordar o tema com a família e com toda a equipe escolar, bem como sobre a idade mais recomendada para iniciar essas discussões. Também há questões sobre como identificar e ajudar estudantes que se sentem oprimidas e oprimidos pela sua orientação sexual, e que enfrentam preconceito familiar. Perguntam como lidar com situações cotidianas, como

deve ser o uso do banheiro ou qual é a forma de tratamento pessoal para inclusão. Além disso, há dúvidas sobre como ajudar pessoas com preconceito a mudar.

Na categoria "nomenclaturas relacionadas a identidade de gênero e orientação sexual", as principais questões estão relacionadas ao letramento sobre diversidade de gênero e à compreensão das siglas e nomenclaturas utilizadas nesse contexto. Há dúvidas sobre como as siglas são estipuladas e quem as define, bem como sobre a importância de compreender a diversidade de gênero e as diferentes categorias existentes. Também são levantadas questões sobre expressão de gênero, termos como cisgênero e suas divisões, a diferença entre transexual, travesti, transgênero e outras nomenclaturas. Além disso, há dúvidas sobre a relação entre identidade de gênero e orientação sexual, como explicar uma pessoa trans que tem atração pelo "*gênero de origem*", a variedade de termos e classificações, a "*tendência atual*" de se classificar como bissexual, o significado de demissexualidade e a percepção de que a homossexualidade é genética.

Na categoria "conservadorismo da escola" e da comunidade, as principais questões levantadas estão relacionadas à forma de romper com o conservadorismo esperado na escola, como abordar os temas de diversidade sexual e de gênero na formação da comunidade escolar, e como lidar com professores conservadores na abordagem desses assuntos. Há preocupações sobre como abordar o assunto com pessoas adultas da escola e fazer com que entendam que não se trata de uma escolha. Surgiram questionamentos sobre como trabalhar a temática sem ferir conceitos ligados à educação familiar e social, como fazer uma formação para a família acolher o tema, e com aquelas que não aceitam a diversidade. A questão desafiadora da relação entre diversidade e religião, especialmente diante de interpretações bíblicas e princípios religiosos, também apareceu. Além disso, surgiram dúvidas sobre como tratar o tema respeitando a cultura local, em *comunidades fechadas* que rejeitam o assunto, como lidar com "*pessoas tóxicas*" que não compreendem que a sexualidade não interfere no caráter das pessoas.

Na categoria "legislação", houve uma demanda por dúvidas relacionados a normativos, e especialmente a que refere-se a nome social. E no que chamamos de "aspectos mais amplos", as principais questões estão relacionadas à convivência harmoniosa para construir uma sociedade mais justa, a persistência do machismo nas instituições no século XXI, a falta de reconhecimento do preconceito estrutural, a

resistência ao uso do pronome neutro, a garantia dos direitos individuais em meio aos direitos coletivos, a validade da ideia de que *"todos"* são abrangentes, o enfrentamento das *"modinhas de plantão"*, a orientação quanto à precocidade nas *"escolhas"* do gênero e a possibilidade de influência em adolescentes ao abordar o tema. Essas questões refletem preocupações sobre a construção de uma sociedade mais igualitária, a desconstrução de padrões opressores, o reconhecimento das estruturas discriminatórias e o equilíbrio entre respeitar a individualidade e promover a inclusão coletiva.

A partir então da realidade das equipes gestoras presentes, todas elas inseridas no Programa Ensino Integral, e considerando a experiência docente, propus um caminho formativo a partir dos fundamentos do programa e de duas premissas específicas, que já trabalhavam nas formações: protagonismo e formação continuada.

Dialogamos com as e os participantes que se as identidades, orientações sexuais, expressão de gênero das e dos estudantes não são respeitadas, não é possível dizer que a escola através das e dos profissionais respeitam as suas individualidades, as suas escolhas pessoais, a realização de seus projetos de vida e motivam e preparam pessoalmente. E que muitas vezes, alguns discursos são assumidos e reproduzidos, mas sua intencionalidade não é atingida na sua plenitude.

Da mesma maneira, propusemos que as e os participantes pensassem sobre a formação continuada. O PEI indica para que profissionais tenham domínio do conhecimento e contextualizem com a realidade das e dos estudantes. Refletimos sobre quais são as e os estudantes que estão tendo sua realidade contextualizada.

Partilhamos que no grupo focal, estudantes trouxeram que é comum estudantes LGBTQIA+ não serem ouvidos e terem suas vivências desconsideradas durante as aulas. Ainda perguntamos se procuram e ouvem as e os estudantes LGBTQIA+ da escola e se estão abertos ao novo. As e os participantes manifestaram estar em acordo com as reflexões.

Na sequência, fizemos uma retomada sobre a construção dos planos de educação e o contexto de aprovação da BNCC, relacionando com o conservadorismo presente na sociedade, que atravessou as disputas eleitorais para as políticas públicas, ocasionando polêmicas e repressões com as questões de gênero e diversidade sexual que desencadearam a retirada da referência das palavras nesses documentos e repercutiram em um cenário de insegurança na sala de aula.

Retomamos que mesmo com essa retirada, a competência nona da BNCC, que é reiterada pelo Currículo Paulista, indica que todas e todos os jovens estudantes da rede estadual precisam desenvolver na trajetória escolar na educação básica, o exercício da empatia, do diálogo, da resolução de conflitos e da cooperação, com objetivo direto de respeitar ao outro e aos direitos humanos, desenvolvendo a postura de acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, considerando seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, para estejam, principalmente sem preconceitos de qualquer natureza.

Apesar de não referenciar diretamente as palavras gênero, sexualidade ou diversidade sexual, refletimos com as gestoras e os gestores sobre o quanto a competência nona indica para a necessidade de desenvolver com estudantes ao longo da escolaridade básica, as questões de Direitos Humanos, a valorização da diversidade de indivíduos e identidades (o que inclui aqui, a diversidade de gênero e diversidade sexual), sem preconceitos de qualquer natureza (o que inclui aqui preconceitos relacionados a gênero e orientação sexual), articulando isso ao Currículo.

Refletimos o quanto a prática educativa com a temática da Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero (EDSG) deve estar presente na Diretoria Regional de Ensino, nas escolas, nas aulas, nos projetos, em todos os componentes curriculares, a fim de enfrentar todas as formas de discriminação, especialmente a violência de gênero, e a desconstruir crenças e preconceitos existentes sobre o tema.

Para a compreensão de que o Currículo Paulista, possui direcionamento na perspectiva dos Direitos Humanos e do combate ao preconceito e a discriminação, propusemos um rápido exercício. Abrimos a versão digital e solicitamos que indicassem um tema importante que todas e todos jovens estudantes da rede aprendem. Algumas palavras foram sugeridas pelas e pelos participantes: “*artigo de opinião*”, “*locuções verbais*”, “*estatística*” e “*álgebra*”. Na busca simples por essas palavras, no Currículo Paulista da etapa do ensino médio, encontramos 15 referências para a palavra “opinião”, 16 citações da palavra “verbais”, 25 citações para a palavra “estatística” e 26 citações para a palavra “álgebra” (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2020).

Na comparação, realizamos a busca simples das palavras “diversidade”, “preconceito”, “direitos humanos” e “diferença”. E o resultado surpreendeu as e os

participantes. A palavra “diversidade” foi citada 82 vezes, “preconceito” foi citada 42 vezes, “direitos humanos” 37 vezes e “diferença” 25 vezes. Fazendo a ressalva que não se tratava de uma análise do conteúdo, trouxemos que esses são temas bem presentes no documento, e que precisam estar presentes no contexto da escola, contribuindo para subsidiar ações pedagógicas e justificar eventuais polêmicas que surjam, pelo lado normativo do documento (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2020).

Maria Valéria Barbosa (2020) discute os Direitos Humanos e suas controvérsias em relação ao seu alcance e significado ao longo da história e destaca a importância da Declaração Universal de 1948 como um marco histórico significativo, mencionando a relevância do ensino de Sociologia na sua problematização, na abordagem de temas como gênero, diversidade cultural, racismo, movimentos sociais, igualdade, desigualdades, meio ambiente, cidadania e Estado de Bem-Estar Social.

Considerando a pertinência desse tema para o ensino de Sociologia às e aos jovens da educação básica brasileira, a autora apresenta:

Podemos pensar diferentes dimensões. Um, por estar vinculado à realidade excludente que vivemos no Brasil e no mundo e à necessidade de construir, com estes jovens, um senso crítico para se analisar a realidade social e todos os seus matizes. Outro, porque a conjuntura social e política do Brasil tem imposto uma demanda específica, que diz respeito à redução de conquistas importantes na luta por direitos, pois os consideram como ideologização do debate, por exemplo: a ideologia de gênero e a Escola sem Partido, temas que, sem sombra de dúvidas, devem pautar as pesquisas no subcampo do ensino de Sociologia e direitos humanos no contexto atual (Barbosa, 2020, p. 99).

Considerando a realidade social e política do país, bem como a necessidade de desenvolver o pensamento crítico das e dos jovens estudantes em relação à sociedade e aos Direitos Humanos, o tema se torna muito pertinente de ser trabalhado, e pode ser realizado de diversas formas, incluindo roteiros de atividades, livros didático-pedagógicos e produções teóricas, que podem ser utilizadas pela escola, como referencial de trabalho com o assunto (Barbosa, 2020).

Na sequência, refletimos sobre o Currículo Paulista que indica que o acolhimento das pessoas deve ser feito em suas singularidades e pluralidade com a afirmação do respeito às diferenças sociais, pessoais, históricas, linguísticas, culturais

e combatendo à discriminação e ao preconceito em todas as suas expressões (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2020).

O Currículo Paulista também menciona que deve estar longe de práticas que normatizam comportamentos, rotulam ou buscam adequar os estudantes a um modelo ideal de pessoa, dando abertura para refletirmos sobre a necessidade de pensar o quanto as práticas escolares são cis heteronormativas, e que considerar a e o estudante em sua integralidade, não é desconsiderar a sua identidade de gênero e sua orientação sexual (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2020).

Seguindo a recomendação das e dos estudantes do grupo focal, no que se refere ao SENSIBILIZAR, propomos uma reflexão, a partir do pensamento de Butler (2017), no sentido de indicar como o pensamento binário está presente em nosso cotidiano. Utilizando uma relação de palavras, propomos às e aos participantes a dizer em voz alta qual era a primeira palavra que pensavam quando ouviam: “*ódio, alto, mau, silêncio, vazio, escuro, rápido, sair, difícil, aberto, triste, quente, pouco, velho, grande, pobre, mentira, noite, branca*”. Em quase coro, sem qualquer combinação, o grupo foi respondendo em simultaneamente: “*amor, baixo, bom, barulho, cheio, claro, devagar, entrar, fácil, fechado, feliz, frio, muito, novo, pequeno, rico, verdade, dia, preta*”. Com isso, retomamos a ideia de que pensamos na maioria das vezes, desde as coisas mais simples, de forma binária e opositiva, o que contribui para a naturalização de algumas possibilidades e desconsideração de outras.

Com isso, propusermos a pensar sobre as duas últimas palavras: “*noite*” e “*branca*”. Com imagens, questionamos o que é *amanhecer* e o *entardecer* nessa classificação e como estariam as diversas escalas das cores, *branca, preta e cinza*. Convidamos as e os participantes a olhar para a diversidade como um lugar para além do polo *homem-mulher, macho-fêmea*, considera as diversas e múltiplas identidades sexuais e de gêneros. O grupo sinalizou concordar com esse lugar para desnaturalizar o que parece óbvio.

Esse caminho reflexivo ajuda a pensarmos na diversidade como constituinte do nosso tempo, e não como um problema que deve ser combatido ou ignorado. Nesse sentido, sobre esse tempo, Guacira Lopes Louro (2018, p. 51), enfatiza:

Um tempo em que a diversidade não funciona mais com base na lógica da oposição e da exclusão binárias, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa. Um tempo em que a multiplicidade de sujeitos

e de práticas sugere o abandono do discurso que posiciona, hierarquicamente, centro e margens em favor de outro discurso que assume a dispersão e a circulação do poder. Não eliminamos a diferença, mas, ao contrário, observamos que ela se multiplicou — o que nos indica o quanto ela é contingente, relacional, provisória. A diversidade nos demonstra, mais do que nunca, que a história e as lutas de um grupo cultural são atravessadas e contingenciadas por experiências e lutas conflitantes, protagonizadas por outros grupos. Por isso temos de aprender, nesses tempos pós-modernos, a aceitar que a verdade é plural, que ela é definida pelo local, pelo particular, pelo limitado, temporário, provisório.

Assim entramos na discussão sobre o que as pessoas participantes entendiam por Direitos Humanos; o que teve grande participação de forma oral. Trouxeram a ideia como *normas que reconhecem e protegem a dignidade de todas as pessoas; a mediação da sociedade e o Estado*; citaram aspectos de constituição a partir da definição da ONU, como “*garantias jurídicas universais*”, apontamentos no sentido do *conjunto de garantia a todas as pessoas, de qualquer parte, para que não sofram qualquer discriminação e que tenham direitos e liberdades básicas asseguradas, como o direito à vida, saúde, educação; ao trabalho; habitação; ir e vir, liberdade religiosa, e outros*.

Apresentamos um *banner* com algumas manifestações da ONU, que foi impresso e entregue para todas as escolas presentes. O *banner* destaca o comprometimento do órgão no combate a todas as formas de discriminação, bem como sua atenção crescente à discriminação racial, sexual e especialmente à discriminação com base na orientação sexual e identidade de gênero (Organização das Nações Unidas, 2011).

Retomamos que o termo 'diversidade sexual' é usado para se referir de maneira inclusiva à ampla variedade de identidades, sexos, orientações sexuais e expressões de gênero. E que, socialmente, reivindica-se a diversidade sexual e de gênero, como forma da aceitação de qualquer forma de ser, com iguais direitos, liberdades e oportunidades dentro do marco dos Direitos Humanos.

Para continuar na perspectiva do CONHECER, apresentamos o conceito de gênero como sendo:

um dispositivo cultural constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como

feminino e masculino. Cria sentidos para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro da estrutura de poder (Lins; Machado; Escoura, 2016, p. 10).

Com o conceito refletimos de como ele é percebido na sociedade, possuindo entendimentos e vivências diferentes, tanto por homens como por mulheres. Nessa conversa participantes da formação trouxeram relatos de vivências em que acumulam jornadas de trabalho dentro, e fora de casa, na criação de filhos, e o quanto mulheres são sobrecarregas e o quanto homens saem vantajosos dessas situações: *"A mulher fica responsável pelo espaço doméstico os homens ficam com os espaços externos, de socialização e lazer"*, disseram.

A partir dessas reflexões, trouxemos que esse lugar apresentado nos depoimentos tem conceito, a qual chamamos de *"estereótipos de gênero"*, que apresentam como devem ser e comportar mulheres e homens. Através de algumas obrigações e privilégios diferentes, dados como verdade absoluta de maneira naturalizada na sociedade, esses estereótipos, são responsáveis pelas violações e violências de gênero.

Sobre violência de gênero, o grupo trouxe como exemplo o feminicídio (amplamente citado), ameaças, insultos, agressões físicas, abusos e estupro. Mas para além dessas que são marcas visíveis, propomos para o grupo a pensar outras características, que sustentam essa violência. Para isso utilizamos a imagem do *iceberg* da violência de gênero<sup>4</sup>, que foi desenvolvido pela Anistia Internacional e que foi inserida na cartilha *"Violência contra mulher Não é Normal - Cartilha para adolescentes"*, que tratou a violência doméstica (Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, 2022).

A partir da imagem, refletimos sobre as formas explícitas, da humilhação, chantagem emocional, culpabilização e as formas sutis, que são invisíveis, como a publicidade machista, humor machista, controle, invisibilização, linguagem sexista. Provocamos a pensar o quanto essas formas estão presentes no cotidiano escolar e o quanto o trabalho pedagógico precisa considerar esses aspectos, não somente os visíveis.

---

<sup>4</sup>Para saber mais, acesse: <https://amnistia.org.ar/de-las-opiniones-a-los-hechos-la-sociedad-percibe-un-avance-en-igualdad-de-genero-pero-en-la-practica-la-brecha-continua/>.

Lins, Machado e Escoura (2019, p. 63), destacam que essa é uma questão muito importante para educadoras e educadores:

Infelizmente, a violência de gênero não é um problema afastado do espaço escolar. Muito pelo contrário. E isso não se dá somente porque situações de violência também fazem parte do cotidiano de alunas, alunos, educadoras e educadores, mas porque a escola é o espaço que concebemos para estimular a reflexão, o aprendizado e o desenvolvimento de comportamentos mais compatíveis com a diversidade e a democracia. Situações em que mulheres e meninas estejam em desvantagem e tenham seus direitos violados não podem ser negligenciadas ou minimizadas pela escola. Muitas vezes, no espaço escolar, profissionais relatam dificuldades em lidar com essas questões e acabam optando por não interferir. Com isso, ao não combater preconceitos que geram discriminação e violência, a escola funciona como um lugar que reproduz desigualdades.

Com essa contextualização, relacionando o trabalho no PEI com Direitos Humanos e Diversidade, e com o aceno do grupo no entendimento das discussões apresentadas, iniciamos a conversa sobre as especificidades da diversidade sexual e gênero.

Retomando a ideia da construção do conceito de gênero ser algo histórico e cultural, que não é estático e válido para todas as sociedades, conversamos que no Ocidente, geralmente utilizam-se classificações simples para o sexo (masculino, feminino e intersexo), para a orientação sexual (hétero, homo, bi, andro, gine e assexual), identidade (masculina ou feminina, seja trans ou cisgênero, ou não-binária) e expressão de gênero (masculina, feminina ou andrógina), sendo as minoritárias ou marginalizadas reunidas sob a sigla LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, *queers*, pessoas intersexos, pessoa assexual e mais), que apresentamos utilizando para cada letra, as cores das suas bandeiras do movimento social (Jesus, 2012).

Por oportuno, entendemos como identidade de gênero a maneira como uma pessoa se identifica em termos de gênero, que pode ser masculino, feminino ou outra identidade de gênero não binária. Como orientação sexual, entendemos como a atração emocional, romântica ou sexual que uma pessoa sente em relação a outras pessoas, que pode ser heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, entre outras.

Ao perguntar sobre o que representava cada letra, houve maior facilidade para responder sobre as letras “G” e “L”. As letras “B” e “T” houve respostas corretas sobre o significado, mas não representou o acerto da maioria das pessoas participantes. As letras “Q”, “I” e “A” não houve referência correta sobre o significado, sendo mais ouvido as respostas “*não sei*”, “*essas letras são difíceis*”, “*existem essas também?*”.

Seguindo as perspectivas das e dos estudantes, levantadas no grupo focal, no sentido de que “*para professores entender precisa desenhar e explicar com calma*”, as composições básicas da identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e expressão de gênero foram apresentadas utilizando quatro manequins, que já estavam dispostos à frente, desde o início da apresentação.

Inicialmente explicamos, que por mais que existam quatro categorias, todas elas estão relacionadas, o que resulta em uma grande diversidade, que não contempla todas as pessoas, indicando que novas possibilidades de vivências surgem e se afirmam.

O primeiro manequim estava com a descrição “*IDENTIDADE DE GÊNERO*”. Ao perguntar às pessoas participantes, quais as identidades elas conheciam, a resposta que mais foi pronunciada foi: “*homossexual*”, “*heterossexual*”, “*homem*”, “*mulher*”. Compartilhamos então, colando no manequim, através de tarjetas, que as identidades básicas conhecidas são “*cisgênero*” e “*transgênero*”, sendo a primeira formada por pessoas que se reconhecem no gênero atribuído ao nascimento e a outra formada pelas pessoas que não se reconhecem, entre elas as mulheres transexuais, homens trans, travestis, pessoas *não-binárias*, e outras. Por conta desse entendimento, foi solicitado por uma participante que refizéssemos a pergunta, sobre quais seriam as pessoas que se identificavam como sendo cisgênero, que anteriormente apenas seis se manifestaram e agora todas as pessoas presentes levantaram a mão.

Dentre as identidades, foi consenso com o grupo, de que as identidades transgêneros são as que mais sofrem violações na sociedade, inclusive na escola. Ao perguntar sobre quais seriam essas violações na escola, foram citadas “*proibição do uso do banheiro*”, “*não respeitar o nome social*”, “*bullying*”, “*evasão*”.

No segundo manequim foi apresentado a descrição “*SEXO BIOLÓGICO*”. Ao perguntar quais seriam os que o grupo conhecia, a maioria das respostas esteve entre “*homem*”, “*mulher*”, “*masculino*”, “*feminino*”. Ao referirem as duas últimas respostas,

dissemos que estavam certos, mas que faltava uma outra indicação, que o grupo não soube responder. Depois de alguns minutos, como não houve a resposta, indicamos a tarjeta “*intersexual*”, termo desconhecido para a maioria das pessoas presentes, inclusive para as e os estudantes que participaram do grupo social.

Conversamos sobre a intersexualidade, que vem sendo discutida muito recentemente, como uma definição ampla para descrever uma variedade de condições da anatomia sexual, reprodutiva, hormonal ou genética de uma pessoa. O que nos faz pensar, inclusive quando se discute do ponto de vista biológico, para além dos padrões clássicos masculinos ou femininos. Uma participante perguntou se é a mesma coisa que “*hermafrodita*”. Explicamos que por conta do termo ser pejorativo, não mais o utilizamos, e que intersexual é a definição mais precisa para essas características.

No terceiro manequim apresentamos a descrição “ORIENTAÇÃO AFETIVO SEXUAL”. Ao perguntar quais seriam as possibilidades mais conhecidas o grupo trouxe como resposta “*heterossexual*” e “*homossexual*”, apresentando conhecimento do que se tratava. Também houve a resposta “*transexual*”, a aproveitamos para dizer que não se tratava de uma orientação afetiva sexual, mas sim de uma identidade.

Trouxemos que, para além das duas já conhecidas, existem as orientações relacionadas a bissexualidade e a assexualidade, sendo a primeira a atração romântica/sexual voltada tanto para homens quanto para mulheres, ou por mais de um sexo ou gênero e a segunda, como sendo a falta total, parcial ou condicional de atração sexual a qualquer pessoa, independente do sexo biológico ou gênero.

Interessante em relatar que, ao falar de sexualidade, ou de sexo de maneira indireta, nota-se que o grupo fica mais risonho, demonstrando sinais de timidez, mas ao mesmo tempo, de interesse pelo assunto.

No quarto manequim apresentamos a descrição “EXPRESSÃO DE GÊNERO”. Ao perguntar ao grupo quais conheciam, não houve resposta. Algumas frases ouídas foram: “*essa eu não sei*”, “*essa eu nem sabia que existia*”. Explicamos que a expressão de gênero compõe a identidade de uma pessoa, sendo ela a parte externa, visível de como se apresenta socialmente. Entram nesses aspectos, as roupas utilizadas, adornos, cortes de cabelo, comportamentos, etc.

Explicamos que as maneiras mais conhecidas de expressão de gênero, são masculina, feminina e a andrógena. As expressões masculinas e femininas não

precisaram de tantas explicações, já a última sim. Trouxemos que é a uma expressão que busca fugir da ideia de masculina e feminina, da concepção binária de se expressar, e que não se trata de uma ausência de uma ou outra, mas uma presença transgressora de se expressar.

Uma participante da formação disse *"quando olhava alguns alunos vestidos com roupas diferentes, sempre achava que eram alunos que de alguma forma poderiam ter algum problema de saúde mental, mas que agora vou olhar de maneira diferente, porque eles podem estar se expressando de maneira andrógena"*.

A reflexão da professora, ajudam a pensarmos sobre os corpos presentes na escola, e a maneira como são reconhecidos e respeitados (ou não). O corpo é ele mesmo uma construção social, cultural e histórica, conforme apresenta Silvana Goellner (2018, p. 31):

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que deles se produz, as máquinas que neles se acoplam, os sentidos que neles se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, o significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Finalizando essa parte, dissemos que a ideia ao conhecer essas definições, não é para formar especialistas em *"definidores de identidades de estudantes"*, mas sim, que saibam que existem essas definições distintas, de corpos distintos, estão presentes na escola e que as conhecer é o primeiro passo para respeitá-las.

Ao retornarmos do intervalo do café, retomamos a diretriz do SENSIBILIZAR, apresentando uma reflexão que pautou nossa discussão no segundo período: *Pedagogia da Presença ou Pedagogia da Ausência?*

A Secretaria da Educação de São Paulo, através do Programa Escola Integral, apresenta em seus documentos orientadores o princípio de "Pedagogia da Presença, como sendo:

Um princípio importante em uma concepção de Educação Integral que deve orientar as ações dos profissionais da escola é a pedagogia da

presença. Segundo o texto *Adolescer é Crescer* (Costa, 2001) “estar presente” é mais do que “estar perto”, é fazer com que a sua presença na vida do outro seja afirmativa, de modo que o estudante compreenda o sentido de sua vida, que agregue sentido aos estudos, à convivência, à colaboração, à solidariedade, aos valores e à profissionalização. A presença educativa é uma presença intencional e deliberada. Tem a intenção de exercer no outro uma influência construtiva, estar próximo, estar com alegria, sem oprimir nem inibir; sabendo afastar-se, no momento oportuno, encorajando a crescer e a agir com liberdade e responsabilidade (Secretaria Estadual da Educação, 2020, p. 6).

Partindo desse ponto, provocamos o grupo a pensar sobre onde é que a *pedagogia da ausência* tem sido mais frequente e com quais estudantes essa ausência tem sido mais rotineira. Refletimos que, por mais que a escola seja um lugar de alcance da inclusão, é local de muita exclusão e violência, e que silenciar as vítimas ou desconsiderar a ocorrência de discriminação, não ajuda em nada para esse alcance inclusivo de fato; ao contrário, apresenta legítimas violações e silencia as pessoas violadas.

A partir disso, apresentamos alguns dados de pesquisas e reportagens que tratam o tema. Entre elas, o estudo sobre o ambiente educacional com adolescentes e jovens LGBT no Brasil apresentado pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), que aponta que cerca de 60% dos jovens homossexuais sentem-se inseguros na escola; 73% afirmaram já terem sido agredidos verbalmente na escola, e 36% que foram agredidos fisicamente. A pesquisa demonstra que mais da metade dos jovens que sofreram esse tipo de violência não relataram os episódios à escola, por medo de agravar ainda mais a discriminação, sendo um dos motivos, a falta de preparo de professoras e professores e funcionárias e funcionários (Tathi, 2006).

Apresentamos trechos de algumas reportagens que discutiram a temática nos últimos anos, entre elas a que aponta que o Brasil está há 13 anos no topo da lista do país que mais mata pessoas trans no mundo, em que a cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada, sendo que 82% das vítimas são pretas e pardas, 80% dos casos houve crueldade com carbonização, decapitação ou apedrejamento (Pinheiro, 2022).

Araújo, Cruz e Dantas (2018), reuniram pesquisas que nos fazem repensar o currículo que estamos utilizando e o que pretendemos utilizar, tendo em vista os

processos de violências presentes nas escolas. Os autores destacam pesquisas realizadas pela UNESCO (2004)<sup>5</sup>, Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (2009)<sup>6</sup> e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (2009)<sup>7</sup>, a qual elaboramos um quadro com esses dados:

Tabela 2 — Pesquisas relacionadas a violência nas escolas

| <b>Pesquisas</b>                                                                                                                                                              | <b>Estudantes</b>                                                                              | <b>Professores</b>                                                                                                                      | <b>Família</b>                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| Juventudes e sexualidade (UNESCO, 2004) - 241 escolas públicas e privadas em 14 capitais brasileiras.                                                                         | 39,6% do sexo masculino não aceitariam ter colegas de classe homossexuais;                     | 60% afirmaram não se sentirem preparados para lidar com a questão da homossexualidade em sala de aula;                                  | 35,2% não gostariam que seus filhos cultivassem colegas homossexuais; |
| Revelando tramas, descobrindo segredos (Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, 2009), com 10 mil estudantes e 1.500 professores no Distrito Federal.                | 44,4% dos meninos e 15% das meninas não gostariam de ter colegas homossexuais na sala de aula. | 63,1% testemunharam casos de preconceito contra pessoas homossexuais nas escolas e mais da metade já presenciou cenas discriminatórias; |                                                                       |
| Preconceito no ambiente escolar (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 2009), com uma amostra nacional de 18,5 mil alunos, pais, diretores, professores e funcionários. |                                                                                                | 87,3% revelaram que possuem algum tipo de preconceito relacionado à orientação sexual.                                                  |                                                                       |

Fonte: Adaptado de Araújo, Cruz e Dantas (2018).

<sup>5</sup>Para saber mais, acesse: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133977>.

<sup>6</sup>Para saber mais, acesse: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/cla-3135>

<sup>7</sup>Para saber mais, acesse: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade\\_apresentacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf)

Todas essas vivências e sobrevivências, nos fazem pensar, para além de uma “*pedagogia da ausência*”, mas uma “*pedagogia da crueldade*”, conforme apresentado por Rita Segato (2014). Para a autora, a truculência é vista como a única forma de exercer controle sobre territórios e corpos, inclusive tratando os corpos como territórios. A pedagogia da crueldade é inerente e inseparável de todas as formas de violência de gênero, e é utilizada como estratégia para reproduzir o sistema, ao aplicar a crueldade nos corpos.

Enquanto na primeira parte, as e os participantes expressavam-se mais descontraídas e descontraídos, nessa segunda parte, a discussão sobre as violências e violações de maneira mais direta, trouxe uma grande seriedade no grupo, apresentando posturas mais introspectivas, vozes mais pausadas no decorrer das falas e relatos emotivos.

Seguindo com a sensibilização do grupo, realizamos uma atividade que discutiu algumas situações específicas através de casos fictícios. Os casos foram construídos antecipadamente, contaram com relatos de pessoas próximas, com a experiência profissionais nas escolas, com experiências de outras e outros colegas professores, do contato permanente com as juventudes estudantis e com inspiração “*nas andanças em terrenos de aprendizagem e do exercício poético e teórico da imaginação*”<sup>8</sup> do pesquisador.

Para cada trio gestor da escola, foi entregue uma folha impressa com um depoimento, com a orientação de que pudessem ler com calma, refletir sobre o que mais havia chamado a atenção; quais as violações em Direitos Humanos, presentes no relato; e o que as escolas podem fazer para prevenir situações como a relatada. Nessas reflexões, orientamos para que não utilizassem nome de qualquer pessoa, ou retomassem casos reais conhecidos, pois o que interessávamos nesse ponto era justamente a reflexão que a situação poderia nos causar.

Depois de quinze minutos de leitura e conversa e após os grupos sinalizarem que haviam concluído a reflexão, iniciamos momento de compartilhamento com todas as e todos os participantes, dos depoimentos, bem como as opiniões das equipes que

---

<sup>8</sup>Parafraseio aqui a expressão utilizada pelo professor Ramon Fontes, no Curso Especialização em Gênero e Sexualidade na Educação, módulo Pedagogias Transgressoras, da UFBA. Sempre penso nesse lugar poético que articula nossos saberes, e ao ouvir, entendi que ela representa o movimento realizado para essa construção.

refletiram nos sete casos diferentes. Para cada reflexão, foi realizada a leitura prévia do depoimento por alguma ou algum participante.

O primeiro depoimento apresentou o seguinte relato:

Para mim a sétima série foi a mais traumática. Eu era o que tinha "fama" de ser a 'bichinha' desde o fundamental. Como era cidade pequena acabava sendo as mesmas pessoas nas turmas e todo mundo se conhecia. Na sétima eu fui estudar a tarde, ficando numa sala onde não conhecia e não tinha amizade com qualquer estudante da turma, pois os que eu conhecia, estudavam de manhã. Nessa nova turma já tinha um grupo de meninos que particularmente gostava e se fazia rindo e humilhando quem eles pudessem. Na sexta série eles já me encheram bem, mas como eu estava com pessoas que eu conhecia, amenizava um pouco. Quando fiquei sozinho, e na mesma sala deles todos, aí a coisa mudou. Virei o alvo favorito, os gritos de *viado*, e as piadas direcionadas eram coisa do dia a dia. No intervalo, ficava na biblioteca para também fugir deles. Eu procurava ir para a aula no horário mais apertado possível antes do fechamento do portão para não ter que ficar exposto a eles no pátio. A casa da minha tia ficava bem ao lado da escola, e eu passava lá todos os dias. A entrada era às 13h00, então eu saía da casa dela 12h55. Um dia, na hora da saída, esses meninos estavam na grade da quadra virados para a rua e começaram a gritar em coro "ei XXXX *viado, bichinha, baitola*". Todos que estavam na quadra ouviam, todos os funcionários da escola ouviam, qualquer um na rua ouvia. Na busca por um apoio, olhei para professores que estavam entrando e saindo da escola. Eles fingiram que não ouviram, tive a impressão de que alguns acharam engraçado e sorriram. Foi a maior humilhação que senti na minha vida. (Elaborado pelo autor, 2023)

Após a leitura compartilhada, dialogamos sobre a situação. Inicialmente, perguntamos se esse caso se tratava somente de um relato ficcional, ou se pela vivência que tinham, isso poderia ter acontecido na escola que trabalhavam. O grupo trouxe que *esse é um relato que pode acontecer ou ter acontecido nas escolas da região*. Ao perguntarmos sobre o que mais havia chamado a atenção no depoimento, as respostas que mais apareceram foram: *“os xingamentos”, “o medo da escola”, “falta de apoio/intervenção de professores”, “a escola como um lugar de sofrimento”, “o bullying sofrido durante anos”*.

Discursos depreciativos das homossexualidades, estiveram presentes na história, através dos discursos religiosos, como pecado; médico-científicos, como

doença; jurídicos, como crime, e outros que reforçaram a discriminação sexual e de gênero, produzindo estigmas e naturalizando o controle a partir da violência.

Além desses aspectos, Quinalha (2022, p. 34), destaca:

Chamados de anormais, pervertidos, doentes, criminosos, desviantes, bichas, “homens femininos demais” e “mulheres masculinas demais” foram identificados, classificados e catalogados pelo dispositivos de poder, desde formas mais sutis disciplina, muitas delas pretensamente “científicas” até os modos mais crus de violência.

Sobre as violações em Direitos Humanos, presentes no relato, trouxeram como respostas: *“a negação da educação”, “a falta da dignidade, da liberdade”, “a discriminação”*. Aproveitamos para inferir, que o processo de violência contra pessoas LGBTQIA+ está fortemente relacionado com a ideia de desumanização. Os xingamentos estão voltados para o lugar de *“coisificar”* ou *“animalizar”* em uma ideia de retirar a humanidade e por consequência, os direitos humanos que possuem.

Sobre o que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa, as respostas que apareceram foram: *“dialogar sempre com professores sobre o assunto”, “fazer formação”, “trabalhar o tema com estudantes”, “fazer um trabalho com o grêmio estudantil”*. Nesse ponto, relacionamos que a ideia de uma *“trans\_ formação continuada”* precisa, para além da constatação, a ação da escola, tanto do ponto de vista para os casos de violação como para a articulação de ações preventivas durante todo ano letivo.

O segundo depoimento apresentou o seguinte relato:

Eu não sou lésbica, mas já sofri violência por um professor, que achava que eu era. Eu adorava a matéria dele, mas depois que ele passou a ser professor, passei a odiar. Procurava faltar de propósito quando tinha aula com ele, ou sempre pedia para ir embora antes da aula dele começar. Ele mudava a voz para chamar meu nome na chamada, e sempre dava uma risadinha no final. Sempre me chamava de *“piação”*. Uma vez, eu estava de boné na escola, ele disse que eu tinha que guardar, porque naquela escola era proibido usar boné. Perguntei por que os meninos podiam usar, ele disse que os homens eram mais livres mesmo e que as meninas tinham que aprender a se comportar desde cedo para não fazer *“feiura”* na rua (Elaborado pelo autor, 2023).

Durante a leitura do último parágrafo do relato, houve demonstração de indignação, especialmente por parte das mulheres que ainda não conheciam o texto. Não houve pessoa que manifestou entender que esse era um relato ficcional e que estivesse longe da realidade. Ao perguntar sobre o que mais havia chamado a atenção no depoimento, as respostas que mais apareceram foram: *“a diferença de tratamento entre meninos e meninas”, “a ideia de controlar as vestimentas de mulheres”, “o lugar do controle dos corpos de mulheres”, “o preconceito/postura do professor”, “como a relação violenta prejudica o interesse acadêmico”,* e novamente apareceu a ideia da *“escola como um lugar de sofrimento”*.

A partir da indignação relatada, conversamos sobre como a diversidade sexual e de gênero atravessa as relações sociais de professoras, gestoras, não somente de estudantes. Nesse diálogo, houve depoimentos das participantes sobre tripla jornada de trabalho, a *exclusividade das mulheres sobre os afazeres domésticos e cuidados dos filhos, o lugar do lazer, que é predominantemente masculino*.

Sobre as violações em Direitos Humanos, presentes no relato, trouxeram como respostas: *“a negação da educação e a discriminação”* e *“o preconceito por gênero”* e *“a violência contra mulher”*. Aproveitamos para inferir, que precisamos olhar sobre as práticas pedagógicas escolares e entender como e quando é que elas controlam corpos e quais são os corpos controlados, pois esse lugar pode ser uma violação das garantias fundamentais e contribuir para a expulsão de estudantes da escola.

Pensando sobre o como as escolas podem fazer para prevenir situações como essa, as respostas que apareceram foram muito parecidas com as anteriores: *“dialogar sempre com professores sobre o assunto”, “fazer formação”, “trabalhar o tema com estudantes”*.

O terceiro depoimento apresentou o seguinte relato:

Quando estava no 1º ano do Ensino Médio, no primeiro dia de aula, na hora do intervalo, teve uma briga. Eu e as minhas amigas corremos para o fervero. Tinha um menino apanhando de três outros alunos do 3º ano. O pessoal da escola separou rapidamente. Foram todos para a diretoria e na conversa com a diretora, ela o aconselhou a não usar esmalte nem maquiagem para vir para a escola. E disse que a meia soquete rosa não era roupa de *“hominho”*. Para ele parar de apanhar ele tinha que *“fazer a parte dele”*, que era se vestir do jeito *“certo”*. Ele acabou saindo da escola, e acho que a escola gostou que ele tivesse saído, porque nunca foram atrás dele (Elaborado pelo autor, 2023).

Após a leitura compartilhada houve manifestação de indignação por parte das pessoas participantes. Novamente perguntamos se esse caso se tratava de um relato ficcional, ou se pela vivência que tinham da escola, isso poderia ter acontecido na escola que trabalhavam, e o grupo trouxe de maneira unânime que esse é um relato real.

Ao perguntar sobre o que havia chamado a atenção no depoimento, as respostas que mais apareceram foram: *“a inversão da punição”, “culpabilização da vítima”, “a ação por falta de conhecimento”, “falta de apoio/intervenção da gestão”, “a escola como um lugar de sofrimento”, “a evasão escolar”, “a falta da busca do estudante”*.

Sobre as violações em Direitos Humanos, presentes no relato, trouxeram como respostas, novamente a ideia da *“negação da educação, da dignidade, da liberdade”, “a falta da segurança”, “a violência física”*. Aproveitamos para inferir, que grande parte das violações não são físicas, mas ocorrem de maneira subjetiva e silenciosa, o que traz a necessidade para que a equipe escolar uma atenção e vigilância permanentes.

Sobre o que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa, as respostas que apareceram foram: *“realizar um processo formativo com professores, gestores e estudantes sobre o tema”, apareceu o trabalho com estudantes do grêmio estudantil”*.

O quarto depoimento apresentou o seguinte relato:

Tinha um professor na minha escola, que havia vindo de outra cidade. No dia da reunião de planejamento, logo após ele ter se apresentado, três professores que já eram bem conhecidos por posturas machistas, cochicharam: *“Essa Coca aí é Fanta, né?”*. Com o passar do tempo, começaram a mandar figurinhas, caçoando dele, em grupos que ele não estava. E foi assim durante todo ano. Ele não podia abrir a boca para falar nada, já faziam piadinhas sobre o jeito que ele se vestia, a forma como falava, e as gargalhadas apareciam. Eu fico muito envergonhada, porque eu via e ouvia e fingia que não estava acontecendo, e não fazia nada. Depois entendi que a minha dificuldade também era pessoal. Eu tinha uma pessoa em casa, muito parecida, e eu fingia que isso não acontecia. Fico muito envergonhada quando lembro disso. Mas fico mais consciente que hoje sou um ser humano melhor, e isso tem refletido com meus alunos (Elaborado pelo autor, 2023).

Enquanto a leitura foi sendo realizada, alguns cochichos entre as pessoas participantes foram presentes, remetendo a ideia de uma relação a alguma situação parecida entre o caso lido e o cotidiano vivenciado. Após a leitura questionamos sobre essa percepção, e houve concordância das pessoas participantes. O grupo trouxe que esse é um relato que pode acontecer ou ter acontecido nas escolas da região, e que as *“brincadeiras”* presentes entre colegas são *“marcadas por muito preconceito e muita discriminação”*. Ao perguntar sobre o que mais havia chamado a atenção no depoimento, as respostas que mais apareceram foram: *“falta de acolhimento entre professores”*, *“professor que deveria ser exemplo de respeito, muitas vezes é o que mais discrimina”*, *“falta de coragem para acabar com o ciclo a piadinha”*, e novamente a ideia *“da escola como um lugar de sofrimento”*.

A partir dessa percepção, conversamos sobre o trabalho inclusivo na escola, que precisa considerar as vivências e conhecimentos de professoras e professores, pois precisam estar bem-preparadas e bem-preparados e seguras e seguros para que as violações sejam interrompidas e uma nova cultura inclusiva seja presente no cotidiano do trabalho.

A discussão de gênero está baseada a partir da centralidade da linguagem, em seu sentido amplo, como *lócus* de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder (Meyer, 2018).

Sobre as violações em Direitos Humanos, presentes no relato, trouxeram como respostas: *“o impedimento para o exercício do trabalho”*, *“a falta da dignidade, da liberdade”*, *“o preconceito e a discriminação”*. Aproveitamos para inferir, que professoras e professores LGBTQIA+ podem contribuir com o conhecimento, mas que não são as únicas ou os únicos responsáveis pela discussão do tema no espaço escolar. Sobre o que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa, as respostas que apareceram foram: *“realizar formação durante todo ano letivo sobre o tema”*.

O quinto depoimento apresentou o seguinte relato:

Quando criancinha, queria brincar com boneca, de casinha, e sempre era impedida. Adorava quando tinha milho na roça porque eu consegui brincar escondida, imaginando que aquela espiga fosse uma boneca. Ir para a escola era um sonho, mas que aos poucos foi virando pesadelo. Tinha medo das aulas de educação física, tinha medo do recreio, tinha medo de entrar na fila do lanche. Odiava aquelas

competições meninos contra meninas. Na sétima série, chamei a professora que eu mais gostava para contar para ela que eu me sentia diferente e que achava que eu era trans. A professora ficou bem nervosa, disse que eu estava *“espiritualmente doente”*. Eu não tinha entendido o que aquilo significava. No dia seguinte, meu pai e minha mãe foram chamados na escola. Eu não participei da conversa. Quando cheguei em casa, apanhei do meu pai com um cabo de vassoura. Ele disse que não tinha criado filho para dar desgosto. Por causa dos arranhões, fiquei uma semana sem ir para a escola. Depois disso, todos os dias eu fui para a escola com medo. Eu odiava a escola e sentia que meus professores também me odiavam (Elaborado pelo autor, 2023).

Após a leitura compartilhada com todas as e todos os participantes, dialogamos sobre a situação. Esse foi o relato que causou maior comoção entre as pessoas participantes. Algumas delas demonstraram estar bastante emocionadas, com semblante triste e com lágrimas no rosto.

A situação, foi entendida pelo grupo de ter acontecido ou ser possível de acontecer nas escolas da região. Ao perguntar sobre o que mais havia chamado a atenção no depoimento, as respostas que mais apareceram foram: *“a violência”*, *“a quebra da confiança entre a professora”*, *“a falta de informação dos pais”*, *“não saber lidar com a situação”*, *“falta de acolhimento”*, *“o medo da escola”*, *“a escola como um lugar de sofrimento”*.

Sobre as violações em Direitos Humanos, presentes no relato, trouxeram como respostas: *“todos os direitos humanos”*, *“negação da educação”*, *“a falta da dignidade, da liberdade”*, *“a discriminação”*.

Aproveitamos para dizer que o processo de violência contra pessoas LGBTQIA+ não acontece somente na escola, e que está estruturado na sociedade, a qual a família faz parte. A escola precisa estar atenta que a família nem sempre é o apoio para a inclusão, mas que o contrário, a escola pode ser esse lugar para contribuir no alcance de posturas inclusivas das famílias. O que para isso, exige uma ação intencional, focada no combate ao preconceito e a discriminação com as pessoas responsáveis.

Como afirma Quinalha (2022, p. 22),

Diferentemente de outros grupos vulnerabilizados, em geral as pessoas LGBTI+ não conseguem encontrar um acolhimento no seio familiar diante dos preconceitos que enfrentam na vida fora de casa.

O lar, em vez de refúgio e segurança, é o lugar da violência mais insuportável, posto que radia da pelas pessoas com quem temos uma conexão afetiva maior ao menos nessa fase da vida.

Sobre o que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa, as respostas que apareceram foram: *“além da formação com professores, formação com as famílias sobre o tema”*.

O sexto depoimento apresentou o seguinte relato:

Minha escola sempre foi muito tranquila. Tive a sorte de ter os melhores professores do mundo. Não lembro de ter sofrido nenhuma violência lá. Mas uma vez, nossa escola participou dos jogos escolares e eu entrei no time de futsal feminino. Eu era muito boa e gostava demais quando entrava na quadra. Me sentia a melhor pessoa do mundo. Fomos passando de fase nos jogos, até que em um determinado jogo, que era bem decisivo, estava 3x3, percebi que a torcida formada por alunos da escola adversária, fica gritando *“sapatão”* quando eu pegava na bola. Minha professora me acalmou e falou para eu não ligar com isso. Acabei fazendo mais dois gols e ganhamos por 5X3. Na saída, minha alegria pela vitória perdeu espaço para a fala de um professor da outra escola, que disse que no próximo ano quebraria a minha perna e de *“todos machos-fêmeas”* do time. Fiquei chateada demais. Desisti inclusive de jogar as próximas fases dos jogos e nunca mais joguei futsal (Elaborado pelo autor, 2023).

A postura de indignação foi manifestada enquanto o relato foi lido. O grupo concordou que essa situação poderia ter ocorrido realmente e ao perguntar sobre o que mais havia chamado a atenção no depoimento, as respostas que mais apareceram foram: *“novamente a discriminação de professor”*, *“a ideia que a escola vai para além do espaço físico”*, *“falta de apoio/intervenção de professores”*, *“as brincadeiras de mal gosto”*, *“a violência presente de forma sutil”*. Por outro lado, a intervenção da professora que acalmou durante o jogo foi citada: *“a intervenção do professor faz muita diferença também para as coisas boas”*.

Sobre as limitações das aprendizagens e das experiências de vida de crianças e adolescentes ao pensarmos que certas coisas são próprias para meninas e outras para meninos, quanto prejuízo estamos tendo:

Por exemplo, quantas grandes jogadoras de futebol podemos ter perdido em nossas escolas a cada ano justamente porque as meninas são desencorajadas a praticar esse esporte, considerado “de

menino”? [...] Toda vez que uma menina tem menos incentivo para fazer algo considerado “de menino”, os estereótipos de gênero funcionam como um freio para todas as possibilidades de aprendizagem que poderiam delinear outro futuro para ela (Lins; Machado; Escoura, 2016, p. 19).

Sobre as violações em Direitos Humanos, presentes no relato, trouxeram como respostas as mesmas que haviam sido mencionadas anteriormente: “*a negação da educação e do esporte*”, “*a falta da dignidade, da liberdade*”, “*o preconceito e a discriminação*”. Aproveitamos para inferir, que o processo de violência precisa ser desnaturalizado de todos os espaços, inclusive nos externos à escola, como nos espaços esportivos. Destacamos que professores de outras escolas estavam na torcida e tinham o papel de interferir nos xingamentos ocorridos, e não os provocar.

Sobre o que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa, as respostas que apareceram foram relacionadas a *formação de professoras e professores e de trabalhar o tema com as e os estudantes*.

O sétimo depoimento apresentou o seguinte relato:

Eu tinha muitas dificuldades no início da pré-adolescência. Me sentia inadequada, e sempre estava tentando descobrir qual era meu problema. As vezes pensava que ninguém gostava de mim, e nem eu mesma. Sempre aparecia umas ideias tortas que me incentivavam a tirar minha vida. Até que um dia no 2º ano, uma professora perguntou se eu sabia o que era nome social. Eu disse que sabia sim, e ela me perguntou como eu gostaria de ser chamada. Foi a melhor coisa que aconteceu. Depois minha mãe foi à escola e assinou um papel e a chamada foi alterada. Nunca tive problemas nem com os professores e nem com os alunos. As tias da limpeza eram as que mais me tratavam bem, eu as adorava (Elaborado pelo autor, 2023).

Diferente das anteriores, o relato trouxe para os semblantes das pessoas participantes, ao invés da tensão, a demonstração de alívio através de sorrisos e acenos de concordância. Após realizar a leitura compartilhada, a professora que oralizou o relato, compartilhou sua experiência na escola, em que teve um estudante trans que solicitou a utilização do nome social, e que foi feito com muita tranquilidade e muito bem recebido pela família e pela escola. O relato da ação compartilhado pela professora foi aplaudido pelas demais pessoas participantes.

Lembramos que, chamar uma pessoa visivelmente feminina pelo nome masculino, nome civil recebido no nascimento, demonstra que a sociedade não aceita sua identidade e é mais uma forma simbólica de violentá-la (Lins; Machado; Escoura, 2016).

Conversamos sobre a importância da inclusão, que muito mais do que uma postura administrativa é uma postura política e pedagógica da escola, e a maior possibilidade de combater as violações em Direitos Humanos, seja no que se refere a negação da educação, da falta da dignidade, da liberdade, do preconceito e da discriminação, que a escola precisa materializar na formação de professoras e professores, gestoras e gestores e estudantes, durante todo ano letivo.

Finalizado esse ciclo de reflexões sobre as vivências LGBTQIA+, e fazendo conexão com o último relato sobre a utilização de nome social, compartilhamos algumas notícias que apresentavam o crescimento de matrícula com nome social tanto no país, e especialmente no estado de São Paulo, na rede estadual.

Com isso, apresentamos a Resolução SE 45, de 18 de agosto de 2014, que dispõe sobre o tratamento nominal de discentes transexuais e travestis, no âmbito da Secretaria da Educação. Apesar de ser uma resolução que completará uma década, no próximo ano, ainda havia gestores que não conhecia. Apresentamos ela na íntegra e destacamos alguns pontos, entre eles, que as escolas públicas da rede estadual de ensino devem assegurar o respeito aos direitos individuais e coletivos das e dos estudantes, e devem impedir quaisquer atos atentatórios ou discriminatórios contra transexuais ou travestis, no âmbito de sua atuação (São Paulo, 2014).

Explicamos que para além da garantia do tratamento pelo nome social de estudantes transexuais nos atos e procedimentos administrativos, a escola deverá promover, entre a comunidade escolar a divulgação das normas constitucionais e legais que asseguram os direitos da pessoa à inserção e à convivência pacífica, sem constrangimento de qualquer espécie e sem discriminação, respeitada sua identidade de gênero e orientação sexual.

Menos conhecida que a anterior, apresentamos a Resolução CNCD-LGBT n. 12 de 16/01/2015<sup>9</sup>, que estabelece parâmetros para a garantia das condições de

---

<sup>9</sup>O Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Trans, Queers e Intersexos, em 19 de setembro de 2023, revogou a Resolução 12/2015 e substituiu pela Resolução CNDP-LGBTQI nº 2, mantendo o texto anterior e ampliando os parâmetros sobre a garantia das

acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais – nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização (BRASIL, 2015).

A normativa além do reconhecimento administrativo, apresenta o direito ao tratamento oral exclusivamente pelo nome social, em qualquer circunstância; o uso de banheiros, vestiários e demais espaços segregados por gênero, quando houver, de acordo com a identidade de gênero, bem como outras garantias.

As pessoas participantes disseram que o conhecimento das legislações apoia diretamente para a realização de atividades na escola que envolvam a temática da diversidade sexual e gênero, e *ajudam a combater qualquer fala distorcida sobre o tema e trazem segurança para as e os profissionais trabalharem o assunto e lidar com a comunidade escolar, que muitas vezes é conservadora.*

Com essa constatação apresentamos outras legislações, que podem apoiar no conhecimento, na realização de ações, bem como na segurança para lidar com a comunidade escolar:

Quadro 4 — Legislações que subsidiam o trabalho com a temática

|                | Normativos                                                                                                                         |
|----------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Internacionais | Declaração Universal dos Direitos Humanos.                                                                                         |
|                | Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ODS 5 - Igualdade de Gênero.                                                              |
| Federais       | Constituição Federal de 1988.                                                                                                      |
|                | Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).                           |
|                | Conselho Nacional de Educação – Resolução nº 1 de 30/05/2013. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. |

---

condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais nos sistemas e instituições de ensino.

|           | Normativos                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|           | Lei Federal 12.852, de 5 de agosto de 2013 - Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. |
|           | Lei Federal n. 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática ( <i>Bullying</i> ).                                                                                                    |
|           | Decisão do Supremo Tribunal Federal pela criminalização da homofobia e da transfobia, com a aplicação da Lei 7.716/1989 - Em 13/06/2019.                                                                                          |
| Estaduais | Constituição Estadual de 1989.                                                                                                                                                                                                    |
|           | Lei nº 10.948, de 05/11/2001, dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual.                                                                                             |
|           | Resolução Seduc nº 18, de 8-3-2022 - Dispõe sobre o modelo do Estatuto-Padrão do Grêmio Estudantil.                                                                                                                               |

Fonte: O autor (2023).

No sentido de apoiar as referências das pessoas participantes, entregamos para cada escola, um exemplar impresso da cartilha “Diversidade Sexual e Cidadania LGBTI+” produzida pela Secretaria de Justiça e Cidadania de São Paulo, que apresenta mais informações sobre o que é Diversidade Sexual, LGTBfobia, direitos, principais marcos legais, detalhes sobre a Lei nº 10.948/2001, outras legislações e atos normativos e endereços úteis sobre serviços voltados para essa população, que podem ser instrumentos para apoiar o trabalho da escola e como material didático para ser utilizado na formação de professoras e professores e estudantes.

Aproveitando a apresentação de materiais, entregamos para cada escola o jogo “Direitos e Preconceitos” da Ong #MEREPRESENTA, que apresenta como proposta conhecer os alguns marcos históricos, dados e desafios da luta da população LGBTQIA+ no Brasil e propõe a geração de reflexões sobre as desigualdades através de 30 cartas que envolvem esses direitos e é apresentado em seu manual os modos colaborativo e competitivo, o mesmo que foi utilizado para a definição das prioridades com estudantes no grupo focal.

Em seguida, compartilhamos sobre a experiência do grupo focal realizado em uma das escolas da DER. Trouxemos que as e os jovens estudantes querem saber mais sobre a história do movimento LGBTQIA+ e as diferenças das identidades. Que

estão compromissados a aprender mais, e ter atitudes diferentes; e para não cometerem erros, sugerem a realização de palestras, rodas de conversas e eventos com a fala de pessoas LGBTQIA+ na escola, durante todo ano letivo. Para professoras e professores, gostariam que aprendessem mais sobre o assunto; tolerassem estudantes LGBTQI+, que tenham cuidado com os comportamentos e uso das palavras na sala de aula, evitando julgamentos, e que desenvolvam durante o ano letivo, com muito compromisso, ações que envolvam a temática.

Para ações pedagógicas, além das apresentadas pelas e pelos estudantes, algumas questões e proposições são feitas:

Por que não realizar com meninas e meninos um projeto pedagógico interdisciplinar que contemple debates, palestras e outras atividades sobre direitos, assédio sexual e autonomia das mulheres sobre seu corpo? Compreendemos que debater sexualidade com jovens é delicado e difícil. Contudo, não é o papel da escola justamente problematizar mentalidades e verdades pré-construídas? Abrir o diálogo para refletir sobre estereótipos de gênero significa conversar francamente sobre como naturalizamos certos comportamentos que geram desigualdade e violência. Para isso, devemos pensar em como transformar meninas e meninos. [...] Outra medida possível de ser tomada nas escolas é a atenção para piadas, acusações, fofocas e situações constrangedoras que envolvam pessoas LGBT. Mesmo que não haja na escola algum/a estudante identificado/a como LGBT, é recorrente ouvirmos comentários ou expressões que questionem a sexualidade de meninos mais delicados ou de meninas menos delicadas, ou seja, que não se enquadram nos estereótipos esperados para homens ou mulheres. Nesses casos, é sempre importante que as/os educadoras/es e a equipe técnica estejam atentas/os para essas demonstrações de discriminação e intervenham pedagogicamente (Lins; Machado; Escoura, 2016, p. 65 e p. 76).

Com essas falas, encerramos o encontro com as e os profissionais, agradecendo toda atenção e compartilhamento que foram realizados no espaço, e desejamos que a “*trans\_ formação*” possa ser *continuada* nas escolas em ações concretas, seja nos aspectos de formação com professoras e professores, gestoras e gestores e estudantes. Com isso, solicitamos que respondessem uma avaliação, sem identificação, através de uma pergunta bem simples: “*O que você aprendeu com o encontro?*”.

Quadro 5 — O que foi aprendido com o encontro

|          |                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| CONHECER | A diferença entre identidade de gênero e orientação sexual.                                                                                                                                                                                                         |
|          | Uma melhor compreensão sobre direitos humanos e as nomenclaturas. Parabéns, excelente trabalho.                                                                                                                                                                     |
|          | As nomenclaturas que não tinham conhecimento.                                                                                                                                                                                                                       |
|          | A formação foi riquíssima de muito aprendizado. Somente agradecer a grande colaboração para a minha aprendizagem.                                                                                                                                                   |
|          | Apreendi muito. O significado de cada termo de identidade de gênero. Enfim momento de muita aprendizagem em especial respeito.                                                                                                                                      |
|          | Aprender um pouco sobre identidade de gênero, orientação afetiva sexual, sexo biológico e expressão de gênero, porém acredito que ainda necessito de mais formações sobre o assunto.                                                                                |
|          | A minha falta de conhecimento sobre o assunto, sobre diversidade sexual, e o quanto tenho que aprender pois me senti ignorante diante da causa. Parabéns por seu trabalho.                                                                                          |
|          | A necessidade urgente de repensar nossa prática profissional no trato com a demanda do tema. Bastante importante e relevante o tema e os aspectos abordados foram tratados com propriedade e clareza. Parabéns! Que haja continuidade, ainda há muito que aprender. |
|          | Apreendi muito sobre o tema da diversidade, tirou muitas dúvidas. Gratidão!                                                                                                                                                                                         |
|          | Apreendi muito a respeito da diversidade sexual, gostaria de participar de novos encontros, pois o conhecimento transforma realidades e como educadores temos que buscar formação. Muito obrigada.                                                                  |
|          | Sobre as legislações que amparam bem como as questões da BNCC e currículo Paulista.                                                                                                                                                                                 |
|          | Como proceder para o uso do nome social e o conceito de diversidade sexual.                                                                                                                                                                                         |
|          | Diversidade de gênero, estereótipos de gênero, as formas que a sociedade impõe de como deve ser ou que espera que seja. Muito interessante e esclarecedora da forma que foi conduzida.                                                                              |
|          | Foi muito esclarecedora todos os momentos da apresentação! Foi excelente! Amei! Parabéns!!                                                                                                                                                                          |
|          | Esclarecimento sobre as siglas e o mais importante respeito em primeiro lugar.                                                                                                                                                                                      |
|          | Bastante assunto referente àquilo que foi previamente agendado. Poderia ser no período da manhã de forma mais dinâmica.                                                                                                                                             |
|          | Aprende as denominações da sigla tinha dúvidas ainda.                                                                                                                                                                                                               |

|              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|              | Sua fala foi muito esclarecedora. Tinha muitas dúvidas para entender sobre identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero. Gostaria que voltasse mais vezes. Um beijo! Gosto muito de você!                                                                                                                                        |
|              | Com certeza com você aprendi muito, pois ouvir você foi muito bom. Como sempre preparado para falar em público, sendo gentil com as pessoas. O conhecimento que compartilhou comigo e com os demais presentes foi um tema de suma importância e aprendi muito com você. Fico feliz em ver você brilhar e fazer parte da sua história!             |
| SENSIBILIZAR | A vida é um eterno aprendiz e sobre hoje o aprendizado foi muito o quanto repensar interagir nossas atividades, reflexão mesmo. Respeito a contextualização, aberto ao novo. Em prática no dia a dia não é fácil por isso essas orientações são de excelência.                                                                                    |
|              | Aprendi alguns termos que não conhecia, mas especialmente reforcei que todos somos iguais independente de qualquer coisa e que a palavra de ordem é respeito hoje e sempre! Adriano maravilhoso!                                                                                                                                                  |
|              | Entender que a escola é um espaço de confiança desde que seja construído de maneira consciente coletiva e responsável com foco e compromisso para com a inclusão. Educadores tem que sentir, não cometer crimes, transformar vidas. Gratos pela contribuição de maneira objetiva bem clara. Recado dado! Obrigada pelo início da transformAção! Ü |
|              | Que estes temas estão fixados no currículo Paulista e que mais do que ética temos que trabalhar de forma legal.                                                                                                                                                                                                                                   |
|              | Letramento de gênero. Impacto na formação para transformação e garantia dos direitos humanos. Reconhecer e compreender que há um problema institucionalizado e a necessidade de mudança. A inclusão vai além de resolução ou lei, mas de mobilização, formação e atitude.                                                                         |
|              | Aprendi sobre as siglas e como me tornar melhor e poder atender nossos alunos.                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|              | Variedade de termos da diversidade sexual e de gênero e que sou “ALIADA” pela profissão e pela vida pessoal mesmo. Esse termo pode fazer parte do trabalho com protagonismo.                                                                                                                                                                      |
|              | A dor não deve ser o centro da vida de ninguém, mas o respeito deve ser o centro das relações humanas.                                                                                                                                                                                                                                            |
|              | Formação de excelência! Tema que sempre será necessário para fortalecer de fato as mudanças de posturas tão urgentes. Parabéns, Adriano! Sucesso.                                                                                                                                                                                                 |
|              | Letramento. Informação, legislações e dados. Precisamos falar mais sobre. Que tenho um papel fundamental para a transformação na escola. Sou aliada às causas!                                                                                                                                                                                    |

|                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PROMOVER AÇÕES<br/>PREVENTIVAS</b> | A importância de trabalhar Direitos Humanos no cotidiano escolar. Compreensão das nomenclaturas. Informações claras sobre direitos humanos.                                                                                                                                                                                                      |
|                                       | Inclusão transforma! Requer intencionalidade pedagógica exige protagonismo. O preconceito precisa ser desnaturalizado!                                                                                                                                                                                                                           |
|                                       | A entender melhor as categorias e classificações do movimento LGBTQIA+ e a ser capaz de multiplicar na comunidade escolar onde estou. Ampliou meu olhar e o meu respeito a individualidade de cada um parabeno o palestrante pela condução do tema.                                                                                              |
|                                       | Muitos aprendizados no dia de hoje. Contribuiu demais para a formação da minha” pessoa”. Por isso saberei como ser uma pessoa melhor para ajudar outras.                                                                                                                                                                                         |
|                                       | Um pouco sobre as combinações; sobre o nome social oral algo que eu já fazia por respeitar a pessoa.                                                                                                                                                                                                                                             |
|                                       | Que precisamos nos comprometer com abordagem e tratamento digno e acolhedor aos nossos alunos, abrir espaços de escuta ativa e se comprometer na formação docente da equipe para conhecer a complexidade da questão e se preparar para garantir melhor cuidado e valorização do tema.                                                            |
|                                       | Sanaram dúvidas sobre diversidade cultural, informações claras. Tenho bagagem para formar a comissão dos direitos humanos e multiplicar na escola.                                                                                                                                                                                               |
|                                       | Aprendi que terei mais propriedade e embasamento para compartilhar os temas propostos com minha equipe escolar.                                                                                                                                                                                                                                  |
|                                       | Diferenciar e esclarecer conceitos referente à diversidade sexual; a legislação sobre as penalidades aplicadas à prática de discriminação em razão da orientação sexual; a questionar o outro sobre como ele gostaria de ser chamado; a vivenciar os 4 pilares.                                                                                  |
|                                       | Aprendi mais profundamente o que é diversidade sexual; a importância do respeito às diferenças; a tomar cuidado com os estereótipos de gêneros; a importância de formar os profissionais da escola quanto ao tema; levo a missão de formar todos para que o respeito seja realidade em nossa escola. Parabeno! Foi muito esclarecedor e valioso! |

Fonte: O autor (2023).

Para além desse instrumento, solicitamos que a supervisora que acompanhou todo o processo formativo, pudesse compartilhar um relato (e não um relatório formal/burocrático) sobre como avaliava a experiência. O texto compartilhado parte das vivências e percepções da supervisora e relaciona a discussão de diversidade, inclusão, reflexo, preconceito, protagonismo juvenil, direitos humanos, diversidade sexual, diversidade de gênero, com sua visão de mundo e sua transformação pessoal.

No relato, menciona que, embora sempre tenha convivido com pessoas de diferentes credos, religiões, etnias e orientações sexuais, nunca havia se aprofundado no tema da diversidade sexual. No entanto, após participar do encontro formativo, ela percebeu o quanto estava desconectada da realidade, a fez repensar seus modelos mentais, despertar do "*profundo sono entorpecedor*", e se conscientizar sobre sua ignorância nos assuntos relacionados à diversidade e a posicionar a combater o preconceito.

Citando diretamente seu depoimento:

Quando somos obrigados a nos posicionar diante do mundo, começamos a repensar nossas atitudes, nossos atos e a refletir sobre como procuramos enquadrar o que tem diferentes formas, unificar o que é múltiplo, singularizar o que é complexo, acinzentar o que é colorido, matar o que é para ter vida com abundância! (Souza, 2023, p. 1).

Essa reflexão revela a transformação pessoal que vivenciou ao confrontar suas próprias limitações e se comprometer com uma postura mais inclusiva e respeitosa. No texto, disponibilizado na íntegra no Anexo C desse trabalho, ainda destaca a metodologia utilizada, que incluiu diálogos, análise de casos reais e recursos audiovisuais para despertar o interesse e conscientização das pessoas participantes e avalia que a formação foi bem-sucedida, despertando a sensibilização das pessoas participantes e gerando o desejo de expandir seus conhecimentos e promover transformações em suas práticas educacionais.

Outro depoimento recebido, foi da professora especialista em currículo, que trabalha na DER e acompanha os Projetos Especiais, entre as quais está o Grêmio Estudantil e a temática da EDSG. A professora que apoiou como pesquisadora auxiliar, no grupo focal, e como articuladora na formação realizada com as equipes gestoras, destacou como "*momento ímpar e experiência linda*" e disse que serviu para ser replicada em outros espaços. Observou que "*os adultos são resistentes, mas quando traz para a roda de conversa com estudantes fica tudo mais fácil, e eles dão uma lição de vida para nós*".

Sobre a *trans\_*formação com as equipes gestoras, uma participante relatou que "*as oficinas, o diálogo aberto, trouxeram a temática com leveza desmistificando mitos e esclarecendo com a legislação. Posteriormente a atividade, acompanhei em visitas*

*às escolas a participação de jovens e professores debatendo o tema LGBTQIPN+ e muitos gestores compartilharam conosco ações realizadas em suas escolas. Isso fortalece o respeito e a importância do outro, refletindo na ideia de que por trás de cada letra da sigla, existe um ser humano buscando seu espaço e lugar nesse universo".*

Da mesma maneira que iniciamos essa dissertação, retomando a noção do conceito de diversidade sexual e gênero ser algo construído e aprendido culturalmente e socialmente, devemos pensar que as relações de violências e violações também são aprendidas.

Se essa construção ocorre a partir da aprendizagem, a “*desaprendizagem*” é um caminho teórico possível para repensarmos esses espaços. Djalma Thürler (2019) aborda a abertura proporcionada por esse cenário para discutir “desaprendizagens” e desafia a reconsiderar a dinâmica das relações culturais contemporâneas. Ele propõe um debate que incita a reflexão sobre a refundação de uma sociedade viável, sob a ótica de um pensamento *fronteiriço-queer*. Esse debate é produtivo para compreender os efeitos da colonialidade do saber e as diversas direções trilhadas por muitas pesquisadoras e muitos pesquisadores no diálogo com saberes diversos, provenientes de diferentes mundos e conhecimentos, contribuindo assim para a construção de novos saberes (Thürler, 2019).

No sentido de contribuir com essa construção, o autor aponta caminhos, que entendemos que cabem para experiência escolar relacionada com a educação para a diversidade sexual e de gênero, seja do ponto de vista na relação com jovens estudantes, seja na relação com equipes gestoras.

Para o autor,

A esse respeito faz-se indispensável não apenas compreender como se dá a relação de dominação e exclusão, mas, também, consolidar ações emancipatórias e fomentar espaços para que caminhos de resistência voltados à emancipação, inclusão e fortalecimento das subjetividades sejam revelados. A isso chamamos decolonialidade, toda mudança de descolonização política (não-racista, não heterossexualmente patriarcal) deve suscitar uma desobediência política, epistêmica e estética (Thürler, 2019, p. 18).

De forma geral, podemos perceber que a decolonialidade, juntamente com a *Teoria Queer* e os estudos subalternos, podem ser entendidos como “saberes de

*desaprendizagem*" que representam rupturas com as convicções modernas baseadas na racionalidade e na produção de uma verdade absoluta, e podem ser caminhos para a visibilização das identidades subalternizadas na escola e para uma experiência docente de fato, emancipadora e inclusiva.

No sentido de contribuir com novas experiências docente, emancipadoras e inclusivas, transformamos os estudos de casos utilizados na intervenção pedagógica em um material de apoio, que pode inspirar outras ações pedagógicas e a escrita de novos depoimentos.

Os Estudos de Caso são histórias, depoimentos ou narrativas detalhadas baseadas nas situações reais que ocorreram em contextos educacionais. São abordagens criativas que podem ser usados como ferramentas poderosas para promover a aprendizagem e o desenvolvimento profissional, entender as complexidades e desafios da prática educacional, a tomada de decisão informada, e permitem avaliar suas próprias crenças, valores e práticas educacionais, promovendo maior autoconhecimento profissional.

Esperamos que essa ferramenta valiosa na formação de professoras e professores, promova a aprendizagem prática, reflexiva e colaborativa, estimule a realização de perguntas, expressão das opiniões, preparando-os para uma prática educacional mais eficaz e informada atenta às necessidades individuais, as próprias habilidades, desafios, estilos de aprendizado e experiências de vida, no sentido de apresentar melhor adaptação da abordagem de ensino e aumentar seu engajamento e motivação com a aprendizagem para atendê-las, e contribuindo para o entendimento das necessidades de jovens estudantes em relação à temática.

## 6 O PONTO DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

porque sempre dá pra desfazer e refazer  
e no fim  
não é erro,  
tudo é um processo gráfico  
(Alex Simões)

Recentemente conheci o trabalho do poeta Alex Simões, no poema “*Bordado Caótico*”, que me fez pensar sobre essa metáfora, associando o escrever essa dissertação a um bordado, a partir do desenho da pesquisa-ação. Assim como no bordado, onde as linhas se entrelaçam para contar histórias e criar padrões complexos, essa dissertação envolveu a conexão de diferentes ideias, experiências e conhecimentos para formar uma compreensão mais ampla do mundo, com diferentes pontos.

Toda a costura se deu a partir de muitos pontos da minha experiência, que vão para além da Sociologia: o trabalho com as diversas políticas públicas, especialmente com a escola pública, com as juventudes, com as leituras das produções acadêmicas, com as peças de teatro assistida, os musicais, com as aulas do mestrado, da especialização e das graduações, com os diálogos na praça, com as pessoas conhecidas e as desconhecidas, com as reuniões de trabalho, com as conversas dos almoços, com as séries, novelas e filmes assistidos (inteiros ou não), com a minha homoafetividade, com sofrimentos, alegrias, com o cansaço, a procrastinação, com pontos que articulam quase duas décadas de viagens a Marília, São Paulo, Salvador, Itaóca, Apiaí, Brasília. Pontos tão diferentes, para falar da diferença, ou melhor, costurar as diferenças.

Pontos costurados com maior precisão, me fizeram debruçar sobre os tabus no ambiente escolar, evidenciando os desafios enfrentados devido à sua naturalização na sociedade e suas consequências discriminatórias e segregadoras, o que trouxe para o desenho, a importância de tornar a escola um espaço propício para reflexões e debates, visando à promoção da diversidade e da liberdade de expressão.

A partir da experiência como professor de Sociologia em uma escola do interior de São Paulo, da identificação do interesse das e dos estudantes por questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, e costura de temas como preconceito,

discriminação, chego a esse bordado, no sentido de desenhar a promoção, reflexão e a desnaturalização dessas realidades desiguais.

As perspectivas que foram lidas na literatura de pensadoras e pensadores, pesquisadoras e pesquisadores (especialmente das mulheres) e as ouvidas no grupo focal e na intervenção pedagógica, representam cada ponto, corrente, violeta e haste, os diferentes aspectos do aprendizado e do crescimento. A ação de "*trançar em nós*" pode ser entendida como o processo de conectar informações para formar uma compreensão mais sólida sobre as perspectivas das e dos jovens estudantes.

Nesse percorrer das agulhas, foi possível aprofundar nas definições sobre sexualidade, gênero e orientação sexual, ressaltando sua complexidade e dimensões biológicas, mas principalmente as sociais, psicológicas, culturais e históricas. No movimento, de dentro para fora desse bordado, foi realizado um grupo focal em que conheci o entendimento das e dos estudantes do ensino médio sobre diversidade sexual e gênero onde puderam expressar suas opiniões, compartilhar suas experiências, demonstrando interesse nas discussões. E com base em suas perspectivas, apresentamos uma intervenção pedagógica relacionada ao tema com equipes gestoras de 25 escolas estaduais, ampliando o desenho desse bordado.

A menção das "*margaridas*" e da expressão "*malmequer, bem-me-quer*" sugere a ideia dos pontos encontrados nessa composição, dentro do grupo focal, em que as experiências relacionadas ao gênero e a sexualidade, possuem esse lugar dicotômico. O lugar do "*malmequer*" (que as vezes recebe *pingando mesmo assim o sangue no tecido/ não por acidente*) é o lugar que precisa ser o do "*bem-me-quer*", ou seja, a própria escola. Assim como nas pétalas das margaridas, onde uma escolha leva à próxima, as e os estudantes e professoras e professores, também fazem escolhas em sua jornada educacional, algumas das quais podem ser desafiadoras, sendo acolhedoras ou excludentes.

Foi identificado que a diversidade sexual não foi amplamente abordada na escola, em nenhum dos componentes curriculares, especialmente Sociologia, evidenciando a necessidade de uma maior atenção a esse tema. No grupo, estudantes sugeriram que disciplinas como História e Sociologia poderiam trabalhar a diversidade sexual de forma mais eficaz, enfatizando a importância de professores estarem bem-informados sobre o assunto. Além disso, a falta de materiais e livros didáticos que abordassem a diversidade sexual foi apontada como uma lacuna a ser

preenchida, destacando a importância de recursos educacionais adequados para promover a inclusão e o respeito à diversidade.

Os "*entremeios*" representam os lugares dentro do mosaico de identidades, experiências e perspectivas, onde estão as e os que desafiam as normas convencionais de orientação sexual e identidade de gênero: a população LGBTQIA+. São aquelas zonas intermediárias que unem elementos diferentes, criando uma intersecção singular de características que variam, não se encaixam nas tradicionais dicotomias de masculino/feminino ou heterossexual/homossexual. Em vez disso, habitam os espaços entre essas categorias.

As menções de "*virar o avesso*" e "*lê-lo vazio de sentidos*" podem representar a exploração mais profunda do conhecimento e a busca por uma compreensão mais completa, retomando a ideia da nossa intervenção pedagógica, na realização do que chamamos de "*trans\_ formação continuada*". Isso sugere que para romper com entendimentos equivocados e baseados em preconceitos e discriminações, professoras e professores, gestoras e gestores não devem apenas aceitar informações superficialmente, mas também questionar e analisar, buscando significados mais profundos.

Desenhar no tecido a "*trans\_ formação continuada*" para as equipes gestoras das escolas, representou um passo importante na disseminação do conhecimento sobre diversidade sexual e de gênero, bem como na construção de novas posturas por conta das e dos profissionais. A abordagem lúdica e a promoção do diálogo foram relevantes para sensibilizar e reconhecer os "*malmequeres*" presentes na escola.

As dúvidas e questionamentos levantados durante a formação evidenciaram a necessidade de mais esclarecimentos e orientações sobre como abordar a diversidade sexual e de gênero em sala de aula. As e os participantes manifestaram interesse em aprender mais sobre a temática e destacaram a importância do respeito e as estratégias eficazes para trabalhar o assunto.

Essa costura, entre grupo focal e a formação continuada, representou passos inspiradores na promoção da diversidade sexual e de gênero nas escolas públicas participantes, bem como em outras que serão impactados com as orientações da DER. Essas iniciativas aspiraram (e entendo que consegui) ampliar o entendimento das pessoas envolvidas, fortaleceram o respeito à diversidade e incentivaram a implementação de ações preventivas contra a LGBTIfobia. Esperamos que esses

esforços sejam contínuos e que sejam bordadas políticas educacionais mais abrangentes, a fim de garantir uma educação inclusiva e livre de preconceitos.

O poema também destaca que o bordado é um "*processo gráfico*", e assim como essa dissertação, buscou criar conexões e compreensões a partir de pontos individuais, que intitulamos nos capítulos, e unir experiências e conhecimentos diversos para criar uma compreensão da perspectiva de jovens estudantes, também resultou em outros processos gráficos, como roteiro para a realização de grupos focais sobre diversidade sexual e de gênero e compartilhamento dos casos trabalhados na intervenção pedagógica, para inspiração de outros estudos.

A realização da dissertação, através de todos os pontos aqui costurados, trouxe a proximidade ainda maior, das violências e discriminações enfrentadas por pessoas LGBTQIA+, especialmente no contexto escolar. Essas existências, ora patologizadas, ora invisibilizadas, ora inferiorizadas, não falam apenas, na busca pela garantia da aprendizagem, no acesso a conteúdo acadêmico aprofundado, na compreensão da *Fórmula de Bhaskara*, da *Teoria da Evolução de Darwin*, dos *elementos da Tabela Periódica*, das *noções de geologia*, ou do *conhecimento aprofundado das obras de Jorge Amado*, *Machado de Assis*, *Carolina Maria de Jesus* e tantas mais.

São estudantes, que devido as suas identidades, especialmente as suas diferenças, precisam enfrentar incontáveis barreiras físicas e subjetivas que aparecem diariamente, várias vezes ao dia, que envolvem comentários LGBTfóbicos, empurrões, socos, *cyberbullying*, impedimento de participar de grupos e eventos escolares, proibição de acesso a banheiros e vestiários apropriados, exclusão, isolamento, estigmatização, rejeições, problemas relacionados a saúde mental, e tantas outras mais, provocadas por colegas, professoras e professores, funcionárias e funcionários da escola, e até mesmo a própria família.

Nessa costura, da literatura com as perspectivas de estudantes, olhamos dentro e fora da escola, e percebemos que essa ideia de inferioridade produz controle e apagamento dos corpos LGBTQIA+, em que a hierarquia das mortes e das violências possuem mais força contra as pessoas trans. A escola é uma instituição que também possui a sua responsabilidade nesses apagamentos, se constituindo em um espaço de reprodução das normas de gênero e da cis heteronormatividade, muitas vezes perpetuando a intolerância.

As costuras entre os pontos, ajudaram a compreender que a escola precisa articular o discurso sobre as garantias contemporâneas de inclusão, cidadania, democracia, solidariedade no cotidiano escolar com as vivências e as diferenças de experiências juvenis estudantis. Saber reconhecer preconceito, *bullying* e todo tipo de violência é o ponto primordial para lidar com as diferenças e garantir os Direitos Humanos, sem excluir (ou eliminar) aquelas e aqueles que não se encaixam na visão normativa de gênero e sexualidade.

É fundamental criar um ambiente escolar seguro e inclusivo para todas e todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero, sexo biológico ou expressão de gênero. Isso envolve a implementação de projetos, ações que discutam o tema, a formação continuada para professoras/es (ou a *trans\_ formação continuada* como denominei), a promoção de educação sexual abrangente e sensível, promoção de grupos de apoio e espaços seguros para estudantes LGBTQIA+, o reconhecimento de todas as expressões de gênero possíveis, a incorporação de todas as identidades no currículo escolar, e principalmente, de espaços de diálogos com disponibilidade para conhecer as perspectivas de estudantes e as soluções propostas para enfrentar os desafios identificados.

Por fim, temos vários pontos, mas não um ponto final. Novas descobertas, possibilidades de investigação, metodologias e perspectivas podem surgir após a conclusão dessa dissertação. Outros aspectos que não foram abordados ou explorados em profundidade, têm espaço para futuras pesquisas que ampliem ou refinem essa compreensão. Portanto, a ideia dessa dissertação não é um ponto final sobre o olhar da juventude acerca da diversidade sexual e de gênero na escola, mas um passo importante em direção à compreensão e fomento para pesquisas adicionais, discussões e colaborações, contribuindo assim, para a expansão contínua do conhecimento e da reafirmação do que identificamos: NA ESCOLA, A DIFERENÇA, FAZ DIFERENÇA!

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Existe "ideologia de gênero"?**: Entrevista com Jimena Furlani. APUBLICA.ORG. 2003. Disponível em: <https://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- AMARELO Emerica: (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablo Vittar. Sandiego Fernandes. São Paulo : Laboratório Fantasma, 2019. Videoclipe musical (8m53s ). Disponível em: <https://youtu.be/PTDgP3BDPIU>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- ARAÚJO , Denise ; CRUZ , Izaura ; DANTAS , Marilu . **Gênero e sexualidade na escola**: Curso de Especialização Gênero e Sexualidade na Educação. Salvador : Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, UFBA, 2018. 69 p.
- ARAÚJO, Maria de Fátima . Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate . **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>. Acesso em: 19 mai. 2021.
- ARRUDA, Renata. **AmarElo**: análise da música de Emerica com trecho de Belchior. Letras Musicais. 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/amarelo-emicida-analise/>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- BACKES, José L. Juventudes e ensino médio: tensões e disputas pelos sentidos. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 40, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3033/303357561010/>. Acesso em: 28 mai. 2021.
- BARBOSA, Maria V. O Ensino de Sociologia e os Direitos Humanos. In: BRUNETTA, Antônio; BODART, Cristiano; CIGALES, Marcelo. **Dicionário do ensino de Sociologia**. Maceió: Café com Sociologia, 2020. 474 p, p. 95-99.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia, 1967. 935 p.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio-ago 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1708>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- BRASIL. Congresso Nacional. Estatuto da Criança e do Adolescente, de 12 de julho de 1990. **Diário Oficial da União**, Brasília, ano 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em: 28 ago. 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Base da Educação, de 19 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 19 ago. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate a Discriminação LGBT. Resolução n. 12, de 15 de janeiro de 2015. Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais – nos sistemas e instituições de ensino. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 de janeiro de 2015, ano 2015. Disponível em: <http://172.16.0.27:8001/sdh/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012>. Acesso em: 28 jan. 2023.

BRASIL. **Constituição**. República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 19 ago. 2021.

BRUNETTA, Antônio A; BODART, Cristiano N ; CIGALES , Marcelo P. **Dicionário do Ensino de Sociologia** . Maceió : Café com Sociologia , 2020.

BUTLER , Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 19 nov. 2017. Ilustradíssima. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 252 p. (Coleção Sujeito e História).

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília : UNESCO, f. 220, 2003. 440 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133977>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. 255 p.

DAYRREL, Juarez . A escola “faz” as juventudes?: Reflexões em torno da socialização juvenil. . **Educação e Sociedade** , Campinas , v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>. Acesso em: 29 jun. 2022.

DAYRREL, Juarez (Org.); CARRANO, Paulo (Org.); MAIA, Carla (Org.). **Juventude e Ensino Médio** : Sujeitos e Currículos em Diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014. 339 p.

DOCUMENTÁRIO LGBT - Homofobia e transfobia na escola: Depois da Tempestade. Bruno Nomura . Londrina: UEL, 2018. Documentário (24 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g\\_RAbnK61N8](https://www.youtube.com/watch?v=g_RAbnK61N8). Acesso em: 10 fev. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, f. 203, 2009. 405 p.

FREITAS , Silvio *et al.* Diversidade na educação: identidade sexual e de gênero na escola. **Docentes** , Fortaleza , v. 3, n. 7, p. 97-109, 12 2018. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/index.php/revistadocentes/article/view/145>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FUNDAÇÃO PROMUNDO. **Materiais Educativos**: Jogo em Seu Lugar. Brasília. 136 p. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/em-seu-lugar/>. Acesso em: 7 out. 2023.

GATTI, Bernardete A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005. 77 p.

GIL, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana . A produção cultural do corpo . *In*: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Vilodre; FELIPE, Jane. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2018. 196 p. cap. 2, p. 30-42.

GONÇALVES, Danyelle. A sociologia e a escola em debate nos Encontros Nacionais sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, p. 309-315, set/dez 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/21677>. Acesso em: 28 mai. 2021.

HARAWAY, Donna. Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra.. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 22, p. 201-246, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100009>. Acesso em: 10 jul. 2021.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Indicadores Educacionais**: Censo Escolar 2022. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais>. Acesso em: 28 abr. 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS**: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2 ed. Brasília: E-Book, 2012. 41 p. Disponível em: <https://sertao.ufg.br/n/42117-orientacoes-sobre-identidade-de-genero-conceitos-e-terminos>. Acesso em: 10 jun. 2023.

JUNQUEIRA, Marili. Ensino de Sociologia e: Gênero e Sexualidade. In: BRUNETTA, Antônio A (Org.); BODART, Cristiano (Org.); CIGALES, Marcelo (Org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Café com Sociologia, 2020, p. 157-162.

KLEIMAN, Ângela. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA, Luiz P. **Linguística Aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. 286 p. cap. 1, p. 39-58.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: A questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016. 142 p.

LOOZE, Ilza. **[Acompanhamento pedagógico das ações]**. Destinatário: Adriano Rodrigues Biajone. Apiaí, 17 jun. 2023. WhatsApp. Disponível em: meio físico. Acesso em: 17 jun. 2023.

LOURO, Guacira L. Currículo, Gênero e Sexualidade : o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira L (Org.); GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.); FELIPE, Jane (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, f. 98, 2018. 196 p, p. 43-53.

MENDONÇA, Sueli. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 31, n. 85, set-dez 2011.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Vilodre; FELIPE, Jane. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Rio de Janeiro : Vozes, f. 98, 2018. 196 p. cap. 1, p. 11-29.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC, 2018. 600 p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 28 mar. 2021.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530002>. Acesso em: 28 jul. 2022.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 735-748, dez 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-725.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.

MOTTA, Vânia C; FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da Reforma do Ensino Médio?: Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 355-372, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017176606>. Acesso em: 19 jun. 2022.

NERY, Adriana A. **Necessidade de saúde na estratégia de saúde da família, no município de Jequié-BA**: em busca de uma tradução. Ribeirão Preto, 2006. 133 p Tese (Programa de Pós Graduação em Enfermagem Materno-Infantil) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/86/pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

NÃO RECOMENDADOS: clipe oficial. Caio Prado, Daniel Chaudon e Diego Moraes. São Paulo: LGK Music, 2017. Videoclipe musical (4 min 51). Disponível em: [https://youtu.be/GsAR0TQNu\\_w](https://youtu.be/GsAR0TQNu_w). Acesso em: 28 jan. 2023.

OLIVEIRA, Rayane D; BATALHA, Erika O. O mito da "ideologia de gênero" nas escolas: uma análise sociológica da tentativa conservadora de silenciar o pensamento crítico. **Inter-Legere**, Natal, v. 20, p. 44-59, jan/jun 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/12465/8853>. Acesso em: 28 jul. 2022.

ONG #MEREPRESENTA. **Jogo de Cartas**: Direitos e Preconceitos. São Paulo: Fast Food da Política & Vote LGBT, 2020. Jogo com 30 cartas.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Combater a discriminação com base na orientação sexual e na identidade de gênero**. São Paulo: ONU, 2011. Banner. Disponível em: <https://acnudh.org/pt-br/combater-a-discriminacao-com-base-na-orientacao-sexual-e-na-identidade-de-genero>. Acesso em: 3 mar. 2023.

PEDERSEN, Marina. **Heteronormatividade e homofobia na escola**: intersecções entre o Ensino de Sociologia e a Educação Sexual para o combate à homofobia. Marília, f. 144, 2020 Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/202208>. Acesso em: 28 mai. 2021.

PINHEIRO, Esther . **Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo**. Portal Geledés. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

PIRES, Andressa ; CARNIEL , Fagner . Narrativas que importam: Práticas de leitura no ensino de sociologia. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/S1413-24782021260085>. Acesso em: 19 mai. 2021.

PIVA, Carol . Epistemologias da Presença, teóricasvivências : a produção das mulheres em Performances Culturais. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre , v. 13, n. 2, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-2660128259vs01>. Acesso em: 19 jun. 2023.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: Uma breve história do século XIX aos nossos dias. Autêntica Editora, v. 3, f. 96, 2022. 192 p.

RAMOS , Rúbia A; GOULART, Débora C; JACOMINI, Márcia A. Experiências, percepções e expectativas de estudantes na escola gerencialista da rede estadual paulista. **Pro-Posições** , Campinas , v. 34. 29 p, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0129>. Acesso em: 10 ago. 2022.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 138, p. 9-26, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017165522>. Acesso em: 28 jul. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth B. . **O poder do macho**. São Paulo : Moderna, f. 63, 1987. 126 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. **Cartilha Violência contra mulher Não é Normal**: Cartilha para adolescentes. São Paulo, 2022.

SECRETARIA ESTADUAL DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. **Currículo Paulista**: Etapa Ensino Médio. São Paulo, 2020. 300 p. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em: 19 mai. 2022.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Projeto de Vida**. São Paulo , 2020. 26 p. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

SEGATO, Rita. Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres. **Dossiê Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 341-371, maio/agos 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200003>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SEMIS, Lais. "Gênero" e "orientação sexual" têm saído dos documentos sobre Educação no Brasil: Por que isso é ruim?. **Nova Escola**, 11 abril 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-termos-genero-e-orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SILVA, Ileizi ; NETO, Henrique; VICENTE, Daniel. A proposta da Base Nacional Comum Curricular e o debate entre 1988 e 2015. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 3, p. 330-342, 2015. Disponível em: [https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2015.51.3.10](https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.3.10). Acesso em: 28 abr. 2021.

SILVA, Ricardo Desidério da. Refletindo sobre as questões de gênero em sala de aula. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 15-23, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16638>. Acesso em: 19 jul. 2022.

SIMÕES, Alex. **Trans Formas São**: Poema bordado caótico - para Flávia Bomfim. Organismo Editora, 2018. 84 p.

SOUZA, Maria Gonçalves da Luz. **[Um momento de reflexão]**. Destinatário: Adriano Rodrigues Biajone. Apiaí, 24 mar. 2023. WhatsApp. Disponível em: [no anexo dessa dissertação]. Acesso em: 24 mar. 2023.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Resolução n. 45, de 17 de agosto de 2014. Dispõe sobre o tratamento nominal de discentes transexuais e travestis, no âmbito da Secretaria da Educação. **Diário Oficial**, São Paulo, 18 de agosto de 2014, ano 2014. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/lise/sislegis/detresol.asp?strAto=201408180045>. Acesso em: 28 jan. 2023.

TATHI, Mônica. **Estudo mostra dados sobre insegurança de jovens homossexuais na escola**. Agência Câmara de Notícias. Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/503087-estudo-mostra-dados-sobre-inseguranca-de-jovens-homossexuais-na-escola>. Acesso em: 28 mar. 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2018. 136 p.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, f. 132, 1987. 264 p, p. 82-103.

THÜRLER, Djalma ; WOYDA, Duda . A Língua Política e a Política Poética na Poesia Encarnada de Alex Simões. **REDE INTERNACIONAL LYRACOMPOETICS**, Porto , v. 16, p. 69-87, 12 2020. Disponível em: <https://elyra.org/index.php/elyra/article/view/347/379>. Acesso em: 24 ago. 2023.

THÜRLER, Djalma. **Sexualidade e políticas de subjetivação no campo das artes**: Curso de Especialização Gênero e Sexualidade na Educação. Salvador: Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, 2019. 53 p. (UFBA).

TRAD, Leny A. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.

UNESCO. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade**: uma abordagem baseada em evidências. 2 ed. Brasil : UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em: 1 mar. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **TRABALHOS DE CONCLUSÃO** : Manual de Orientação PROFSOCIO. Fortaleza : UFC, 2021. 6 p. Disponível em: <https://profsocio.ufc.br/pt/manual-tcc/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

VASCONCELOS, Priscila. **Há “ideologia de gênero” nos materiais didáticos de sociologia?** : Uma análise do PNLD 2021 da área de ciências humanas e sociais aplicadas.. Marília, 2023. 189 p Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/243116>. Acesso em: 10 jun. 2023.

## ANEXO A — ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE GRUPO FOCAL.

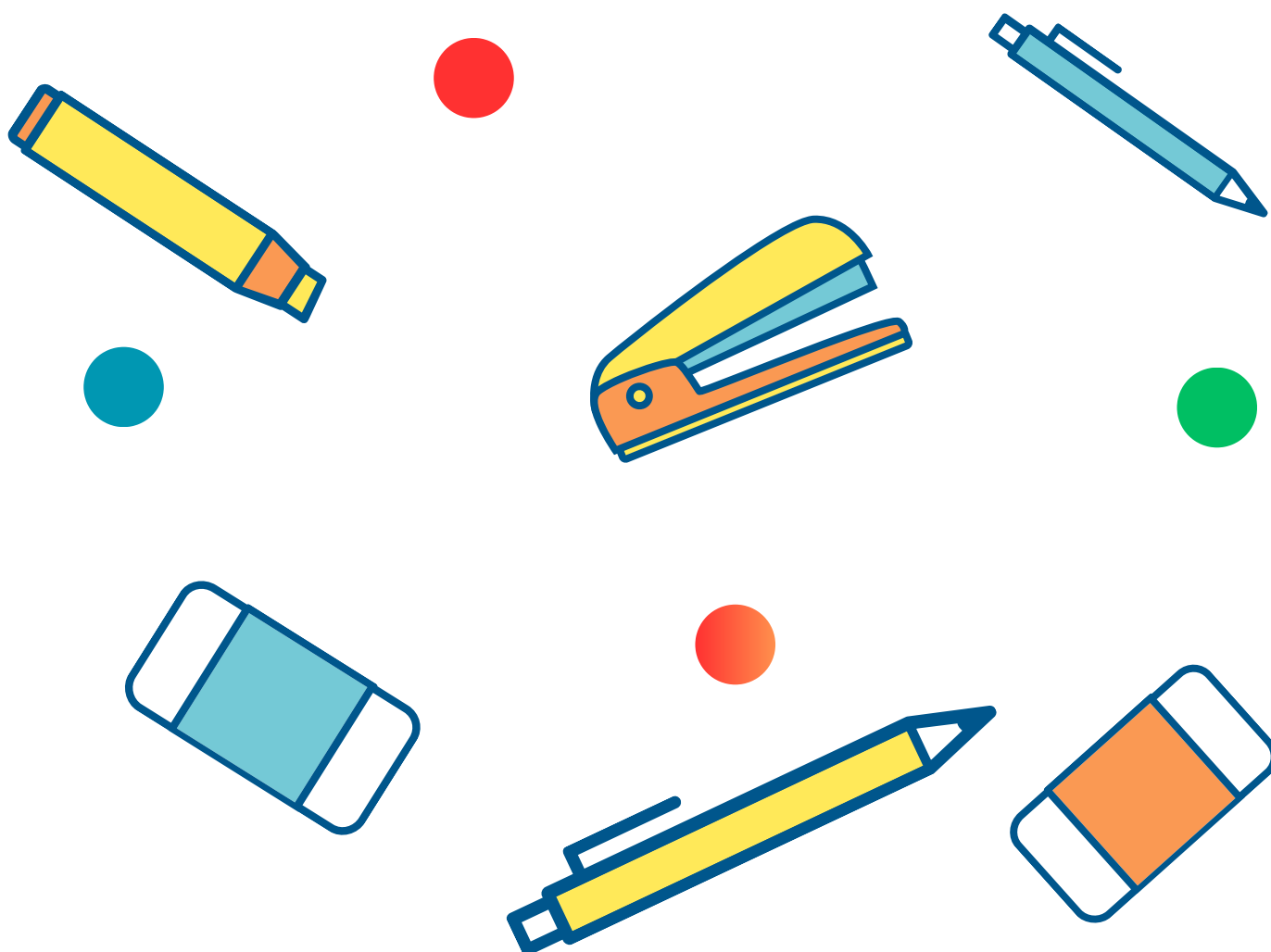
Sugestões de roteiro com questionamentos para trabalhar a temática Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero com jovens estudantes.

Após a sistematização, entendemos que para além da dissertação, conseguimos produzir um material pedagógico que pode oferecer suporte para professoras e professores de Sociologia e de outras áreas, na realização de grupos focais sobre diversidade sexual e de gênero.

O produto, "Roteiro para realização de grupo focal - temática da educação para a diversidade sexual e de gênero" que está nessa seção é inédito, articulado com a dissertação, possui fundamentação consistente e de uma análise de uma experiência de sua apropriação e efeitos junto a professoras e professores e estudantes.

# ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE GRUPO FOCAL

Para a temática da Educação para a  
Diversidade Sexual e de Gênero



MARÍLIA  
2023



# "Trans\_ formação Continuada"

Como parte integrante da dissertação de mestrado "A DIFERENÇA FAZ DIFERENÇA? PERSPECTIVAS DE JOVENS ESTUDANTES SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO", apresentada ao Programa Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), que foi realizada com objetivo de contribuir para o entendimento das necessidades de jovens estudantes em relação à temática e buscar soluções didáticas para transformar a situação na escola.

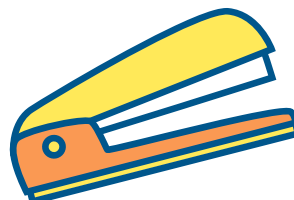
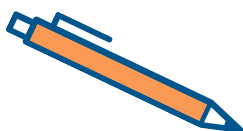
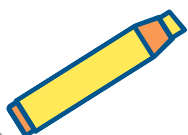
*Tratar assuntos relacionados à Diversidade Sexual e Gênero é uma situação problematizadora. No entanto, a escola deve ser um espaço de debate dos tabus existentes e das questões que promovem segregação, indicando a necessidade de melhor formação para professoras/es para não reproduzir padrões discriminatórios, favorecendo espaços onde todas as diferenças possam se expressar livremente. Para isso, uma escuta atenta se faz necessária, a qual o grupo focal tem muito a contribuir como estratégia didática.*

## A DISSERTAÇÃO:

A dissertação aborda os tabus no ambiente escolar, enfatizando a importância de tornar a escola um espaço propício para reflexões e debates sobre diversidade e liberdade de expressão, e foi realizada a partir da pesquisa-ação, método que visa elucidar problemas sociais relevantes por meio da participação de grupos interessados na sua resolução, e utilizado como estratégia de pesquisa, o GRUPO FOCAL com estudantes do ensino médio.

O GRUPO revelou a falta de abordagem da diversidade sexual e gênero na escola e a necessidade de materiais adequados, bem como da adoção de novas posturas e necessidades de aprendizagens por parte do corpo docente.

A partir de então, foi realizada uma formação para as equipes gestoras das escolas estaduais da Regional de Apiaí - SP, utilizando uma abordagem lúdica, no intuito de promover ações de prevenção ao respeito às diferenças e combate a opressão, contribuindo com a inclusão educacional.



## O GRUPO FOCAL:

No sentido de apoiar outras ações, aumentar o entendimento sobre a diversidade sexual nas escolas e principalmente, de favorecer o diálogo com jovens estudantes do Ensino Médio, compartilhamos algumas considerações e o roteiro utilizado.

- Número de Participantes: Entre seis e doze, buscando uma interação eficaz e aprofundamento nas discussões.
- Convite e Participação: Seleção por convite, levando em conta possíveis ausências de última hora.
- Ambiente Adequado: Escolha de um local de fácil acesso e disposição das cadeiras em círculo para promover a interação.
- Registro: Recomendação de até dois relatores para documentar as discussões e utilização de gravação em áudio para registro.
- Moderação: Orientação para evitar imposição de opiniões e intervenções diretas, incentivando a interação entre os participantes.
- Roteiro Flexível: Elaboração de um roteiro preliminar flexível, capaz de incorporar elementos inesperados vindos das discussões.



## O GRUPO FOCAL:

Sugerimos a realização de uma divisão do grupo em quatro partes, em que:

- Primeira parte: conhecer qual o entendimento que estudantes possuem sobre Diversidade Sexual e de Gênero as dificuldades pessoais, sociais, políticas ao tratar o assunto.
- Segunda parte: conhecer os momentos que a temática foi abordada, materiais utilizados, tempo dedicado, em quais componentes.
- Terceira parte: conhecer as vivências a partir da discussão de situações de LGBTfobia;
- Quarta parte: ouvir estudantes sobre os questionamentos que possuem sobre o tema e como sugerem estratégias para trabalhá-los na escola.



**AO INICIAR SUGERIMOS A APRESENTAÇÃO DAS PARTES DO GRUPO FOCAL QUE SERÁ DESENVOLVIDA. PODERÃO SER UTILIZADOS NOMES FICTÍCIOS, A CRITÉRIO DO GRUPO PARTICIPANTE.**

PRIMEIRA PARTE: Conhecer qual o entendimento que possuem sobre Diversidade Sexual e quais as dificuldades pessoais, sociais, políticas ao tratar o assunto.

- Exibir o Clipe: "Não Recomendado" de Caio Prado (Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu_w))
- Conhecem a música? Artista?
- O que mais chamou atenção de vocês no clipe?
- Do que fala o clipe?
- Quem seriam as pessoas "não recomendadas"?
- Porque elas são consideradas "não recomendadas"?
- Qual a diversidade apresentada no clipe?
- O que vocês entendem por Diversidade Sexual e de Gênero?
- Quais são as diferentes identidades que vocês sabem que existem?
- Vocês já ouviram falar dos termos "identidade de gênero" e "orientação sexual"? Vocês pode explicá-los?
- É um assunto tratado de maneira tranquila socialmente?
- Por que existe a dificuldade de tratar o assunto?



## SEGUNDA PARTE: Reconhecer a Diversidade Sexual e de Gênero na escola:

- Quais momentos o tema foi abordado durante a trajetória escolar?
- Quais componentes?
- Como foi abordado?
- Quais materiais utilizados?
- O tempo dedicado foi suficiente?
- Houve projetos?
- Vocês acreditam que trabalhar a diversidade sexual e de gênero na escola é importante? Porque?
- Vocês sentem confortáveis para conversar sobre questões de diversidade sexual e gênero na escola? E suas professoras e seus professores sentem confortáveis em falar o assunto com vocês? Por quê ou por que não?
- Vocês tiveram a oportunidade de aprender sobre a história de luta e conquistas da comunidade LGBTQIA+?
- A escola possui algum espaço segregado por gênero? O que vocês acham dessa divisão?
- Existem diferenças na aprendizagem relações de meninos e meninas na escola?



TERCEIRA PARTE: Refletir sobre as vivências com a Diversidade Sexual e Gênero. Reflexão sobre a lgbtfobia na escola; motivos das ocorrências das violações; possibilidades que enxergam para solução dos problemas apresentados e como a escola poderia participar na resolução das situações reais.

- Exibir trecho do Documentário: "Documentário LGBT - Homofobia e transfobia na escola". 1'40" a 8'25" Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g\\_RAbnK61N8](https://www.youtube.com/watch?v=g_RAbnK61N8).
- Que temas aparecem no trecho do documentário?
- Vocês conhecem alguma história parecida com as que foram narradas?
- Porque é difícil a aceitação de pessoas LGBTQIA+ na sociedade? Por que ocorre a violência?
- Quais são as violências cometidas contra as pessoas LGBTQIA+? E as mais comuns?
- Como as vítimas se sentem após sofrido uma violência?
- Existe alguma violência que seja pior do que outra?



## TERCEIRA PARTE: CONTINUAÇÃO

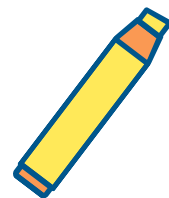
- A LGBTIfobia é presente nas escolas? Quais são os tipos mais frequentes?
- Quando sofrem violência, estudantes LGBTQIA+ costumam falar sobre isso? Denunciar?
- Vocês já presenciaram? Já cometeram?
- Como sabemos se estamos cometemos violência alguma pessoa LGBTQIA+?
- Vocês sabem o que é Nome Social? Conhecem alguém que utilize? Essas pessoas são respeitadas na escola?
- Quais são os desafios para utilização de banheiro para pessoas LGBTQIA+? Algum problema de uso na escola?
- Como vocês reagem quando sabem que tem um/ amiga/o LGBTQIA+?
- Qual o papel da amizade nessas situações? Que tipo de apoio pode dar? E da família?
- Qual a solução para acabar ou diminuir com a lgbtfobia?
- Como a escola pode ajudar a acabar ou diminuir com a lgbtfobia?
- 



## QUARTA PARTE: Apresentação de questionamentos e estratégias para trabalhar o tema na escola.

- Quais são os mitos ou estereótipos comuns sobre a comunidade LGBTQ+ que você gostaria de saber?
- Quais são as suas dúvidas sobre a Diversidade Sexual e de Gênero?
- O que vocês consideram importante seus/suas colegas de turma saber sobre o tema?
- Como o tema deveria ser trabalhado na escola?
- Seleção dos temas "Direitos e Preconceitos"
- Quais são as suas referências LGBTQIA+?
- Como a sociedade pode ser mais inclusiva e respeitosa em relação à diversidade sexual?
- Como você imagina um mundo onde a diversidade sexual seja totalmente aceita e celebrada?





## ÚTIMAS CONSIDERAÇÕES:

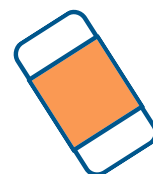
Com o grupo, será possível conhecer como estudantes percebem a Diversidade Sexual na escola, as formas de manifestações e resistência em relação as sexualidades diferentes da heteronormativas.



E essa participação, poderá ser evidenciada situações de lgbtfobia, situações de violência imperceptíveis e explícitas, ligadas inclusive a relação de poder entre professoras/es e estudantes, que causaram danos subjetivos, ora naturalizados, que negam autonomia, através de chantagens, culpabilização, invisibilização, disciplinas e controles de corpos. Para além de não haver julgamentos, em situações como essas, é necessário também realizar o acolhimento dessas/es estudantes.

### Autor

- **Adriano Rodrigues Biajone é professor de Sociologia da rede estadual de São Paulo. Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília, SP, [adriano.biajone@unesp.br](mailto:adriano.biajone@unesp.br).**



## ANEXO B — ESTUDOS DE CASOS: Trans\_ formação Continuada.

Textos com depoimentos fictícios para apoiar a realização de atividades formativas com profissionais da educação.

No sentido de contribuir com novas experiências docente, emancipadoras e inclusivas, transformamos os estudos de casos utilizados na intervenção pedagógica em um material de apoio, que pode inspirar outras ações pedagógicas e a escrita de novos depoimentos.

Os Estudos de Caso são histórias, depoimentos ou narrativas detalhadas baseadas nas situações reais que ocorreram em contextos educacionais. São abordagens criativas que podem ser usados como ferramentas poderosas para promover a aprendizagem e o desenvolvimento profissional, entender as complexidades e desafios da prática educacional, a tomada de decisão informada, e permitem avaliar suas próprias crenças, valores e práticas educacionais, promovendo maior autoconhecimento profissional.

Esperamos que essa ferramenta valiosa na formação de professoras e professores, promova a aprendizagem prática, reflexiva e colaborativa, estimule a realização de perguntas, expressão das opiniões, preparando-os para uma prática educacional mais eficaz e informada atenta às necessidades individuais, as próprias habilidades, desafios, estilos de aprendizado e experiências de vida, no sentido de apresentar melhor adaptação da abordagem de ensino e aumentar seu engajamento e motivação com a aprendizagem para atendê-las, e contribuindo para o entendimento das necessidades de jovens estudantes em relação à temática.

# Estudos de Caso

Trans-formação Continuada



Como parte integrante da dissertação de mestrado "A DIFERENÇA FAZ DIFERENÇA? PERSPECTIVAS DE JOVENS ESTUDANTES SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO", apresentada ao Programa Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), em 2023, seguem os estudos de casos utilizados, que podem inspirar outras ações pedagógicas que podem contribuir para o entendimento das necessidades de jovens estudantes em relação à temática e buscar soluções didáticas para transformar a situação na escola, especialmente no enfrentamento da LGBTIfobia.

# Trans\_ formação Continuada

Os Estudos de Caso são histórias, depoimentos ou narrativas detalhadas baseadas em situações que ocorreram em contextos educacionais. Eles podem ser usados como ferramentas para promover a aprendizagem e o desenvolvimento profissional.

Aqui estão algumas vantagens específicas de se utilizar estudos de caso na formação de professoras e professores:

- **Contextualização Realista:** Os Estudos de Caso fornecem um vislumbre realista das complexidades e desafios da prática educacional. Isso ajuda a entender como aplicar teorias e conceitos em situações do mundo real, e no reconhecimento das dificuldades, possibilitando apoio adequado.
- **Tomada de Decisão Informada:** Ao analisar os Estudos de Caso, as professoras e os professores têm a oportunidade de considerar uma variedade de abordagens e soluções para os problemas apresentados. Isso contribui para o desenvolvimento de habilidades de tomada de decisão informada e a escolha da melhor estratégia para lidar com diferentes situações educacionais.
- **Desenvolvimento de Habilidades de Resolução de Problemas:** Estudos de Caso frequentemente apresentam desafios e dilemas que as professoras e os professores podem enfrentar em sua prática diária. Ao analisar essas situações, desenvolvem estratégias para resolução de problemas, desenvolvendo abordagens criativas e eficazes.
- **Reflexão e Autoconhecimento:** Ao refletir sobre os Estudos de Caso, as professoras e os professores podem avaliar suas próprias crenças, valores e as suas práticas educacionais. Isso contribui para a identificação das forças que precisam de aprimoramento, promovendo um maior autoconhecimento profissional.
- **Aprendizagem Colaborativa:** A discussão de Estudos de Caso em grupos de professoras e professores permite a troca de ideias, perspectivas e experiências, criando um ambiente de aprendizagem colaborativa.

# Trans\_ formação Continuada

- **Conexão Teoria–Prática:** Os Estudos de Caso permitem que as professoras e os professores conectem teorias educacionais com situações reais, contribuindo com a demonstração da relevância e aplicabilidade das teorias no contexto da sala de aula.
- **Preparação para Diversidade:** Ao abordar questões relacionadas à diversidade, inclusão e equidade nos Estudos de Caso, as professoras e os professores podem se preparar melhor para atender às necessidades de uma gama diversificada de estudantes além de melhorar as práticas de acolhimento e inclusão.
- **Preparação para Desafios Futuros:** Ao enfrentar situações desafiadoras nos Estudos de Caso, as professoras e os professores podem se preparar melhor para lidar com problemas semelhantes que possam surgir em seu cotidiano de trabalho.

Em resumo,

Os Estudos de Caso são uma ferramenta valiosa na formação de professoras/es, pois promovem a aprendizagem prática, reflexiva e colaborativa, estimula a realização de perguntas, expressão das opiniões, preparando-os para uma prática educacional mais eficaz e informada atenta às necessidades individuais, as próprias habilidades, desafios, estilos de aprendizado e experiências de vida, no sentido de apresentar melhor adaptação da abordagem de ensino e aumentar seu engajamento e motivação com a aprendizagem para atendê-las.

# Situação 1: Richard

Para mim a 7ª série foi a mais traumática. Eu era o que tinha "*fama*" de ser a *bichinha* desde o Ensino Fundamental. Como morava em uma cidade pequena, estudava sempre com as mesmas pessoas nas 3 ou 4 turmas das séries ano a ano. E todo mundo se conhecia na verdade. Na sétima eu fui estudar a tarde, ficando numa sala onde conhecia e tinha amizade com quase ninguém. Os que eu conhecia ficaram todos de manhã. E já desde a quinta e sexta tinha se formado uma turminha de uns meninos que particularmente gostavam e se faziam rindo e humilhando quem eles pudessem. Na sexta série eles já me encheram bem o saco, mas como eu estava com pessoas que eu conhecia, amenizava um pouco. Quando fiquei sozinho, e na mesma sala deles todos, aí a coisa mudou. Virei o alvo favorito. Os gritos de *viado*, e as piadas direcionadas eram coisa do dia a dia. Eu procurava ir pra aula no horário mais apertado possível antes do fechamento do portão pra não ter que ficar exposto a eles no pátio. No intervalo, ficava na biblioteca pra também fugir deles. A casa da minha tia de onde saía pra ir pra escola na cidade ficava bem ao lado da escola. A entrada era as 13h. Então eu saía 12h55. Um dia, na hora da saída, esses meninos estavam na grade da quadra virados pra rua e começaram a gritar em coro "ei XXXX *viado*, *bichinha*, *baitola*". Todos que estavam na quadra ouviam, todos os funcionários da escola ouviam, qualquer um na rua ouvia. Na busca por um apoio, olhei para professores que estavam entrando em saindo da escola. Eles fingiram que não ouviram. Alguns acharam engraçado e sorriam. Foi a maior humilhação que senti na minha vida.

## Para reflexão:

- 1) O que mais chamou atenção no depoimento?
- 2) Quais as violações em Direitos Humanos, presentes no relato?
- 3) O que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa?
- 4) O que você pode fazer para prevenir situações como essa?

## Situação 2: Candy

Eu não sou lésbica, mas já sofri violência por um professor, que achava que eu era. Eu adorava a matéria dele, mas depois que ele passou a ser professor, passei a odiar. Procurava faltar de propósito quando tinha aula com ele, ou sempre pedia pra ir embora antes da aula dele começar. Toda aula, ele mudava a voz pra chamar meu nome na chamada, de uma forma mais grossa, e sempre dava uma risadinha no final. Sempre me chamava de “moleque”. Uma vez, eu estava de boné na escola, ele disse que eu tinha que guardar, porque naquela escola era proibido usar boné. Perguntei porquê os meninos podiam usar, ele disse que os homens eram mais livres mesmo e que as meninas tinham que aprender a se comportar desde cedo pra não fazer *feiura* na rua.

### Para reflexão:

- 1) O que mais chamou atenção no depoimento?
- 2) Quais as violações em Direitos Humanos, presentes no relato?
- 3) O que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa?
- 4) O que você pode fazer para prevenir situações como essa?

# Situação 3: Cecília

No primeiro dia de aula, quando estava no 1o ano do Ensino Médio, teve uma briga na hora do intervalo. Na escola a gente conhece bem os barulhos e sabe reconhecer de longe quando tem uma treta. Os meninos são os primeiros a gritar igual a lobos em uma alcateia. Eu e as minhas amigas corremos para a fila da merenda, onde estava tendo o fervo. Tinha um menino, o Zeca, apanhando de três outros alunos do 3o ano, que não aceitaram que ele ficasse na fila dos meninos, porque era muito "mulherzinha". Levou soco, chute e cusparada no rosto. As "tias" do corredor foram corajosas e rapidamente separaram a briga. Mas isso não foi o pior. Foram todos para a diretoria e na conversa com a Dona Elza, diretora da escola, ao invés dela dar bronca nos que estavam agredindo, pediu para eles se acalmarem e que conversaria com eles outro dia. No mesmo dia, chamou Zeca e ao invés de apoiar, aconselhou ele a se vestir do jeito "certo", a não usar esmalte nem maquiagem e a vir pra escola sem a meia soquete rosa, que não era roupa de "hominho". Disse que se a obedecesse, ele não iria mais apanhar. Zeca acabou abandonando as aulas, e acho que a escola gostou que ele tivesse saído, porque nunca foram atrás dele.

## Para reflexão:

- 1) O que mais chamou atenção no depoimento?
- 2) Quais as violações em Direitos Humanos, presentes no relato?
- 3) O que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa?
- 4) O que você pode fazer para prevenir situações como essa?

# Situação 4: Ângela

Sou professora na rede estadual há 10 anos. No ano passado, recebemos o professor Evan, que veio de outra cidade. No dia da reunião de planejamento, três professores que já eram bem conhecidos por posturas machistas cochicharam: “Essa Coca aí é Fanta, né?”. O riso foi geral, e confesso que até eu achei graça. Com o passar do tempo, começaram a mandar figurinhas, caçoando dele, em grupos que ele não estava. Até fotos pessoais dele, na praia com um possível namorado, eles enviaram. E foi assim durante todo ano letivo. Ele não podia abrir a boca pra falar nada, já faziam piadinhas sobre o jeito que ele se vestia, a forma como falava, e as gargalhadas apareciam. Na festa junina da escola Evan apareceu com sua namorada e esse assunto dominou a sala dos professores. Falavam que era impossível gostar de homem e mulher, e que era uma desculpa para a promiscuidade. Evan mudou de escola e quando lembro disso, fico muito envergonhada, porque eu não fazia nada. Há seis meses, minha filha compartilhou comigo sua bissexualidade. Tenho procurado ser a pessoa que eu quero que a minha filha encontre no mundo. Hoje sou um ser humano melhor, e isso tem refletido com meus alunos.

## Para reflexão:

- 1) O que mais chamou atenção no depoimento?
- 2) Quais as violações em Direitos Humanos, presentes no relato?
- 3) O que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa?
- 4) O que você pode fazer para prevenir situações como essa?

# Situação 5: Dominique

Quando criancinha, queria brincar com boneca, de casinha, e sempre era impedida. Adorava quando tinha milho na roça porque eu consegui brincar escondida, imaginando que aquela espiga fosse uma boneca. Ir pra escola era um sonho, mas que aos poucos foi virando pesadelo. Tinha medo das aulas de educação física, tinha medo do recreio, tinha medo de entrar na fila do lanche. Odiava aquelas competições meninos contra meninas. Tinha um sentimento de que aquele lugar não era pra mim. Na oitava série, chamei a professora que eu mais gostava pra contar pra ela que eu me sentia diferente e que achava que eu era uma pessoa trans. A professora ficou bem nervosa, disse que eu estava “espiritualmente doente”. Eu não tinha entendido o que aquilo significava. No dia seguinte, meu pai e minha mãe foram chamados na escola. Eu não participei da conversa. Quando cheguei em casa, apanhei com um cabo de vassoura do meu pai. Ele disse que não tinha criado filho para dar esse desgosto. Por causa dos arranhões, fiquei uma semana sem ir pra escola. Depois disso, todos os dias eu fui para a escola com medo. Eu odiava a escola e sentia que meus professores também me odiavam. Depois de dez anos fora, ano que vem pretendo voltar. Espero que dessa vez, me aceitem como Dominique.

## Para reflexão:

- 1) O que mais chamou atenção no depoimento?
- 2) Quais as violações em Direitos Humanos, presentes no relato?
- 3) O que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa?
- 4) O que você pode fazer para prevenir situações como essa?

# Situação 6: Sandrinha

Minha escola sempre foi muito tranquila. Tive a sorte de ter as melhores professoras do mundo. Não lembro de ter sofrido nenhuma violência lá. Mas uma vez, nossa escola participou dos jogos escolares e eu entrei no time de futsal feminino. Eu era muito boa e gostava demais quando entrava na quadra. Me sentia a melhor pessoa do mundo. Percebia as melhorias na minha saúde física, nas habilidades técnicas, melhorei no trabalho em equipe e a minha autoconfiança aumentou muito. Fomos passando de fase nos jogos, até que em um determinado jogo, que era bem decisivo, estava 3x3. Percebi que a torcida formada por alunos da escola adversária, ficava gritando “sapatão” todas as vezes que eu pegava na bola. Minha professora me acalmou e falou pra eu não ligar com isso. Ela me deixou muito segura. Acabei fazendo mais dois gols e ganhamos por 5X3. Eu estava muito feliz. Parecia ser o dia mais feliz da minha vida. Na saída, minha alegria pela vitória perdeu espaço para a fala de um professor da outra escola. Enquanto passava por ele, veio até mim e disse que “no próximo ano quebraria a minha perna e de “todos machos-fêmeas” do time”. Fiquei chateada demais. Desisti de jogar as próximas fases dos jogos e nunca mais joguei futsal.

## Para reflexão:

- 1) O que mais chamou atenção no depoimento?
- 2) Quais as violações em Direitos Humanos, presentes no relato?
- 3) O que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa?
- 4) O que você pode fazer para prevenir situações como essa?

# Situação 7: Noah

Eu tinha muitas dificuldades no início da pré-adolescência. Me sentia inadequado, e sempre estava tentando descobrir qual era meu problema. As vezes pensava que ninguém gostava de mim, e nem eu mesmo. O que via no espelho não era o que eu sentia e pensava. Sempre aparecia umas ideias tortas que me incentivava a tirar minha vida. Até que um dia no 2º ano, uma professora perguntou como é que eu gostaria de ser chamado e se eu sabia o que era nome social. Eu disse que sabia sim, e que gostaria de ser chamado de Noah. Foi a primeira vez que falei em voz alta na escola, o meu próprio nome. Foi a melhor coisa que aconteceu. Depois minha mãe foi na escola e assinou um papel e a chamada mudou. Nunca tive problemas nem com os professores e nem com os alunos. Depois que comecei a usar nome social, outros colegas da escola também encorajaram a solicitar o nome social. As tias da limpeza eram as que mais me tratavam bem, eu as adorava. No 3º ano fui vice-campeão na Olimpíadas Brasileira de Astronomia, e se não tivesse tido o apoio da escola, nada disso teria sido possível.

## Para reflexão:

- 1) O que mais chamou atenção no depoimento?
- 2) Quais as violações em Direitos Humanos, presentes no relato?
- 3) O que as escolas podem fazer para prevenir situações como essa?
- 4) O que você pode fazer para prevenir situações como essa?

A pink rectangular sticker with a white wavy pattern is placed at the top of the white text box.A green paperclip is attached to the top right corner of the white text box.An orange paperclip is attached to the top right corner of the white text box, overlapping the green one.

Tratar assuntos relacionados à Diversidade Sexual e Gênero é uma situação problematizadora. No entanto, a escola deve ser um espaço de debate dos tabus existentes e das questões que promovem segregação.

Para professoras e professores não reproduzirem padrões discriminatórios, se faz necessária a *trans\_*formação *continuada* que favoreça espaços onde todas as diferenças possam se expressar livremente, a partir de uma escuta atenta, a qual estudos de casos tem muito a contribuir como estratégia didática.

#### **Autor**

- **Adriano Rodrigues Biajone é professor de Sociologia da rede estadual de São Paulo. Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília, SP, [adriano.biajone@unesp.br](mailto:adriano.biajone@unesp.br).**



## ANEXO C — Depoimento sobre a intervenção pedagógica.

Esse depoimento apresentado, revela a transformação pessoal que uma participante vivenciou ao confrontar suas próprias limitações e se comprometer com uma postura mais inclusiva e respeitosa. No texto, disponibilizado na íntegra nesse Anexo, destaca a metodologia utilizada, que incluiu diálogos, análise de casos reais e recursos audiovisuais para despertar o interesse e conscientização e avalia que a formação foi bem-sucedida, despertando a sensibilização das pessoas participantes e gerando o desejo de expandir seus conhecimentos e promover transformações em suas práticas educacionais.

## Um momento de reflexão

Trabalhar ou conviver com pessoas de diferentes credos, religião, etnia ou orientação sexual ou de gênero, nunca foi problema para mim. Sou encantada por conhecer e vivenciar outras culturas e apreciar outros olhares, tentando enxergar o mundo com outras lentes ampliando minha visão. Sempre gostei muito de aprender com os outros e procurei nunca valorar as pessoas com base em sua religião, orientação sexual, credos e etnia.

Na minha visão me imaginava muito aberta, respeitando o "diferente", embora não compreendendo muito bem o porquê das "escolhas e opções" sexuais das pessoas que fugiam das "regras" criadas por uma sociedade dominante.

Em relação ao tema diversidade sexual e de gênero, nunca fiz muita questão de me aprofundar por achar complexa demais para minha compreensão tendo em vista meu modelo mental, porém buscava tratar com respeito e cuidado para nunca abordar diretamente o tema, de certa forma invisibilizei o que não entendia, pois isto me dava um certo conforto e segurança!

Porém a vida nos reserva muitas surpresas, e às vezes somos obrigados a repensar nossos modelos mentais, desconstruir e ressignificar nossos paradigmas e nossa visão binária para conseguirmos continuar caminhando em paz conosco mesmo. Nesses momentos percebemos o quanto desconhecemos nós mesmos, e quantas vezes fomos como Pilatos lavando nossas mãos e deixando nossos semelhantes nas mãos dos cruéis tiranos, e quantas vezes fomos os próprios juizes e carrascos de tanta gente inocente!

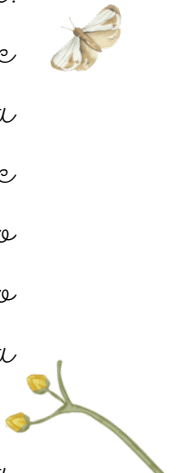
A gente descobre que falar é fácil, difícil é viver o que se prega, percebemos o quanto apoiamos para que este mundo continue sendo um local hostil para quem a ele não se molda!



Quando somos obrigados a nos posicionar diante do mundo, começamos a repensar nossas atitudes, nossos atos e a refletir sobre como procuramos enquadrar o que tem diferentes formas, unificar o que é múltiplo, singularizar o que é complexo, acinzentar o que é colorido, matar o que é para ter vida com abundância!

Em outubro de 2022 participei de uma reunião do PEI em GP com o tema Protagonismo Juvenil e Declaração Universal dos Direitos Humanos. Foi um momento intenso e empoderador. Percebi que não poderia deixar passar esta oportunidade impara de abrir espaços para colocar em pauta e sobre a mesa a discussão sobre como estamos cuidando desses meninos e meninas que diariamente passam pelas nossas mãos.

Ao deparar com tantos materiais a respeito de DLDH, diversidade sexual, educação especial e educação antirracista, percebi o quanto ignoro os que está realmente acontecendo ao meu redor, o quanto estou caminhando cegamente entre as multidões, avaliei o quanto estou confortada e conformada no meu lugar. Confesso que foi um momento de muito desconforto e desestabilização, analisei o quanto minha ação estava desconexa em relação ao meu discurso. Senti, sendo convocada a me posicionar, senti quão despreparada estou para falar abertamente o que faz parte de nosso cotidiano na educação, percebi o quão grande é minha ignorância nos temas, e tive a certeza de que era hora de acordar do profundo sono entorpecedor.



Quanto mais busquei saber sobre o tema mais percebi que era algo grandioso demais para eu realizar sozinha, que precisaria emprestar outros olhos e outras mãos para juntos podermos iluminar mais e mais a trajetória de outros educadores, auxiliando-os a ver sem medo e acolher com amor os que caminham ao nosso lado nesta breve caminhada existencial.





Felizmente sempre há pessoas maravilhosas que podemos contar para nos apoiar com seus ombros de gigantes quando pretendemos ver mais longe, sair do conformismo e crescer como seres humanos que somos. Busquei apoio nos braços acolhedores de uma pessoa muito querida e que já tive o prazer de trabalhar junto na Diretoria de Ensino de Apiai, que é o Adriano. Ele foi maravilhoso e prontamente aceitou meu convite para ser parceiro nessa grande empreitada.

O Adriano, como sempre, iluminou meu caminhar nesta árdua jornada para iniciarmos uma discussão aberta, necessária e urgente, visando vencer o preconceito e as diferenças forjadas durante séculos, refletidas nas injustiças praticadas contra o direito de se viver plenamente os sonhos e construir projetos de vida.

A partir de nossa parceria sabia que teria sucesso em nossa formação com os gestores de todas as escolas PEI da DER Apiai. Diretores, COE e CEGPE ouviriam falar abertamente sobre o tema diversidade sexual, temas que ainda comentam com sussurros, aos cochichos pelos cantos, que muitos ainda acreditam que há "solução" para "escolhas" de seus alunos e alunas. Uns satirizam, outros ridicularizam, outros mais piedosos "coitadizam" diminuindo e roubando a humanidade dessas pessoas.



Após diversos diálogos com o Adriano para alinharmos nosso trabalho, ocorreu o encontro no dia 07/03/2023 em uma das dependências da Diretoria de Ensino da Região de Apiai. Tivemos a participação das 25 escolas participante do PEI (Programa de Ensino Integral) da DE, entre os gestores das escolas e da DE contamos com um público de aproximadamente 100 pessoas.



Os espaços da reunião foram adequados e estruturados com recursos audiovisuais para tornar o ambiente mais agradável, estimulante e envolvente para o desenvolvimento do tema em questão. Foram expostos, entre outros materiais, caixas com o jogo "Direitos e Preconceitos", documentos que seriam utilizados durante o diálogo formativo e os quatro manequins que seriam utilizados nas oficinas. Assim que os gestores chegaram já começaram a manifestar curiosidade e expectativas sobre o que ocorreria na formação do dia.

Após a apresentação do tema da formação "Direitos Humanos para a Diversidade Sexual e de Gênero - Transformação Continuada" e da pauta do dia, o Adriano solicitou que escrevessem em uma folha as dúvidas que tinham em relação ao tema.

No momento em que o Adriano iniciou o diálogo com os profissionais, percebemos um certo desconforto pelos olhares, no movimentar dos corpos nas cadeiras, nos cochichos, porém a metodologia utilizada foi essencial para que eles comessem a relaxar e participar mais do diálogo.

O formador foi acolhedor, com fala tranquila foi abordando temas diversos e contextualizando situações vivenciadas no cotidiano, levando-os a repensar fatos corriqueiros e naturalizados, porém carregados de preconceitos e estereótipos.

Conforme ia transcorrendo a formação, fomos refletindo o quanto nossa sociedade ainda é fortemente moldada ao olhar machista, como as mulheres são tratadas, as diferenças e discriminação de gêneros como é tratada nos diversos países.

Baseando seu discurso em indicadores que evidenciam a realidade excludente e violenta, foi ampliando a visão da plateia e convidando-a a ressignificar suas visões. Quando começou a aprofundar o tema diversidade sexual, utilizando os manequins para mostrar identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico, orientação afetiva sexual, todos percebemos o quanto ignoramos os fatos que envolve o tema.

Os questionamentos advindos da ala feminina foram em maior número. Percebeu-se claramente que as mulheres estão mais abertas e sensíveis ao tema, e os homens ainda se sentem receosos em se manifestar, preferem ficar neutros e não se posicionar.

Para finalizar o Adriano trouxe relatos de pessoas que já sofreram LGTBfobia, inclusive de pessoas nossa região e de algumas escolas da Diretoria de Ensino de Apiaí, embora os participantes não sabiam quem eram as vítimas de preconceito, pois não continha o nome no relato. Os participantes em grupos analisaram casos reais e após apresentaram responderam alguns questionamentos e apresentaram o estudo na plenária. Foi um momento muito enriquecedor e ao pôr ourlirmos o que esses meninos e meninas precisam suportar para sobreviver na selva de pedra que nos rodeia.

Conforme o público-alvo se sensibilizava e compreendiam melhor o tema, tomava conhecimento das legislações, percebíamos que aumentava as participações e o interesse de saber mais. Outro ponto relevante e que garantiu o sucesso da formação foram as músicas e vídeos utilizados tratando da indiferença, violência, invisibilizados, os indicadores de violência da LGTFobia e escola LGBTQia, cartilha da Diversidade Sexual e a Cidadania LGBTQIA+.

A metodologia adotada, a abertura, a escuta ativa, o conhecimento e a vivência do Adriano foram fundamentais para o sucesso da formação. A avaliação do dia realizada pelos participantes mostrou o quanto o momento foi pertinente e necessário para atender as demandas atuais, os gestores participantes do evento solicitaram mais momentos para discutirem temas relativos aos DUDH visando fortalecer seus conhecimentos, pois muitos reconheceram nossa ignorância e visão estereotipada sobre o tema.



Entre outros registros na avaliação tiremos: "momento impar de aprendizado", "vai acrescentar muito ao meu trabalho e minha vida"; "esclareceu muitas dúvidas"; "importante termos mais base para expandir essa transformação"; "para minha atuação profissional essa formação contribuiu bastante no sentido de dar mais espaço e visibilidade aos alunos". Com por cento aprovaram e elogiaram o encontro.

Almejamos que todos os conhecimentos adquiridos possam ser apropriados, incorporados e aplicados pelas equipes pedagógicas visando transformar nossa realidade, construindo espaços mais respeitosos, seguros e fraternos para todos.

Creio que conseguimos lançar uma pequena semente no coração e na mente de nossos gestores, pelo fato de eles ouvirem o Adriano relatando com naturalidade e franqueza que se permitiu seguir seus próprios sonhos e vencer os preconceitos do mundo, já fez diferença na nossa TransFormação Continuada. Precisamos de pessoas formadoras que falem com propriedade de suas experiências e vivências, que falem do lugar onde vivem e não sobre como outros devem viver.



Infelizmente desde pequenos somos criados por uma sociedade que decide e rotula quem é normal e quem é anormal, quem serão os vencedores ou vencidos, quem tem direito de um lugar ao sol ou quem deve permanecer eternamente trancafiado no fundo de escuras cavernas deste mundo! Infelizmente somos moldados numa forma, cegados por visões antiquadas e estereotipadas, crescemos e tornamos excelentes fabricantes de "normalidade", normalizando até nós mesmos, sufocando nossos desejos e sonhos.



Crescemos e nos tornamos educadores com a missão de garantir a permanência da criação de seres humanos "adequados" a normas pré-concebidas. Fazemo-nos surdos ao clamor de uma minoria que é lançada aos calabouços e condenada a viver nas sombras frias e escuras deste mundo. Minoria que numericamente é a maioria da população!





Com o tempo aprendemos palavras novas e bonitas e enriquecemos nosso vocabulário, mas nossas ações continuam empedernidas de preconceito revelando o que está no íntimo de nosso coração. Falamos de pedagogia da presença, mas não estamos presentes para os que mais necessitam de nossa mão amiga, nossa escuta atenta permanece surda diante aos clamores, nosso olhar é míope diante das injustiças cometidas diariamente, nossa voz é muda e para evitar sermos rotulados, continuamos caminhando e cantando e seguindo uma multidão de ditos normais.

Precisamos reconhecer que não viemos a este mundo para ensinar os outros a viver, sim para juntos aprendermos a viver e conviver. Reconhecer que não viemos para sermos juizes cegados pela nossa arrogância, prepotência, hipocrisia e ignorância, que reparam no argueiro dos olhos de seus semelhantes, porém não veem as traves de seus próprios olhos. Viemos para agregar e contribuir para que todos tenham vida com abundância, cresçam, floresçam, e unidos criarmos caminhos de liberdade e beleza.

Quantas vidas ainda precisamos perder? Quantos talentos desperdiçados? Quanto sangue ainda precisa ser derramado para se entender que somos todos? De onde vem tanto ódio, tanto medo do diferente?



Quanto mais busco respostas para tanta discriminação, desumanização, desprezo, ódio, preconceito, injustiças, mais descubro que só o amor pode derrubar tantas barreiras, reconstruir caminhos. Um amor bondoso e paciente, que não maltrata, sem interesses, um amor que é transcendental e imortal, amor que se entristece diante das injustiças e que busca reconhecer a verdade, amor que sofre com a dor dos outros, amor que acolhe as diferenças, amor que estende as mãos e caminha junto com os demais, mais me percebo que só o amor é capaz de transformar, um amor que tudo suporta, um amor acolhedor, destituído de interesse.





Nossa expectativa é criarmos espaços para os educadores refletirem sobre temas tão delicados e sensíveis como o da Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero. Que possamos conseguir em um futuro próximo transformar nossa postura, a nossa educação e nossa sociedade e juntos construirmos um mundo mais justo e capaz de reconhecer e respeitar a humanidade em todas as pessoas independente de sua raça, credo, cor, religião, gênero, etnia, orientação sexual etc.

Sonho com o dia em que a humanidade não precisará compensar suas injustiças impostas pelos senhores desta Terra, com utilização de cotas para a população minoritária. Sonho com um planeta mais humanizado em que as pessoas desalmadas que se sentem no direito de rotular seus semelhantes, decidindo quem serão vencedores ou perdedores, não mais tenham direito de estar no comando de nossas vidas! Sonho com o dia que seremos valorizados e reconhecidos pela nossa competência, caráter, honestidade e humanidade e não selecionados pela nossa origem, pelo colorido de nossas peles, gênero ou credo, e que tudo isto não seja impedimento para que ocupemos os espaços que há no mundo!



E hora de reconhecermos o outro como uma extensão de nós mesmos, reconhecer que estamos todos conectados, somos muito mais parecidos que imaginamos, viajantes de uma mesma espaçonave neste Universo.



Refletamos sobre nossa realidade e uma passagem do livro de William Shakespeare "O Mercador de Veneza": "então o "diferente" não possui olhos? O "outro" não possui mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afeições, paixões? Não é alimentado pelos mesmos alimentos, feridos com as mesmas armas, sujeito às mesmas doenças, curado pelos mesmos meios, aquecido e esfriado pelo mesmo verão e pelo mesmo inverno que os seus "juizes"? Se nos picais, não sangramos? Se nos fazeis cegas, não rimos? Se nos envenenais, não morremos? E se vós nos ultrajais, não nos vingamos?"





Sonho com o dia em que nossos filhos possam passear em segurança, caminhar tranquilamente em qualquer lugar do mundo sem serem perseguidos, hostilizados, humilhados ou covardemente assassinados por mãos sanguinárias, por monstros disfarçados de homens e mulheres de bem. Por isso prossigo nessa árdua luta, realizando orientações pedagógicas, levando os educadores a repensar suas práticas cotidianas para que cada possa construir espaços mais inclusivos e saudáveis para todos.

Procuremos nos conhecer melhor, reconhecer nossas fragilidades, erros e falhas, julgar menos e compreender mais, deixar de querer mudar o outro e procurar consertar a si mesmo, tornando a cada dia uma versão melhor de ser humano, exercitando o que Gandhi nos ensinou: "seja a mudança que deseja ver no mundo".

Adriano continue fazendo a diferença, sendo a mudança necessária para que nosso mundo se torne um lugar mais fraterno, generoso e feliz. Obrigada pela gentileza e o abraço sempre acolhedor.



Apiai, 24 de março de 2023.

M.G.L.S.

Supervisor de Ensino- DER Apiai/SP

